

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL: MESTRADO

000150729

DESEMPENHO E AUTO-ESTIMA EM
JOGADORES PROFISSIONAIS E AMADORES DE FUTEBOL
ANÁLISE DE UMA REALIDADE E IMPLICAÇÕES EDUCACIONAIS

POR

CLAUS DIETER STOBÄUS

Porto Alegre, 1983

ORIENTADOR:

Prof. Dr. JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA

- . Livre Docente em Psicologia da Educação
- . Doutor em Pedagogia
- . Mestre em Educação-Psicologia Educacional
- . Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- . Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

5863d Stobäus, Claus Dieter
 Desempenho e auto-estima em jogadores profissionais e amadores do futebol: análise de uma realidade e implicações educacionais / Claus Dieter Stobäus. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 1983.
 210f.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
 CDU: 37.015.3
 159.923.2.004.17:796.332.071.22/.24
 796.332.071.22/.24:159.923.2.004.17
 159.9:796
 796:159.9
 159.922.62
 159.922.8 ○

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA O CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Psicologia educacional
 37.015.3

Auto-estima: Desempenho: Futebol: Jogadores amadores: Jogadores profissionais
 159.923.2.004.17:796.332.071.22/.24

Desempenho: Auto-estima: Futebol: Jogadores amadores: Jogadores profissionais
 159.923.2.004.17:796.332.071.22/.24

Futebol: Jogadores amadores: Jogadores profissionais: Auto-estima: Desempenho
 796.332.071.22/.24:159.923.2.004.17

Jogadores amadores: Jogadores profissionais: Futebol: Auto-estima: Desempenho
 796.332.071.22/.24:159.923.2.004.17

Jogadores profissionais: Jogadores amadores: Futebol: Auto-estima: Desempenho
 796.332.071.22/.24:159.923.2.004.17

Psicologia do esporte
 159.9:796

Esporte: Psicologia
 796:159.9

Psicologia do adulto
 159.922.62

Adulto: Psicologia
 159.922.62

Psicologia do adolescente
 159.922.8

Adolescente: Psicologia
 159.922.8

Este trabalho foi inspirado e faz parte de uma pesquisa maior, intitulada *A auto-realização do Adulto*, orientada pelo Prof. Dr. Juan José Mourinho Mosquera.

DEDICATÓRIA:

... se tornara o homem mais importante na vida de Charles. Era um desses mestres disciplinados que são ao mesmo tempo infinitamente pacientes, transmitindo não apenas informações, mas também atitudes estudiosas, um amor ao estudo, técnicas de pesquisa e métodos com os quais assimilar os campos do esforço humano. Ele nunca se mostrava enfadado, didático ou ditatorial; ensinava com espírito, uma sensação de entusiasmo e envolvimento. Por sua experiência, Charles sabia que esse tipo de professor era raro, e uma bênção para os estudiosos e estudantes em volta dele.

In STONE, Irving. **A origem - romance biográfico de Charles Darwin**. Rio de Janeiro, Record, 1981.

PARA TI MOSQUERA, QUE REPRESENTAS ESTE MESTRE.

C.D. STOBÄUS

"Porto Alegre, 14 de novembro de 1997. Não lembro bem quem começou, mas foi com os dirigentes da dupla Gre-Nal. Tudo por causa da transferência de um jogo entre o Grêmio e o Fortes e Livres de Muçum, que tinha subido para a primeira divisão. Os cartolas do Inter não gostaram e responderam com algumas ofensas por rádio e televisão. Elas foram vistas pelo presidente gremista na sua tevê de bolso que foi procurar um repórter, com palavras tão duras quanto àquelas que tinha ouvido. O Inter tinha uma partida difícil pelo Americano Universitário, ressuscitado por um grupo de netos dos antigos atletas, e não queria saber de dar folga ao Grêmio. Tentou-se uma reunião na Federação Gaúcha de Futebol, convocada às pressas pelo seu presidente, mas não houve nenhuma solução. Contam, que no meio da conversa os ânimos começaram a se alterar, alguém perguntou se não era melhor terminar o assunto lá fora, todos toparam. Houve sangue, cabeças quebradas e dentes perdidos. Uma semana depois, a briga não terminara. Torcedores faziam guerrilha, seqüestravam jogadores um dos outros, até que começaram a surgir os franco-atiradores. Em cada esquina havia alguém com uma pistola de raio-laser, pronto para eliminar o adversário. Daí, acabou o futebol no Rio Grande do sul." (Paulo Burd)

(Extraído do jornal ZERO HORA, 14.11.82, pág. 52).

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho gostaríamos de agradecer de forma penhorada às seguintes pessoas:

. Dra. Lucila Costi Santarosa, pela inestimável ajuda propiciada na orientação estatística, bem como pela sua gentileza em todos os momentos de atendimento.

. Prof. Fernando Lang da Silveira, pela amizade e prontidão nos esclarecimentos prestados.

. Dr. Paulo Schütz e Dra. Carmen L. B. de Solari, pelo seu auxílio na validação dos instrumentos.

. Dra. Angela Biaggio, pela estimuladora apreciação do projeto desta investigação.

. Professora Mirian S. Hennemann, pela amizade e estímulo que tanto nos incentivaram.

. Dr. Francisco Camargo Netto, pelo constante apoio e interesse demonstrados.

. Edith e Otto Stobäus, meus pais, por tudo aquilo que representam e me propiciaram.

. Colegas de profissão e áreas afins, pelos materiais, informações e disponibilidade oferecidos.

. Sujeitos desta investigação, pela acolhida generosa e abertura pessoal e grupal na coleta dos dados. Estes atletas demonstraram um **verdadeiro espírito desportivo**, por isto lhes agradecemos profundamente.

O Autor.

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS	i
LISTA DE QUADROS	v
LISTA DE ESQUEMAS	vi
LISTA DE GRÁFICOS	vii
LISTA DE TABELAS	viii
RESUMO	x
ABSTRACT	xii
RESUMEN	xiv
PARTE I - CONTEXTO CONCEITUAL	1
CAPÍTULO 1 - Características Psicossociais da Adolescência e Adultez Jovem	3
CAPÍTULO 2 - Desporto: Significação Cultural, Social e Educacional	24
CAPÍTULO 3 - Desempenho e Auto-Estima: Significado Individual e Repercussões grupais	44
CAPÍTULO 4 - Estudos e Pesquisas Relevantes	62
Quadro I - Síntese da Fundamentação Conceitual ...	75
PARTE II - DINÂMICA DA INVESTIGAÇÃO	76
CAPÍTULO 5 - Contexto da Investigação	78
CAPÍTULO 6 - Instrumentação e Mensuração	86
CAPÍTULO 7 - Análise de Dados: Discussão dos Resul- tados das Tabulações das Observações dos Desempenhos	93

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Síntese da Fundamentação Conceitual	75
QUADRO II - Proposições Educacionais	183

LISTA DE ESQUEMAS

ESQUEMA I - Dados informativos (profissionais)	95
ESQUEMA II - Dados informativos (amadores)	98
ESQUEMA III - Pontuação utilizada para obter o escore Z de desempenho	101

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Fases Existenciais na Vida Infanto-Juvenil ...	6
GRÁFICO 2 - Ciclos da Vida Infanto-Juvenil	7
GRÁFICO 3 - Fases Existenciais na Vida Adulta	17
GRÁFICO 4 - Ciclos da Vida Adulta	18
GRÁFICO 5 - Dinâmica do Desempenho	51

LISTA DE TABELAS

TABELA	1 - Desempenho no jogo 1 - profissionais	104
TABELA	2 - Desempenho no jogo 2 - profissionais	105
TABELA	3 - Desempenho no jogo 3 - profissionais	106
TABELA	4 - Desempenho no jogo 4 - profissionais	107
TABELA	5 - Desempenho no jogo 5 - profissionais	108
TABELA	6 - Desempenho no jogo 1 - amadores	109
TABELA	7 - Desempenho no jogo 2 - amadores	110
TABELA	8 - Desempenho no jogo 3 - amadores	111
TABELA	9 - Desempenho no jogo 4 - amadores	112
TABELA	10 - Desempenho no jogo 5 - amadores	113
TABELA	11 - Resumo das tabelas de Desempenho	114
TABELA	12 - Correlações das notas obtidas através da Tabulação das Observações do Desempenho com as notas dadas pela imprensa	115
TABELA	13 - Questionário de Auto-estima - profissionais primeira aplicação	121
TABELA	14 - Questionário de Auto-estima - profissionais segunda aplicação	121
TABELA	15 - Questionário de Auto-estima - amadores primeira aplicação	141
TABELA	16 - Questionário de Auto-estima - amadores segunda aplicação	141
TABELA	17 - Profissionais - pontos de AE inicial; AE Final; Diferença de AE e Desempenhos nos cinco jogos observados e suas correlações ..	162

TABELA 18 - Amadores - pontos de AE Inicial; AE Final; Diferença AE e Desempenho nos cinco jogos observados e suas correlações	164
TABELA 19 - Profissionais: escores, postos correspondentes e correlações - Resumo	167
TABELA 20 - Amadores: escores, postos correspondentes e correlações - Resumo	170

RESUMO

O presente estudo é uma tentativa de detectar as alterações ocorridas no *Desempenho* e na *Auto-estima*, bem como suas possíveis correlações, em jogadores profissionais e jogadores amadores de futebol, no transcurso de um campeonato de futebol. A pesquisa tem cunho eminentemente descritivo.

A amostra final foi de dezoito jogadores profissionais e vinte jogadores amadores de futebol, os quais responderam a um questionário ao início e após o final do campeonato de futebol, além de terem jogado, pelo mínimo, meio tempo de um dos cinco jogos observados em cada categoria.

Como instrumentos, foram utilizados: o *Questionário de Auto-estima*, adaptado do instrumento elaborado e utilizado pelo prof. Luiz A. Steglich (1978) e que, na nossa versão, teve a fidedignidade de 0,6499 (através do índice alfa de Cronbach); a *Ficha de Tabulação das Observações de Desempenho*, foi adaptada de uma já existente no clube, cuja fidedignidade foi de 0,391 (através do Coeficiente de Correlação Ordinal de Spearman), considerada satisfatória.

Os resultados obtidos indicaram que, tanto nos jogadores profissionais como nos amadores, se registraram variações diversas nos desempenhos individuais e de equipe, naque-

les jogos observados.

No que diz respeito à Auto-estima, os jogadores profissionais registraram uma *diferença* entre a primeira e a segunda aplicação do instrumento, que não chegou a ser significativa estatisticamente. Já nos jogadores amadores a *diferença* registrada entre a primeira e a segunda aplicação do instrumento foi altamente significativa estatisticamente.

Os jogadores profissionais perderam seu campeonato e os amadores ganharam o seu.

Nas diversas correlações estabelecidas entre o Desempenho e a Auto-estima, obteve-se somente alguns resultados estatisticamente significativos.

Este trabalho nos leva a crer que é necessário maior volume de pesquisas nesta área.

Finalmente, sugere-se aplicações educacionais, através de um quadro, das descobertas desta pesquisa, visando uma *melhor* formação do atleta, da equipe e do *ambiente* desportivo.

ABSTRACT

The present study was a tentative in attempt to detect the alterations who ocured in *Performance* and *Self-esteem*, as well as their possible correlations, within a professional soccer players group and a amateur soccer players group, along a Soccer Players Championship. The research is characterized as a descriptive one.

In the final sample were eighteen professional soccer players and twenty amateur soccer players, who answered a questionnaire at the beginning and after the final of the soccer players championship, and who played, by minimal, a half time of on of the five games observed in each category.

The instruments used were: a *Self-esteem Questionary*, adapted from the instrument made and used by Luiz A. Steglich (1978), who had a reliability of 0.6449 (by Cronbach's alfa Index) in our version; a *Observation of Performance Tabulation Table* was adapted from one used in the club, whose reliability was 0.391 (by Spearman Ordinal Correlation Coefficient), considered satisfactory.

The results obtained showed that professional soccer players and amateur soccer players registered diverse variations in the individual and group performances, in the observed

The Self-esteem results with professional players registered a *difference* between the first and the second application of the questionnaire, who was not statistically significant. With the amateur players the *difference* between the first and the second application of the questionnaire was highly statistically significant.

The professional soccer players lost their championship and the amateur soccer players won their.

By the diverse correlations between Performance and Self-esteem there were only some statistically significant results.

This work allow us to believe that it is necessary to have more researches in this area.

Finally, it is suggest educational applications, in a table, of the discovers of this research, for a *better* formation of athlete, group and desportive *ambient*.

RESUMEN

El presente estudio es una tentativa de detectar las alteraciones ocurridas en el *Desempeño* y en la *Autoestima*, así como las posibles correlaciones establecidas entre ellos, en jugadores profesionales y amadores de Fútbol, en el transcurrir de un Campeonato de Fútbol. La investigación tiene un carácter eminentemente descriptivo.

La muestra final fue de dieciocho jugadores profesionales y veinte jugadores amadores de fútbol, los cuales respondieron a un Cuestionario al inicio y al final del Campeonato de Fútbol, además de haber jugado, en lo mínimo, medio tiempo de uno de los cinco juegos observados en cada categoría de jugadores.

Como instrumentos se utilizaron: El *Cuestionario de Autoestima*, adaptado del instrumento elaborado y utilizado por el Prof. Luiz A. Steglich (1978) y que, en nuestra versión, presentó una confiabilidad de 0,6499 (a través del índice alfa de Cronbach), considerada satisfactoria. La *Ficha de Registro de las Observaciones del Desempeño* fue adaptada de una que ya existía en el Club y cuya confiabilidad fue de 0,391 (a través del coeficiente de correlación ordinal de Spearman), considerada satisfactoria.

Los resultados obtenidos indicaron que, tanto en los jugadores profesionales como en los amadores, hubo *alteraciones* diversas en los Desempeños individuales y de equipo, en los juegos observados.

A respecto de la Autoestima, los jugadores profesionales registraron *diferencia* entre la primera y la segunda aplicación del instrumento, pero no llegó a ser significativa estadísticamente. Ya en los jugadores amadores la *diferencia* registrada entre la primera y la segunda aplicación del instrumento fue altamente significativa estadísticamente.

Los jugadores profesionales perdieron su campeonato y los amadores ganaron el suyo.

En las diferentes correlaciones establecidas entre Desempeño y Autoestima se obtuvieron solamente algunos resultados estadísticamente significativos.

Este trabajo nos lleva a creer que es necesario un volumen mayor de investigaciones en esta área.

Finalmente se sugiere aplicaciones educacionales, a través de un cuadro, de los hallazgos de esta investigación, objetivando una formación *mejor* del atleta, del equipo y del ambiente deportivo.

PARTE I

PARTE I - CONTEXTO CONCEITUAL

Esta primeira parte se compõe de quatro capítulos, que desenvolvem os tópicos teóricos fundamentais que embasam a investigação. São: Características psicossociais da Adolescência e Adulter Jovem, considerações sobre o Desporto, análise crítica de Desempenho e Auto-Estima e pesquisas e estudos relevantes atinentes ao nosso tema.

O objetivo principal é tornar clara a problemática e ser base para a pesquisa.

CAPÍTULO 1
CARACTERÍSTICAS PSICOSSOCIAIS DA ADOLÉSCENCIA E
DA ADULTEZ JOVEM

Iremos abordar, neste capítulo, algumas das características mais relevantes do adolescente e do adulto jovem, especialmente focalizando o período entre os 16 e 35 anos de idade, aproximadamente.

As características que abordaremos estão a nos desafiar devido à nossa preocupação no conhecimento do comportamento do adolescente e do adulto, principalmente no tocante às suas performances dentro do futebol. Os adolescentes, em nossa realidade, correspondem, em geral, aos jogadores amadores e os adultos jovens têm correspondência com os jogadores profissionais. Às vezes ocorrem exceções, como no caso de um jogador de idade inferior a 20 anos, normalmente pertencente ao plantel amador, que ascende ao profissionalismo para suprir uma deficiência nesta equipe ou quando este adolescente revela-se como um jogador fora do comum em termos de desempenho. Muitas vezes, é claro, haveria um despreparo muito grande quando ocorre esta ascensão repentina, em termos de alterações psicológicas, de uma faixa de idade para outra.

Posto isto caberia salientar que o estudo destas características do adolescente e adulto jovem se desenvolve dentro de uma linha que tem como paradigma toda a vida humana. A rigor a adolescência e a adultez jovem são etapas desta vida humana. Hoje diversos autores, entre eles Hurlock (1980), Papalia et Olds (1981) e Mosquera (1982a), caracterizam toda vida humana como um desenvolvimento contínuo que se dá desde

mesmo antes do nascimento até a morte. Durante estas etapas da vida, a infância, a adolescência, a adultez e a velhice, acontecem formas de crescimento e desenvolvimento bem como de declínio.

O desenvolvimento humano é considerado como um contínuo crescimento para a própria existência e nesta dissertação consideramos a adolescência e a vida adulta como momentos específicos deste crescimento e nos questionamos até que ponto ele nos pode esclarecer e nos ajudar a entender o desempenho dos seres humanos em diferentes circunstâncias, mas especialmente em termos de futebol.

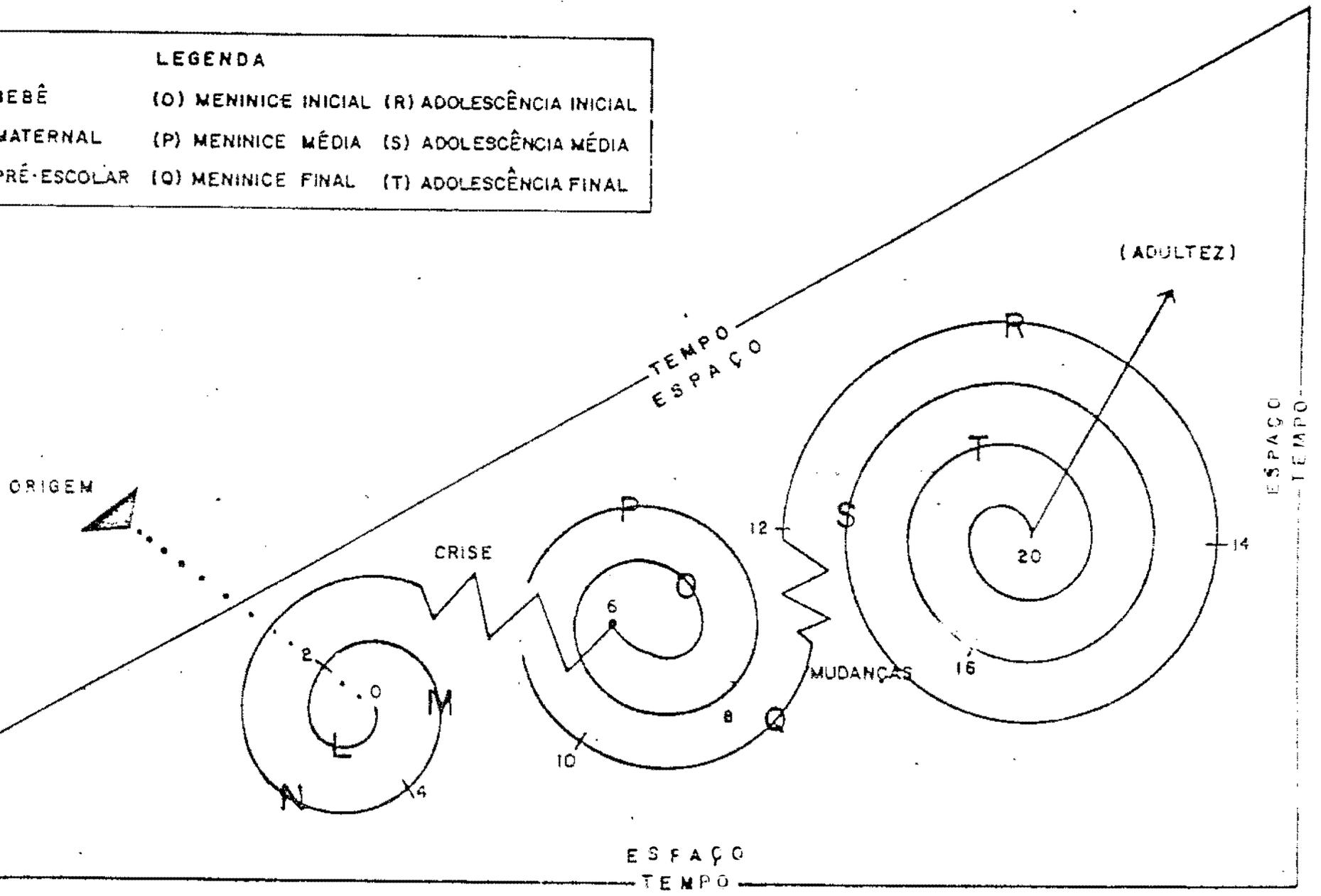
Ao tratarmos da Adolescência, podemos enquadrá-la no que Mosquera (1982a) denomina de ciclos da vida infanto-juvenil. Corresponde a adolescência, nesta teorização, ao terceiro círculo. O primeiro círculo ou ciclo é o correspondente ao infante (aproximadamente dos 0 aos 6 anos de idade) e o segundo círculo é o correspondente à meninice (aproximadamente dos 6 aos 12 anos de idade). Este terceiro ciclo inicia-se, aproximadamente, aos 12 anos e se encerra, também aproximadamente, aos 20 anos de idade (veja-se gráficos 1 e 2).

Esta Adolescência está determinada pelo espaço e pelo tempo. Considera este autor que a adolescência é um fenômeno psicossocial, especialmente cultural. Mosquera se embasa em outros autores, especialmente em Hurlock (1979). Para esta autora a adolescência é um fenômeno nitidamente biológico, psicológico e social, com características próprias dentro de determinantes culturais.

Na teoria de Mosquera, a Adolescência aparece divi-

CICLOS DA VIDA INFANTO-JUVENIL

LEGENDA		
(L) INFANTE BEBÊ	(O) MENINICE INICIAL	(R) ADOLESCÊNCIA INICIAL
(M) INFANTE MATERNAL	(P) MENINICE MÉDIA	(S) ADOLESCÊNCIA MÉDIA
(N) INFANTE PRÉ-ESCOLAR	(Q) MENINICE FINAL	(T) ADOLESCÊNCIA FINAL



dida em três sub-fases: a primeira se delimita, aproximadamente, entre os 12 e 14 anos de idade, é convencionalmente chamada *Puberal* propriamente dita ou *Primeira Adolescência*.

Abrange todos os momentos comportamentais e determinantes de uma mudança dramática nos aspectos físicos, bem como no novo dimensionamento e preparo para uma possível vida adulta. Acrescenta Mosquera que esta primeira adolescência tem um significado especial e profundo pois supõe um preparo para a própria vida adulta, isto é, estar pronto para assumir formas sexuais e sociais que tornam a pessoa praticamente terminal em seu preparo reprodutor.

Hargreaves (1977) parece coincidir com estas formulações quando analisa o Ego e o corpo, chamando a atenção para as modificações que acontecem quando o ser humano passa pelas mudanças corpóreas, as quais podem afetar a sua auto-imagem e auto-estima.

Na verdade, o problema da adolescência nesta fase Puberal apresenta um sentido muito importante e significativo porque se estruturam e dimensionam todos os valores que se encontram em alteração nesta etapa da vida humana.

A segunda sub-fase, considerada por Mosquera como a *Adolescência Média*, apresenta-se, aproximadamente, entre os 14 e 16 anos de idade. É a plenitude da Adolescência, correspondendo aos questionamentos em termos de identidade, auto-imagem e auto-estima. São, de certa maneira, dois aspectos antagônicos que lutam entre si, um corpo aparentemente terminado, já adulto, e um desenvolvimento intelectual nem sempre o suficientemente amadurecido, os quais se defrontam, repentinamen-

te, com toda uma estrutura familiar e social. Muitas vezes ela tende a tornar o jovem ainda dependente, pois não possui ou não consegue recursos para poder viver do seu próprio esforço e trabalho. A dependência do adolescente desta sub-fase o torna muito crítico, extremamente voltado para si mesmo, com um desejo de imitar o adulto mas, ao mesmo tempo, rejeitá-lo porque deseja se libertar dele.

Hargreaves (1977) também chama a atenção sobre a cultura juvenil quando coloca que, dentro desta cultura que já faria parte da própria cultura adulta, se encontra a idéia muito importante de que os pais e os outros adultos podem servir como modelos, entanto que pode existir um grupo de referência de iguais, servindo também como modelo. Coloca que poderiam acontecer três situações específicas: o grupo de iguais forma uma referência positiva e os adultos uma negativa; o grupo de iguais forma referência negativa e os adultos formam uma positiva; os dois formam referência positiva.

Este autor nos chama a atenção sobre os aspectos dos grupos, bem como sobre o significado da própria cultura adulta na vida do adolescente, como formadores do processo de auto-imagem e auto-estima. Cita também a pesquisa de Colemann, mostrando os diferentes aspectos que se sucedem na sociedade norte-americana, apresentando elementos relevantes, já que a dinâmica de analisar o dimensionamento do adolescente em relação ao adulto pressupõe uma série de intercâmbios de rejeição e aceitação, de valor extremamente poderoso na concepção e desenvolvimento de toda uma identidade pessoal.

Segundo Mosquera, a última sub-fase, *Adolescência Fi-*

nal, se situa entre os 16 e os 20 anos de idade, aproximadamente. Corresponde, na nossa cultura, ao jovem que está praticamente pronto para assumir uma carreira ou profissão. Estes anos, que deveriam ser considerados de autonomia, são ainda de retenção por parte da família e da sociedade.

Muitas vezes a adolescência é de cunho muito mais social do que biológica ou psicológica, muito dependente também da cultura e, especialmente, classe social, visto que estas colocações se referem muito mais às classes médias propriamente ditas.

Hurlock (1979) considera também a última adolescência a partir dos 17 anos de idade.

Os autores são bastante unânimes em afirmar que esta última sub-fase da adolescência é de valor significativo porque encerra um passo para a vida próxima de adulto jovem e torna este processo como que uma parte da aprendizagem dos modelos e valores dos adultos.

Lidz (1983), analisando a Adolescência, e especialmente a Adolescência Final, se refere à crise de identidade. Esta responde à pergunta: *quem sou eu?*

Segundo este autor é uma temática muito repetida, com inúmeras variações, pelos que estão passando por esta fase. É uma questão que perturba, muito mais inconsciente do que propriamente conscientemente. O jovem se encontra em um momento de achar-se a si mesmo e exatamente isto se torna um grande problema. O rapaz ou a moça necessitam saber o que fazer das suas vidas, que tipo de papel social deverão de ter como um

Diz Lidz que o indivíduo se dá conta vagamente, gerando uma angústia pessoal, de que, se não tomar decisões, o tempo as tomará no seu lugar. Se acha responsável por uma eleição independente e esta eleição causa perplexidade e transtornos, em alguns casos provocando até profundos desesperos.

A formação da identidade, muito trabalhada por Erikson (1971), pode ser analisada como a transição da Adolescência à Idade Adulta, implicando em chegar a ser, por direito próprio, uma pessoa. Não ser o filho de alguém ou um número a mais, é a coesão e síntese de um processo que se foi desenvolvendo desde o nascimento e se consubstancia em uma individualidade.

Assim se tende, através deste processo, a preservar a identidade apesar das vicissitudes da vida, no presente e no futuro.

Ao passar pelas fases evolutivas se nota que houve, em cada uma delas, um tipo de identidade. Estas identidades parciais vão se achar agora na realidade da própria pessoa, quando ela necessita encontrar uma identidade do Ego. Ele se integra através do seu desenvolvimento psicosssexual, da sua capacidade intelectual e a própria dimensão afetiva e emocional deste ser humano que se dá conta da própria interioridade e a coloca para o mundo.

Diz muito bem Erikson que o conceito identidade não pode definir-se em termos precisos. Prefere este autor analisá-la desde o ponto de vista de uma formação que emerge como configuração e que se desenvolve e evolui gradualmente, por sucessivas sínteses de si mesmo durante a infância. Acrescen-

ta que é uma configuração que integra gradualmente as qualidades constitucionais, necessidades libidinosas e idiosincrá-ticas, capacidades favorecidas, identificações significativas, defesas e sublimações eficazes e os papéis consistentes.

Creemos que o conceito de identidade do Ego implica também a consecução da homeostase do Ego e da personalidade, que absorve o impacto das influências que atuam sobre a pessoa e tende a resistir às mudanças radicais ao perpetuar-se. Poderíamos dizer que a identidade representa o que uma pessoa percebe e como o que percebe influi notoriamente no desenvolvimento posterior dos traços de personalidade.

Salienta Pikunas (1979) que, nesta fase da adolescência, a maioria dos jovens pondera sobre que tipo de pessoas gostaria de ser, para que serve a vida, que metas relevantes poderia estabelecer e alcançar. Ainda ressalta que o adolescente, à medida que se desenvolve, escolhe um dos muitos estilos de vida que são possíveis porque aceita e fortalece sua identidade adulta.

Os padrões comportamentais em relação à família chegam a seu final mas ainda continuam influenciando nas relações interpessoais e nas de grupos posteriores.

As diretrizes parentais têm sido interiorizadas no Superego, porém o mais importante é que muitas delas se têm aproximado mais do núcleo do Ego, passando a ser funções dele.

O ser humano se dá conta dos padrões culturais, do sistema social no qual ele vive, por isto ele adapta um papel para a sua própria vida.

Todo significado da *Adolescência Final* pode ser colocado dentro desta dimensão de identidade e de escolha de papéis sociais. O adolescente está ansioso para provar a sua competência, bem como seu próprio desempenho se tornar valorativo, em uma sociedade em mudança.

Em culturas em desenvolvimento é relativamente difícil precisar como se processa a formação da identidade. Parece ser que não existem padrões referenciais muito claros para que o adolescente, que já entra praticamente na vida adulta, se sinta realmente membro efetivo de uma sociedade de valores contraditórios e cujas colocações sempre são mais oportunistas do que propriamente humanas em seu sentido mais profundo.

Ainda poderíamos acrescentar que esta *Adolescência Final* é o preparo para a vida adulta como tal. Nela o jovem se sente a um passo de assumir o papel de adulto, muito embora nem sempre este papel lhe seja suficientemente esclarecido. Por outro lado, em nossa sociedade, e especialmente nas classes médias, grande parte dos jovens entre os 18 e 20 anos de idade ainda não abandonou o lar paterno. Mesmo que continuem os estudos a nível de segundo grau ou universidade, eles são extremamente dependentes dos adultos, pois deles recebem moradia, alimentação, pagamento dos estudos bem como mesadas, muitas vezes bem alentadas.

É recente o estudo da *Vida Adulta*. Os autores americanos pesquisam, nos últimos tempos, as características do ser adulto, da velhice e também da morte. Na nossa realidade, Mosquera tem se preocupado por este tema, já há alguns anos. Na sua obra *Vida Adulta* (1983), lançada em 1978, afirma que o

acesso ao equilíbrio mental, segundo Hubert, assinala o fim da adolescência e inaugura a idade adulta jovem.

Ainda, segundo as colocações de Hubert, é um período em que as grandes sínteses mentais começam a aparecer como formas típicas do comportamento. Diz este autor que a adolescência parece ter representado a última das grandes oscilações do desenvolvimento psicológico e, quando se chega ao seu término, está plenamente adquirida a discriminação entre objeto e sujeito.

Na verdade, o fim da adolescência não se realiza de maneira abrupta. Na sua teorização mais recente, Mosquera (1982a) nos chama a atenção sobre a passagem da adolescência para a vida adulta através de algumas características importantes.

A primeira assinalada pelo autor é: deixando a família. Há um aumento da distância entre o si mesmo e os pais, caracterizando-se como uma pessoa que ganha a própria vida e se afirma no campo do trabalho. A afirmação do adulto jovem se dá de acordo com um quadro de valores que se está estruturando e desenvolvendo, em alguns casos é bem diferente do dos pais.

Outra característica importante é o aspecto qualitativo do relacionamento entre o adulto jovem e o adulto médio, criando, em consequência, uma distância emocional entre o adulto jovem e seus pais, que se consubstancia na criação de um novo lar.

Também seria característica: entrando no mundo adulto. Pressupõe lutar contra um ambiente cheio de preconceitos

e convenções, um ambiente muitas vezes dirigido pelos convencionalismos. A pessoa adulta tem necessidade de entender este mundo para poder compreendê-lo e, ao mesmo tempo, situar-se nele.

Um autor que tem trabalhado com a dimensão da vida adulta é Levinson (in Mosquera, 1982b). Para este autor a vida adulta aparece como uma série de momentos específicos, nos quais se dão os seguintes aspectos característicos: pode-se deixar a família entre os 16 e 24 anos, em alguns casos ele coloca esta transição dos 18 aos 22 anos. Já Burnside et alii (1979) posicionam o Adulto Jovem em torno dos 20 anos.

A entrada no mundo adulto se dá entre os 20 e 28 anos e pressupõe a tentativa de se estabelecer. Dos 28 aos 33 anos, com uma transição aos 30, se daria a primeira grande crise, a pessoa passa a se reexaminar, reafirmando e dando-se conta dos seus comprometermentos.

O adulto jovem se caracteriza por uma grande vitalidade e uma valorização da individualidade. Segundo Mosquera (1983), o adulto jovem está dotado dos mais fortes impulsos, os quais se manifestam tanto na impulsividade como no emprego da força propriamente. Seu estado de espírito alcançou um elevado nível perante a vida que ele viveu. Salienta o autor que a alegria de viver e o prazer da existência fornecem para o adulto jovem perspectivas. Acrescentaríamos que, além das perspectivas, este adulto jovem também apresenta problemas, que se manifestam na sua incessante luta para conseguir um emprego bem remunerado, para poder triunfar na vida e dar significado e valor à sua própria pessoa.

Por isto a crise social de qualquer adulto jovem estará, obviamente, determinada pelos valores sociais que ele empossa em determinada cultura. Como notamos, estes valores variam de sociedade para sociedade e mesmo de grupo para grupo.

É evidente que este jovem adulto é continuação do adolescente final e, segundo Mosquera (1982b), este adulto estabelece um critério de reconhecimento da sua adulez, que ele denomina de dialética da ambigüidade. Assim o adulto jovem apresenta uma estruturação mais profunda de si mesmo, sentimentos mais sólidos, procura de um estatus profissional e social que lhe garanta a afirmação na vida.

Notamos também como característica o estabelecimento de um sentido gregário, procurando apoiar-se no seu grupo etário através da adoção de atitudes e valores tomados dos adultos médios.

A afetividade joga papel importante, é a fase da vida na qual as eleições amorosas, principalmente no seu início, têm um significado profundo e dramático.

Segundo Mosquera se poderia estudar o *Adulto Jovem* nas seguintes sub-fases. *Adulez Jovem Inicial*, entre os 20 e 25 anos, aproximadamente. De certa maneira é a fase que corresponde ao final da adolescência. *Adulez Jovem Plena*, entre os 25 a 35 anos, aproximadamente. Finalmente a *Adulez Jovem Final*, compreendida, aproximadamente, entre os 35 e 40 anos de idade, denominada também de *Pré-Adulez Média* (veja-se gráficos 3 e 4).

FASES EXISTENCIAIS NA VIDA ADULTA

PRIMEIRA FASE



SEGUNDA FASE



TERCEIRA FASE



ADULTEZ JOVEM INICIAL

ADULTEZ MÉDIA INICIAL

ADULTEZ VELHA INICIAL

IDADE APROXIMATIVA: 20 A 25 ANOS
(FIM DA ADOLESCÊNCIA)

IDADE APROXIMATIVA: 40 A 50 ANOS

IDADE APROXIMATIVA: 65 A 70 ANOS



ADULTEZ JOVEM PLENA

ADULTEZ MÉDIA PLENA

ADULTEZ VELHA PLENA

IDADE APROXIMATIVA: 25 A 35 ANOS

IDADE APROXIMATIVA: 50 A 60 ANOS

IDADE APROXIMATIVA: 70 A 75 ANOS



ADULTEZ JOVEM FINAL

ADULTEZ MÉDIA FINAL

ADULTEZ VELHA FINAL

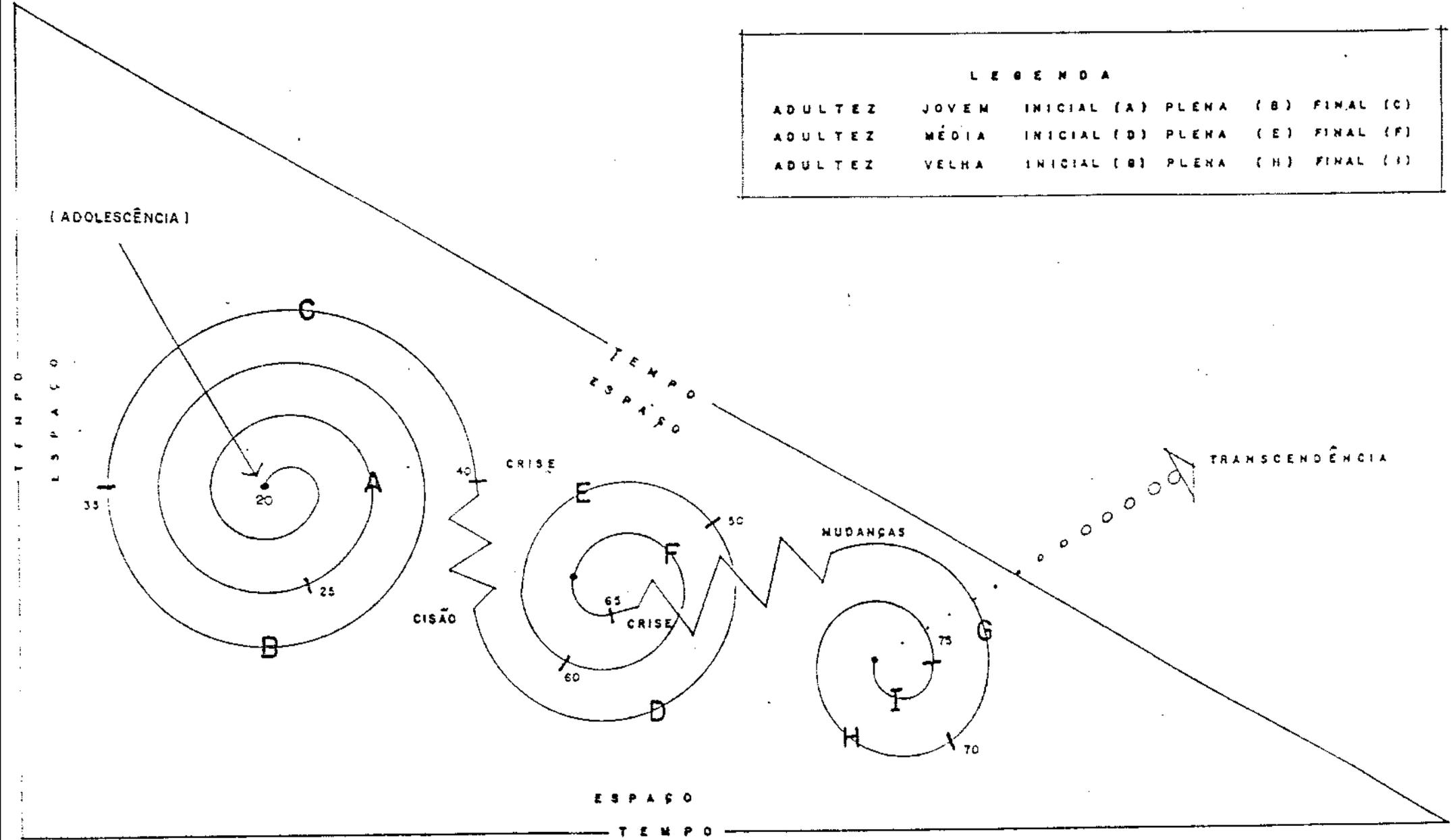
IDADE APROXIMATIVA: 35 A 40 ANOS
(PRÉ-ADULTEZ MÉDIA)

IDADE APROXIMATIVA: 60 A 65 ANOS
(PRÉ-ADULTEZ VELHA)

IDADE APROXIMATIVA: 75 PARA A NORTE
(DINÂMICA TERMINAL)

CICLOS DA VIDA ADULTA

L E G E N D A					
ADULTEZ JOVEM	INICIAL (A)	PLENA (B)	FINAL (C)		
ADULTEZ MÉDIA	INICIAL (D)	PLENA (E)	FINAL (F)		
ADULTEZ VELHA	INICIAL (G)	PLENA (H)	FINAL (I)		



Para efeitos deste nosso trabalho vamos considerar as etapas *Adulter Jovem Inicial* e *Adulter Jovem Plena*.

Na *Adulter Jovem Inicial* teríamos como comportamentos mais freqüentes: a dimensão de um novo lar, formando uma vida adulta, afirmando amizades, desenvolvendo vínculos sexuais, estilizando estrutura de vida inicial.

O estabelecer um novo lar pressupõe uma vivência própria ou com algum tipo de companhia, na qual a pessoa desenvolve uma dinâmica de responsabilidade e de auto-suficiência. Neste sentido se quebram os laços de dependência para com a família paterna e ocorre uma nova dinâmica personalógica no desenvolvimento do si mesmo. Um novo lar não é apenas uma forma simbólica de se afirmar na vida mas uma forma bem específica de estabelecer um dimensionamento condicional do próprio desempenho e da própria estrutura na vida em sociedade.

O formar uma vida adulta pressupõe se sentir responsável pela própria pessoa ou por outras pessoas que nos rodeiam. É a responsabilidade da dimensão psicológica de trabalho e de responsabilidade social.

Formar amizades pressupõe o encontro de afinidades entre as pessoas da mesma faixa etária. A rigor as amizades do *Adulto Jovem*, em princípio, são muito epidérmicas mas, com o tempo, elas procuram se tornar profundas para encontrar aquilo que Erikson (1971) denomina de sentido da intimidade.

Por isto há busca de convivência para poder se afirmar e, ao mesmo tempo, compartilhar a identidade adquirida.

Desenvolver vínculos sexuais significa, por impor-

tante que seja, principiar a tentativa de conhecer outras pessoas através da união física, isto é, o encontro sexual. Segundo Lidz (1983), este encontro é da máxima importância para poder estabelecer uma forma de complementação com uma outra pessoa. Esta intimidade alivia as tensões e implica em uma absorção total que suprime as preocupações, podendo conduzir as pessoas a crer que ninguém mais experimenta tanto prazer quanto elas. A realização do ato sexual estreita a união, entanto que a frustração tende a separar as pessoas, deixando um vazio na sua própria satisfação.

Outro aspecto bastante fundamental estaria no chamado estilo de vida. Consiste nas opções que a pessoa deve realizar e que, fatalmente, são feitas entre os 20 e os 30 anos de idade, a procura de uma dimensão profunda às suas próprias ações, se consubstanciando em seu trabalho e desempenho.

Em termos de desporto, este é o momento em que os desportistas se devem de dar conta do seu significado e valor como pessoas mas também como profissionais. Aqui vai influir uma identidade personalógica que aparece nas obras específicas, desempenhos nos treinamentos e, especialmente, nos momentos competitivos.

A segunda sub-fase, segundo Mosquera (1982b), abrangendo dos 25 aos 35 anos de idade, se denomina de *Adulter Jovem Plena*.

Nos chama a atenção o autor que plena não tem uma significação terminal, representa que o jovem vive um momento no qual toda sua existência se condensa com a força de sua problemática. Acrescenta o autor que são os problemas que vi-

vem o ser humano e não o ser humano que vive os problemas.

Esta idéia é relevante porque, de repente, a própria dinâmica pessoal se torna muito importante e o indivíduo passa por uma transição, próximo dos 30 anos, onde estabelece um dimensionamento altamente crítico sobre sua própria pessoa e irrompe sua primeira grande crise existencial como adulto.

Aqui ele se questiona sobre o próprio desenvolvimento e capacidade na sociedade. Esta idéia coincide com as idéias de Levinson (in Mosquera, 1982b), quando coloca que entre os 28 e 33 anos a pessoa instiga seu próprio comportamento e analisa sua dimensão personalógica, dando a esta um sentido muito próprio.

Aprofundando um pouco mais neste aspecto de crítica que ocorre por volta dos 30 anos, Mosquera nos coloca que ao redor desta idade parece surgir uma crise em termos de auto-imagem e auto-estima. Estaria mais ligada a desempenhos afetivos, sexuais mas especialmente profissionais. Esta problemática apareceria talvez um pouco mais cedo, ou ainda mais tarde, consiste na necessidade intensa de relacionar-se intimamente com alguém que não apenas dê prazer mas complete a pessoa, a torne mais madura afetiva e intelectualmente.

É nestes momentos que este Adulto Jovem nota a necessidade de solidificar os seus valores e encontrar ressonância em outrem.

Estas idéias colocadas por Mosquera têm correspondência com as colocações de Papalia et Olds (1981).

Parece que, mesmo que todos passemos por esta crise, nem todos têm nítida consciência desta dimensão existencial. Alguns apresentam uma notória fuga de si mesmo, com substituição daqueles sentimentos por uma ambição desmedida ou uma atividade desenfreada.

A fase dos 30 aos 35 anos é uma etapa, especialmente após ter passado e ter superado esta crise existencial, em que se solidifica aqueles aspectos pelos quais tanto se lutou nas etapas anteriores. Um deles é possuir uma auto-imagem firmemente estabelecida, compartilhar com outras pessoas intimidade e valor vivencial. Também é dar-se conta das características gerativas que todos possuímos em potencial e pô-las em prática, através de ser um marido ou pai, bem sendo um profissional que cuide dos outros e se preocupe por eles, auxiliando-os.

Estes momentos são de grande importância e decisão existencial, quando a pessoa pesa e valoriza suas ações e desempenhos e, idealmente falando, deve aperceber-se de sua energia e de seu valor. Infelizmente, nas sociedades industriais e pós-industriais, raramente o Adulto Jovem desta idade tem a possibilidade de fazer uma análise mais profunda, crítica e madura de si mesmo.

Pikunas (1979) destaca como sendo muito importantes, nesta fase inicial, a interdependência emocional, mais em sentido de se conseguir uma autonomia relativa; interdependência social, como aceitação da pessoa na sociedade adulta pelos seus conhecimentos, e principalmente ações consideradas maduras; interdependência econômica, a autonomia e capacidade de auto-

sustento; formação de um lar, problemática muito discutida nos tempos atuais, especialmente devido a questões interpessoais, sociais e econômicas.

Sintetizando podemos colocar que o *Adolescente Final* e o *Adulto Jovem* representam um campo muito fértil de análise, especialmente ligando estas características aos jogadores de futebol. São eles colocados frente a um público e meios de comunicação de massa que nem sempre estão cientes do que se passa intimamente nestas pessoas. Se tem usado e abusado, sem consideração, destes seres humanos como ídolos, modelos, ou apenas mercadorias à venda ou troca sem, na verdade, detectar suas expectativas, anseios, problemáticas, necessidades e mais ainda da sua *Educação*, considerada aqui no sentido holístico.

Salientaríamos também que esta divisão em fases existenciais, bem como a subdivisão em ciclos, visa dar uma concepção mais dinâmica, dentro de uma teorização humanista-existencial. Os aspectos salientados devem ser analisados sempre dentro de possíveis variações devidas aos fatores sócio-econômico-culturais em que está inserida a pessoa, bem como a lembrança de que o desenvolvimento humano é singular é único como tal.

CAPÍTULO 2
DESPORTO - SIGNIFICAÇÃO CULTURAL, SOCIAL E EDUCACIONAL

Partindo destas considerações anteriores notamos a necessidade de aprofundar a respeito do que seja desporto e sua abrangência no sentido social, cultural e educacional.

Para Lüschen e Weiss (1979) o desporto é uma ação social que se desenvolve em forma lúdica como competição entre duas ou mais partes contrincantes, ou contra a natureza, e cujo resultado vem determinado pela habilidade, tática e estratégia. O resultado da competição estabelece uma hierarquia, que no desporto revela preferentemente critérios da dimensão de estatus e não necessariamente de classe ou de poder. O reconhecimento e o prestígio conquistados por meio do desporto, que costumam traduzir-se em uma recompensa de índole social em forma de honra e fama, podem ser também de tipo material, trazendo, como consequência, este poder.

Em outro enfoque poderíamos colocar que o fenômeno transcendente do desporto determinou amplos estudos e múltiplas tentativas de definição.

Segundo Estadella (1979), apesar disso os teóricos persistem na procura de fórmulas porque nenhuma das definições contemporâneas, segundo este autor, poderia resumir, de maneira adequada, toda a amplitude e profundidade do fenômeno desporto.

Em princípio o desporto foi compreendido como a prática individual, segundo Coubertin (in Estadella, 1979), pro-

motor do olimpismo moderno, o desporto é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intensivo, apoiado na vontade de progredir, podendo implicar até o risco.

Também se tem manifestado, segundo o que Estadella (1979) salienta de Gillet, que o desporto é uma luta e um jogo, é uma atividade física intensa, submetida a regras precisas e preparada para um treinamento metódico.

Estadella ressalta uma definição estabelecida por um comitê da UNESCO, que coloca:

desporto é a atividade específica de competição onde se valoriza intencionalmente a prática de exercícios físicos, com vistas à obtenção, pelo indivíduo, do aperfeiçoamento das possibilidades morfofuncionais e psíquicas, caracterizadas em um recorde, na superação de si mesmo ou de um adversário.

Evidentemente estas definições não produzem, ainda, um conceito o suficientemente amplo e claro para que se possa realmente estabelecer o valor típico para o desporto.

Cagigal (1979 e 1981) afirma que o desporto está intrinsecamente estruturado, partindo do jogo, exercício físico e competição. Este autor coincide com a nossa idéia de desporto-espetáculo e desporto-prático, este entendido como desporto-modelador.

O desporto-espetáculo estaria muito mais voltado para uma regularização institucionalizada e como uma canalização precisa para uma área própria de espetáculo com um fundo financeiro. Já o desporto-prático estaria muito mais preocupado com o tipo de ócio ativo voltado para a natureza e sua

colocação principal estaria fundamentada em uma manifestação estética e, ao mesmo tempo, um desenvolvimento do próprio sujeito, dentro da sua área de saúde e higiene globais.

Uma diferença fundamental entre estes dois tipos estaria em que o primeiro se constitui em uma profissão, trabalho, enquanto que o segundo teria como característica muito mais marcada o lazer.

Para Sobral (1980), portugueses, coincidem as afirmativas de que a definição de desporto é difícil e, ao mesmo tempo, encontra inúmeras interpretações. Nos coloca, citando Bouet, que o desporto implica, antes de mais nada, em uma atividade corporal manifesta, exteriormente desenvolvida, onde a tônica é posta sobre os poderes, a vitalidade e a eficácia do corpo humano. Para este autor a eficácia estaria ligada ao enfrentamento do obstáculo, que pode ser um adversário, ou uma combinação de movimentos para executar certas regras, ou uma comparação entre diversos jogadores tentando bater recordes, isto significando, naturalmente, *vencer*. Sobral se posiciona dizendo que *o desporto é uma atividade física, busca do prazer, impulso lúdico e procura constante da superação sobre si e sobre os outros.*

Acrescenta Sobral

o desporto é, ainda, uma prática organizada do ponto de vista regulamentar, um espaço separado do real por uma legislação precisa que define o território onde se exerce o ato desportivo, estabelecendo os limites a observar pelos praticantes deste tipo de atividade nas relações que, entre si, constituem.

É interessante mencionar que no desporto moderno, segundo os diversos autores e dos quais Sobral se tornaria um portavoz, estaria a busca permanente das superações, da mais alta eficácia de movimento, obrigando a uma pesquisa acurada sobre as condições que rodeiam a performance, tais como a organização dos movimentos motores simples dentro de uma estrutura complexa, o trabalho sistemático de aquisição de técnicas e de desenvolvimento orgânico, o controle das condições fisiológicas do praticante.

É muito importante o que Sobral nos coloca: *na sua expressão atual, o desporto caracteriza-se pela extrema tecnicidade, condição indispensável para a realização do princípio do efeito-máximo. É de se salientar que, no mundo contemporâneo, o desporto-espetáculo tornou-se extremamente importante, ninguém pode negar-lhe o valor econômico ou político.*

Novamente Sobral nos coloca:

o gesto desportivo resulta de um empenho total de um indivíduo, não só de um ponto de vista energético, como do ponto de vista de outras atividades mais sutis, cálculos ótico-motores, coordenações, seleção de elementos integrados nas experiências do corpo em situações desportivas, além da participação inevitável dos traços caracteriais e temperamentais da personalidade.

Justamente esta colocação nos leva a entender o quanto o desporto tem sentido e valor para ser analisado desde o ponto de vista psicológico e social.

Citado por Sobral (1980), Lima nos diz que o fenómeno desportivo pode ser analisado desde diferentes enfoques.

Segundo este autor, todas as categorias de indivíduos que se preocupam com o desporto de um ou outro modo, e todas as manifestações da atividade humana que se alicerçam no fenómeno desportivo, nos estariam a dar o somatório do universo do desporto.

Lima, citado por Sobral (1980), consegue isolar dez expressões do fenómeno desportivo:

- * desporto-prática: condição indispensável do fenómeno desportivo (e que, de certa maneira, corresponde ao desporto-prático de Cagigal), *todos os indivíduos que procuram na prática do desporto a satisfação de uma extensa gama de interesses, tendências ou necessidades.*
- * desporto-espetáculo: intimamente ligado à competição desportiva, natural corolário do desporto-prática, quer seja exercido por praticantes amadores, quer por profissionais e que se manifesta, nas sociedades modernas, como expressão típica da cultura de massas.
- * desporto-técnica: traduzido pelo número cada vez maior do quadros de especialistas que asseguram o mais alto nível de execução.
- * desporto-profissão: resulta diretamente das exigências do desporto-espetáculo, sempre orientado para a satisfação de um verdadeiro mercado de consumidores e aberto não só a jogadores e treinadores, como também a médicos, psicólogos, árbitros, dirigentes, jornalistas e outros especialistas (ou *entendidos*).
- * desporto-lazer: proporcionado pelas circunstâncias já des-

critas no sentido de puro esparcimento e desempenho dos indivíduos.

- * desporto-investimento: iniciativa privada ou estatal, nas suas expressões desporto-indústria e desporto-comércio, uma condição indispensável das outras manifestações desportivas e fator de progresso técnico constante através da melhoria das instalações e equipamento, profusão de artigos destinados à alimentação e conforto dos praticantes, entre outros.
- * desporto-educação: desporto-prática destinado à juventude em idade escolar.
- * desporto-ciência: traduzido pela crescente atividade de investigação e elaboração científica ao nível da elaboração de técnicas e métodos de treino.
- * desporto-arte: ou desporto-produtor, motivo de criação artística e literária.
- * desporto-cultura: a unidade integradora de todas as manifestações desportivas na prática social.

Sobral, ampliando Lima, ainda acrescenta o desporto-administração. Considera um caso particular do desporto profissão, concretizado nos diversos órgãos e funcionários que, dentro do aparelho do estado ou instituições supra-nacionais (UNESCO, Conselho da Europa, Associação Mundial de Desportos), asseguram a política desportiva em geral.

Mosquera e Stobäus (no prelo) têm chamado a atenção sobre a importância das organizações desportivas, que dão um cunho filosófico e político ao desempenho desportivo, especial-

mente em nosso país, levando-se em conta a relevância do futebol.

Estas considerações são sumamente importantes para entender que, a rigor, o desporto é *um mundo*, situado dentro de um contexto social e cultural específico, cuja ação determina formas de comportamento que levam os indivíduos a tentar entender mais claramente, já que desporto não tem definição precisa, o que seja seu significado e o quanto pode vir a influir nas performances e, concretamente, na auto-imagem e auto-estima dos desportistas.

Lima (1981) nos chama a atenção de que o desporto moderno pode ser abrangido desde o ponto de vista de uma instituição social. Cita o autor a obra de Bouet (A significação do desporto), dizendo que as organizações desportivas têm uma *individualização social* que se concretiza por:

- * estruturas materiais e elementos culturais que o distinguem de outras atividades sociais. Neste sentido estariam enquadradas as edificações, estádios, pistas, pavilhões, piscinas, quadras, salas especiais... especificamente vinculadas a cada prática desportiva, que *repelem* as demais atividades que se enquadrem em outras instituições sociais (como a igreja, escola, fábrica, hospital...). Ainda teríamos que o desporto utiliza instrumentos, materiais e aparelhos específicos exigidos pela prática desportiva e que constituem elementos ou produtos culturais suscetíveis de evolução técnica, correspondentemente ao que acontece com outros produtos culturais (bolas, raquetes, esquis, balizas, aparelhos ginásticos, trampolins, caixas de areia, discos, martelos, redes,

gramados naturais e artificiais...).

Também o desporto dá origem a um vestuário específico com sua dimensão (roupas de treino e de jogo, sapatos específicos, protetores diversos...), um verdadeiro *arsenal*.

- * estruturas humanas de existência real, específicas da prática desportiva e que permanecem na sociedade enquanto persistir a atividade (equipes de modalidade, clubes desportivos, associações, federações em diversos níveis, comitês olímpicos em diversos níveis...).
- * agentes responsáveis pela orientação, difusão e cumprimento de normas de comportamento com poderes de decisão e poderes disciplinares (dirigentes, juizes, oficiais, comitês e comissões jurídicas hierárquicas...).
- * funções objetivamente definidas, quer no âmbito da prática desportiva, quer nas estruturas das diferentes hierarquias (equipes com protetor, atacante, defensor, pivô e outros; preparador físico, treinador, dirigente, massagista, médico, roupeiro, psicólogo, guarda,...; os clubes têm sócios, diretores, comissões, departamentos, funcionários diversos,...; a arbitragem com seus árbitros, juizes, marcadores, cronometristas, oficiais de linha...).
- * símbolos coletivos que identificam as estruturas organizadas e os membros que nela se incorporam (anéis olímpicos,

emblemas, flâmulas, insígnias, troféus e toda uma *parafernália* específica).

- * especificidade de comportamentos, usos, técnicas, rituais que se elaboram a diferentes níveis. Podem se identificar técnicas, regras táticas, estratégias; sistemática de competição, de encontros, tabelas e classificação; métodos de aprendizagem e de treino; cerimoniais diversos antes, durante e depois de competições. Acrescentaríamos, por nossa conta, uma grande gama de outros rituais que estão tomando cunho expressivo através de uma propaganda exuberante (papel picado, talco, foguetes coloridos, *objetos* de música e instrumentos diversos, inclusive alguns *rituais* considerados *mágicos*).
- * conjunto de idéias, imagens, conceitos e sistemas comuns de crença (idéia e imagem do que deve ser um campeão - a *imagem* que se quer vender) conceitos e sistemas de recorde e recordistas - quem será o vencedor e quem perderá; espírito desportivo - até cabe um comentário bem venenoso porque o espírito desportivo pode virar espírito de luta; espírito de equipe; espírito olímpico; jogo limpo, leal, *vendido, entregue* - muito interessante na realidade e sujeito a pesquisas profundas sobre valores; amadorismo e profissionalismo...).

Acrescentaríamos, ainda, a este conjunto de idéias de Bouet que alguns elementos se tornam importantes de serem analisados. Entre eles estariam o extraordinário *comércio e indústria* do desporto, que cada vez mais se faz sentir, na medida em que as equipes estão necessitadas de triunfar, sem levar em conta a repercussão que o social exerce sobre o compor-

tamento psicológico.

A rigor, como diz Lima (1981), parece legítimo considerar o desporto moderno como uma instituição social, à qual podemos atribuir uma intervenção concreta social e cultural, no sentido do progresso do homem da nossa época. Pergunta este autor em que condições é isto possível? Em que medida poderá o desporto desempenhar uma função social e cultural no caminho do desenvolvimento humano?

O mesmo autor comenta que a institucionalização do desporto na vida social, como fato cultural das sociedades modernas, permite-nos defender a contribuição do desporto, da prática desportiva, na generalização da cultura entre a população como um fator de dinamização e motor de lançamento de novas formas de atuação no seio das atividades humanas.

É de se notar que o desporto é um produto da sociedade, portanto tendo reflexo de suas contradições e não deixando, entretanto, de sobre ela atuar.

Lima (1981) acrescenta que o desporto não existe por si nem se desenvolve por si próprio, visto seja uma criação humana. Não pode separar-se de todas as atividades sociais do homem do nosso tempo.

Deste modo, a possibilidade de intervenção social e cultural do desporto como instituição social está dependente das influências exercidas pelas diferentes organizações sociais sobre suas estruturas e dinamicidade, em especial como estas organizações utilizam a *educação* (grifo nosso), também os costumes, as crenças, as artes e as leis para promoverem a

melhoria de vida das populações, em que o acesso à prática do desporto é aspecto sócio-cultural e fator da qualidade de vida por elas já adquirida.

É interessante, então, colocar que o desporto joga papel significativo dentro da sociedade contemporânea e seria importante tentar ver a sua função na complexidade das relações e interações entre ele e a sociedade, de modo a compreender de que modo a prática desportiva pode vir a se tornar, se já não se tem tornado, um fator de educação e cultura.

Será que no desporto atual, como nós o conhecemos ou entendemos, e mais especificamente em termos de futebol, isto é viável?

Matvéiev (1981) nos chama a atenção que, para poder se desempenhar dentro do desporto, é significativo que a preparação do atleta se realize de forma física, técnica, tática, moral, volitiva e teórica.

Estas colocações do autor soviético nos chamam a atenção especialmente na análise do desporto-espetáculo, já que muitas vezes (e talvez a maior parte das vezes) a performance dos jogadores parece afetada pela deficiência de preparo em alguma destas áreas.

Como justamente o escopo deste capítulo está em esclarecer o significado do desporto no seu aspecto cultural, social e educacional, cremos que poderíamos esclarecer melhor a idéia *educacional* na medida em que nos questionamos sobre o tipo de preparo que cada desportista, profissional ou amador, tem e recebe.

A preparação física, segundo Matvéiev (1981), seria o desenvolvimento das qualidades e capacidades físicas necessárias à atividade desportiva. A preparação física geral do atleta atende ao desenvolvimento das capacidades físicas necessárias à atividade desportiva. A preparação física geral do atleta atende ao desenvolvimento das capacidades físicas que correspondem às necessidades específicas do desporto em questão. Nos mostra, e nos faz questionar, o grau de refinamento indispensável ao preparo de um bom desportista. Também de quanto é necessário um preparador físico à altura, isto é, que leve em conta todos os aspectos que podem estar ligados a esta área específica e às outras.

Por outro lado deve haver uma preparação física mais geral, o desenvolvimento daquelas capacidades físicas não tão específicas para um determinado desporto mas cujo desenvolvimento influi direta ou indiretamente no êxito da atividade desportiva.

O mesmo autor salienta a necessidade de uma preparação técnica e tática. A técnica designaria o conjunto de ensinamentos que são ministrados acerca do movimento e da ação que constitui o meio adequado à consecução da competição ou treino.

No processo de preparação técnica especial, o atleta assimila a técnica do desporto em tela, ou seja, aprende as leis biomecânicas do movimento e as ações relativas ao objeto da especialização desportiva, assimila praticamente os correspondentes hábitos motores, elevando-os até o mais alto nível de aperfeiçoamento possível.

Conjuntamente com tudo isto, em treino desportivo e a ele diretamente ligado, leva-se a cabo a preparação técnica geral.

A preparação tática do atleta tem de se realizar em estreita união com a preparação técnica; enquanto esta fornece os meios necessários à consecução da competição, a preparação tática assegura a sua utilização correta e mais adequada. Ainda acrescenta o autor soviético que se pode definir concisamente a tática desportiva como a arte de vencer a competição desportiva. Especificando-se, se deverá tomar em consideração, na tática desportiva:

- * elaboração de plano conveniente de atuação nas competições, tendo em conta as possibilidades do atleta, as características dos seus adversários e condições concretas da competição.
- * cumprimento deste plano, mediante o aproveitamento destes meios e processos durante a competição, de modo a que o atleta revele totalmente as suas possibilidades.

Por isto, no processo de preparação tática do atleta, é necessário prever a assimilação dos fundamentos teóricos da tática desportiva; do estudo das possibilidades dos adversários e condições diversas; dos recursos táticos e suas combinações e variantes, até se chegar à destreza e hábitos táticos mais perfeitos; do desenvolvimento da racionalização tática e de outras condições necessárias ao domínio mais completo da tática.

Poderíamos ainda acrescentar que a preparação tática geral compreende a aprendizagem dos fundamentos teóricos gerais da tática desportiva e os procedimentos práticos do seu aproveitamento nas diversas circunstâncias que, na medida do possível, poderão ser semelhantes às da atividade desportiva escolhida e compreendem também o desenvolvimento de uma ampla racionalização tática.

A preparação moral e volitiva é um processo eminentemente ético, em particular de sentido pedagógico, e se objetiva na aplicação da atividade desportiva concreta. As tarefas a cumprir nesta preparação consistem, antes de mais nada, em uma motivação correta da atividade. Trata-se, aqui, da necessidade de formar e desenvolver a perseverança, que estimula a prática sistemática para a obtenção dos mais altos resultados.

Sobre esta base desenvolvem-se o gosto pelo trabalho no desporto, a vontade de vencer e outras qualidades constitutivas do caráter desportivo. Assim se formam as regras e normas do comportamento desportivo, que podem ser considerados como a ética desportiva.

Infelizmente se tem dado muita ênfase ao preparo físico, técnico e tático, e muita pouca ao preparo moral e volitivo.

Ainda, segundo Matvéiev (1981),

o desporto é uma atividade que requer força de vontade e é penosa em determinadas ocasiões, implicando a manifestação máxima das qualidades volitivas. A formação de força de vontade, a perseverança, a iniciativa, a tenacidade, a decisão, a audácia, a prudência e o domínio do

si próprio constituem uma parte fundamental da formação do desportista.

É evidente que, independente da atividade desportiva, o atleta deve possuir este conjunto de qualidades. Por sua vez, cada modalidade desportiva caracteriza-se pelas suas dificuldades específicas, requerendo manifestações volitivas específicas.

Uma das tarefas mais importantes, diz Matvéiev (1981), no preparo volitivo é a possibilidade do controle psíquico do atleta, a fim de se poder caminhar orientadamente para o planejamento da sua atuação nas competições, para lutar com êxito contra o estado pré-competição, para superar as emoções negativas no decurso das competições, bem como as frustrações.

Estes aspectos são eminentemente importantes quando se leva em conta o dimensionamento e dinamicidade da auto-imagem e auto-estima em relação com o desempenho.

Creemos que estes elementos estariam extremamente adequados dentro do que Matvéiev (1981) coloca como a preparação teórica. Consiste nos conhecimentos da história, sociologia, psicologia específicas dos desportos, bem como da metodologia e teoria do treino e disciplinas afins como filosofia desportiva, saúde desportiva e também retidão psicológica. Por isto é indispensável que a preparação teórica do atleta se realize preferencialmente sobre formas características de formação intelectual e de auto-formação.

Conferências, seminários, debates ou estudos individuais são algumas das maneiras utilizáveis. Esta preparação

aparece por trás de treino e competição, através de seus componentes físicos, técnicos, táticos, volitivos e morais. É importante recordar que a preparação do atleta é um processo multifacetado e multilateral, todos seus aspectos têm estreita interrelação e redundam, finalmente, na performance.

Alguns comentários sobre o aspecto de volição se fazem necessários. Para Jarov (1982), talvez o aspecto mais importante seria justamente esta preparação volitiva. Diz textualmente o autor russo:

desta maneira a preparação volitiva representa um processo dirigido para influenciar os pensamentos, os sentimentos e as atitudes do desportista, no sentido da formação e desenvolvimento de suas qualidades de vontade, com particularidades de caráter constante, necessárias para se obter a vitória na luta desportiva em nome da equipe, do clube ou desporto em geral. Sendo um componente independente de um sistema de treino, a preparação volitiva deve, simultaneamente, fazer parte do conteúdo da preparação física, técnica, tática e teórica. Isto dá possibilidades de englobar o trabalho de instrução-treino e educativo em um único processo.

Acrescenta ainda Jarov (1982) que, para educar-se a vontade, é necessário que se tenha em vista sua fundamentação social, política, moral e intelectual.

Chamaríamos a atenção sobre o que seja vontade: atividade psíquica do ser humano que se expressa em dirigir as próprias ações, pensamentos, emoções, o próprio corpo em um sentido de alcançar certos objetivos propostos de modo consciente, vencendo diferentes dificuldades, em nome de diversos impulsos. Por isto a vontade pode ser representada pela fórmula, colocada por Jarov (1982, p.29):

$$V = \frac{D - G \longrightarrow O}{M}$$

- V - Vontade, seria a atividade psíquica típica do homem
- D - Direção das ações, dos fatos, pensamentos, do corpo; a essência da vontade
- O - Objetivo proposto conscientemente que caracteriza a orientação da vontade
- G - Obstáculos com vários graus de dificuldade, medida de apreciação e meio de educação
- M - Motivos, impulsos-base política moral e intelectual da vontade.

A partir desta fórmula exposta por Jarov, coloca o autor a interrogação: *Quais as principais formas de direcionamento que se encontram na preparação dos desportistas para as competições e sua participação nestas?*

Parece óbvio que as ações volitivas e as atitudes do homem influenciam e dependem diretamente da educação intelectual e moral, eis porque a preparação técnica e educação moral devem realizar-se em estreita relação com a preparação volitiva.

Outro aspecto também significativo é que

a educação da vontade e das qualidades volitivas tem de ser feita no processo da atividade, não se pode educar um homem corajoso se não o colocarmos em condições que favoreçam a manifestação da valentia e da coragem (seja em que domínio for), da firmeza, domínio de si próprio, paciência e da ousadia.

Esta frase é do grande educador soviético Makarenko, citado por Jarov.

Concluiríamos que o desporto é, sem dúvida, uma das atividades mais importantes e significativas no mundo da nossa época. Tornou-se mais do que simples lazer.

Aceitamos a idéia desenvolvida por Lord Killanin, citada por Estadella (1979), quando diz que cada vez mais o desporto se tornou social e político e que talvez este seja um fato muito importante para entender que o objetivo principal se tenha, de certa maneira, afastado. Lembremos que também pode ser utilizado na recuperação do e no trabalho, exposto amplamente por Drăgan (1981).

De qualquer modo a influência do desporto na vida moderna é muito importante, especialmente quando manipulado e mais ainda como manipulador, segundo Jean-Marie Brohm (in "Partisans", 1978). Ignorá-lo seria um suicídio. Abandonar sua análise crítica seria uma ignorância pertinaz. Logo nos parece que uma forma de educação diferente e excitante aparece no panorama das novas formas de educar. Seria interessante ver de que modo o preparo dos desportistas e da sua auto-imagem e auto-estima repercutem dentro de sua dimensão amadora ou profissional.

Ao analisar os sentimentos dos atletas e vendo as suas performances, estaríamos prevendo formas de educar e entenderíamos melhor nossa cultura, universal e localmente.

Também estaríamos tentando auxiliar o ser humano, aqui no caso um atleta, a se tornar melhor pessoa, conhecendo-se, analisando-se, revisando-se. Neste pensamento amplo podemos ainda ressaltar que seres humanos mais bem desenvolvidos em todas as áreas (psicológica, social, física) tenderiam,

talvez, a transformar um pouco esta *sociedade caótica* contemporânea, servindo de *modelo* para muitos outros indivíduos, idéia defendida por Mosquera (1981).

CAPÍTULO 3
DESEMPENHO E AUTO-ESTIMA - SIGNIFICADO
INDIVIDUAL E REPERCUSSÕES GRUPAIS

Após termos tentado caracterizar as etapas de desenvolvimento humano, *adolescência* e *adulter jovem*, parece-nos importante analisar e discutir os conceitos básicos da nossa dissertação, isto é, *Desempenho* e *Auto-Estima*, ligados a uma realidade desportiva de nível altamente competitivo, como é a do futebol.

Não pretendemos ser totalmente definitivos, pois, como afirma Matvéiev (1981), são bastantes as variáveis que podem alterar a performance dos desportistas.

Inicialmente diremos que um dos construtos que mais se presta à ambigüidade de definição e que é de difícil descrição é *desempenho*. Para poder melhor analisá-lo, partiremos de considerações mais amplas, entre elas a atividade física.

Para Cratty (1973), atividade física é a potencialidade que leva a pessoa a se movimentar, ampliar o ciclo de ação e conhecer o mundo. De certo modo é uma qualidade da vida que se expressa pelo movimento e se põe em ação pela intenção.

Em princípio podemos dividi-la em atividade física ativa e atividade física passiva. Na primeira estariam os comportamentos voluntários operantes e na segunda os reflexos ou involuntários. Atividade física, como podemos prever, é importante porque dinamiza o homem como um todo.

Para Mosquera e Stobäus (no prelo) a atividade física

encontra em si algumas manifestações que a tornam singular e específica. É consciente quando movimentamos os músculos, nos locomovemos, sentamos ou deitamos. De certo modo sabemos o que estamos fazendo.

A atividade física está auxiliada pelos sistemas físicos que colaboram entre si. Medicamente o nível de eficácia da atividade física parece representar o nível de saúde.

Para Rudik (1976, pg. 13-14) *se entende por atividade o conjunto de ações do homem, orientadas à satisfação das suas necessidades e interesses.* Para este autor a atividade física possui as seguintes características:

- * Caráter social
- * Finalidade
- * Planejamento
- * Duração

No que se refere ao *caráter social*, seu significado mais importante está no conteúdo e prosseguimento histórico essencial ao homem.

A *finalidade* são diversas ações agrupadas que levam o homem a obter resultados e que são vistas através de aspirações e atitudes.

O *planejamento* na atividade física é uma previsão comportamental que atende a diversas atividades comuns.

A *duração* está fortemente identificada com o nível de desempenho ou performance.

Estes aspectos que compõem a estruturação da ativi-

dade estão fortemente influenciados pelos motivos internos e externos.

Rudik refere que, como motivos internos, teríamos o desenvolvimento de si mesmo, consubstanciado em auto-atualização, auto-imagem e auto-estima. Os motivos externos seriam a satisfação das necessidades físicas, as recompensas ambientais e a aprovação social.

A atividade desportiva é evidente que requer domínio da técnica de execução de exercícios físicos do desporto selecionado.

O mesmo ponto de vista tem Singer (1975, 1977), quando nos diz que, para entender a atividade física e o desempenho, é necessário levar em conta características físicas do desportista, capacidades cognitivas, características pessoais, prática e condicionamento, motivação, família, colegas, influência cultural, interações treinador-equipe-atleta e o nível de excelência do desportista.

Singer faz também uma análise bastante interessante quando esclarece os termos capacidade e habilidade, básicos para a atividade física. Este autor entende que capacidades são características gerais e bastante contínuas que se tornam permanentes após os anos de desenvolvimento formativo.

No que diz respeito à habilidade, o autor entende que é um ato específico, um movimento predeterminado a um dado estímulo. Acrescenta que é aprendida através da prática e depende da presença de capacidades subjacentes.

Estes dois elementos são fundamentais para entender

desempenho ou performance. Claro está que entramos no campo de discussão que Anastasi (1958) colocou com tanta propriedade: qual a influência da hereditariedade e que papel representa o ambiente? É óbvio que esta pergunta não tem uma resposta fácil e segura e parece-nos que num desempenho sempre está presente uma combinação de fatores herdados, aprendizagem e influências ambientais.

Ao chegarmos a este ponto se faz necessário tratar de descrever o que seja desempenho. Inicialmente alertaremos para o fato de que usaremos como sinônimos os termos performance e desempenho.

Para Dietrich e Walter (1978, pg. 188) designa-se por performance ou desempenho *um comportamento que tem lugar com dispêndio de energia e esforço pessoais no confronto com exigências e tarefas e conduz a graus diversos de sucesso.*

Estes autores se preocupam em explicar melhor este construto e deste modo eles nos dizem que a performance objetivamente mensurável é condicionada por uma estruturação complexa de fatores internos e externos. Entre os fatores internos estariam a motivação e a capacidade de desempenho.

A motivação de desempenho, a definem como sendo a tentativa de intensificar ou manter elevada a própria eficiência em todas as atividades em que se considera obrigatório um padrão de qualidade, cuja realização se pode ou não conseguir.

É muito esclarecedor quando estes dois autores alemães nos dizem que o desempenho ou performance encerra os seguintes componentes principais: nível de aspiração, esperança de êxito e temor de insucesso. *ethos de performance*. envolvi-

mento do Ego e, cremos, se poderia incluir auto-imagem e auto-estima.

Ao analisarem a *capacidade de desempenho*, nos dizem que é o conjunto potencial das forças, capacidades e funções que se podem empregar como energia psicofísica para um objetivo a realizar. Nestes momentos cabe comentário bem pessoal: cremos que esta idéia é sumamente importante se aplicada à atividade desportiva, pois esta atividade é de cunho eminentemente psicofísico e com um objetivo muito claro de competir, o que significa, na nossa cultura, ganhar ou perder.

O *desempenho*, tal como nos é colocado, depende de muitos elementos fundamentais, entre eles teríamos: hábitos de execução, habilidade e destreza, grau de experiência, disposição funcional e grau da ativação da motivação. Teríamos, pois, que o desempenho depende de fatores constitucionais, evolutivos e de saúde.

No nosso entender o *desempenho* é um momento, ou momentos, da atividade física consciente, que é posto em andamento pelas capacidades dos seres humanos que encontraram ressonância social. Estas capacidades aparecem especificamente em habilidades comportamentais, ativadas pelo treinamento e aprendizagem e fortemente influenciadas pelas estruturas profundas da personalidade (entre as quais temos a auto-imagem e a auto-estima) e, ainda, direcionadas pelas dimensões culturais. Esta explicação descritiva se focaliza precisamente no desempenho desportivo, concretamente no futebol, pois, em se tratando de um desporto que tem tão grande audiência e envolvimento na nossa cultura, representa um estilo social e um ca-

Ninguém ignora o quanto se discute e se analisa se este ou aquele jogador tem ou não bom desempenho. Inclusive altíssimos salários são pagos para aqueles que supostamente alcançam uma performance excepcional.

No nosso entender, entretanto, desempenho não está o suficientemente estudado, pois poderia-se levantar de saída a hipótese de trabalho de que nem sempre um desempenho individual satisfatório consegue somar-se aos desempenhos satisfatórios do grupo.

Por outro lado, não cremos que as recompensas oferecidas bem como os prêmios outorgados consigam melhorar a auto-estima de todo um grupo. As políticas discriminatórias levadas a efeito nas instituições desportivas, parece-nos, têm semeado profundas raízes que se evidenciam com o triunfo continuado do desporto considerado profissional sobre o amador.

Ainda acrescentaríamos que as formas de estimular as equipes de jogadores nem sempre parecem ser as mais corretas e adequadas, o que pode redundar em prejuízos psicológicos e sociais.

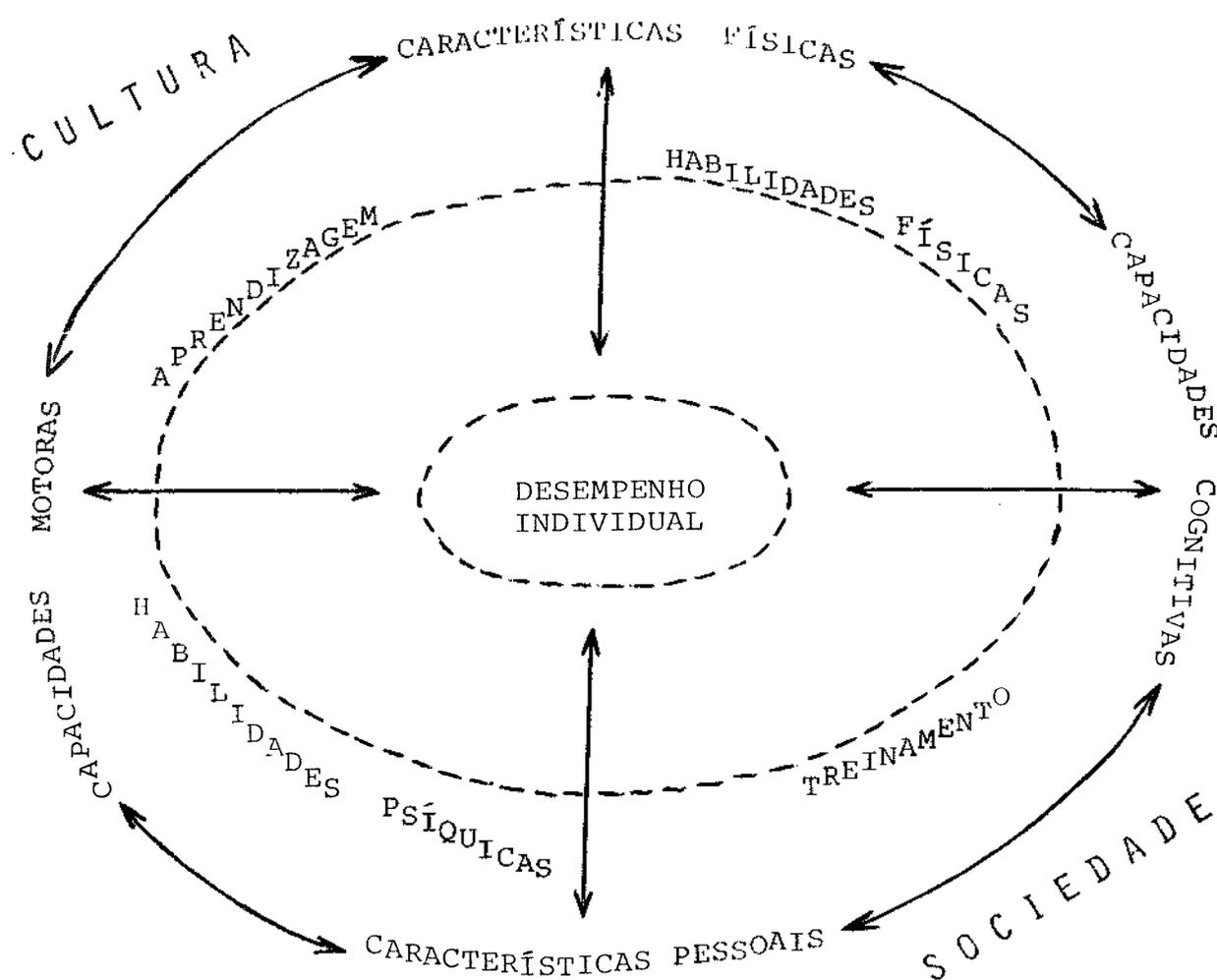
Portanto parece-nos que os desempenhos são importantíssimos desde o ponto de vista desportivo, não tanto como formas de se afirmar psicológica e socialmente mas pelo tipo de situação educacional que eles propõem.

Sobre este tema é que nós tentaremos construir este trabalho, que envolve a preocupação pelos desempenhos individuais e de grupo, em referência a uma auto-estima que, parece-nos, tem muito a ver com a situação existencial de cada jogador

Para melhor operacionalizar esta parte da fundamentação conceitual, colocamos o gráfico abaixo:

GRÁFICO 5

DINÂMICA DO DESEMPENHO



MOSQUERA, J.J.M. e STOBÄUS, C.D., 1983.

(gráfico elaborado especialmente)

Pelo que pudemos perceber, o desempenho é fruto de aprendizagem e treinamento, que colocam em evidência as habilidades físicas e psíquicas e que dependem inteiramente das características e capacidades, dentre as quais nos deteremos nas pessoais, porque nestas vamos encontrar a auto-estima. Não ignoramos que as outras dimensões poderiam e deveriam provocar pesquisas, pois até o presente momento pouco ou quase nada se tem realizado nestas áreas.

Finalmente, tal como o desempenho individual está representado, ele aparece fluído e intercomunicável com as influências do cultural e social.

Creemos ter dado, em parte, uma pequena resposta ao proposto por Anastasi (1958), pois na visualização do desempenho estariam intimamente ligados os fatores genéticos e culturais.

O desconhecimento sobre o que o desempenho significa tem levado, no nosso entender, a se cometer equívocos lamentáveis na realidade. Deste modo temos observado que muitas vezes jogadores, que estão treinados e com habilidades apuradas em determinada posição, são obrigados, de um momento para outro, a mudar de posição na equipe sem que tenham sido realmente consultados, o que deve representar um forte impacto que se evidencia em um medíocre ou péssimo desempenho nesta nova posição ou até mesmo quando do seu retorno ao papel anterior.

Outro exemplo de realidade é o que acontece com o jogador considerado reserva da equipe. Ele é solicitado, algumas vezes, a participar da equipe em determinada posição que não é a sua e também se lhe exige um bom desempenho, sem saber

que este está intimamente ligado à *vontade de realizar escolhas*, quando não se exige um desempenho extraordinário, *extremado*, do tipo *vai lá e dá tudo que sabes e podes ou é tudo contigo, és a salvação do nosso time*.

Também pode acontecer que jogadores com desempenhos altamente satisfatórios em clubes menores, ao serem contratados por um clube de maior prestígio e poder econômico, são candidatos, nos primeiros tempos, a ter a *sensação* de que não valem para nada, mormente se levarmos em conta que no novo ambiente os níveis de exigência e estimulação são em parte ignorados, falsamente imaginados ou mal desenvolvidos.

Este tipo de colocação é mais freqüente do que podemos pensar, pois ela se evidencia numa situação mentirosa na qual as pessoas tratam de maliciar e utilizar as vantagens que lhe são propostas, não para fortalecer a imagem do clube mas para aceitar os *confortos* que lhe podem ser dados.

Visto que o desempenho é uma expressão da totalidade pessoal e social, parece-nos que a liberação de fatores de ansiedade e suas evidências na auto-imagem e auto-estima, ocorrerão com freqüência e se tornarão, de algum modo, muito estimulantes para que o sujeito sinta que sua vida pessoal não é ficar amarrado a algo estático, e produzam efeitos sobre o comportamento e dinâmicas íntimas da personalidade.

As constatações de auto-imagem e auto-estima se situam nas características pessoais, que na nossa percepção influenciam de maneira decisiva o desempenho.

Mosquera (1982b) assinala que a auto-imagem e a auto-estima estão intimamente ligadas ao processo de identidade e

que, de certa maneira, formam uma estrutura personalógica que se interinfluencia, o que ajuda o indivíduo a ter coerência e consistência pessoais.

Hamachek (1979) nos faz notar que a consistência está muito relacionada com o auto-conceito e este, por sua vez, é a avançada dinâmica do *self*. Portanto, a auto-estima dependerá de circunstâncias externas que informam as internas. É um delicado jogo no qual os seres humanos deveriam mostrar mais empenho no auto-conhecimento e compreensão de fatores provocadores e precipitadores.

A auto-estima, pois, se constitui em uma dimensão psicológica importante. Segundo Brookover e outros (1964), está em íntima união com o desempenho e, dependendo do tipo de táticas a serem usadas para o seu desenvolvimento, se terá ou não seu fortalecimento e acréscimo. Ao comentar o tipo de táticas usadas com crianças, os autores, nos alertam que encorajar, lisonjear ou recompensar parecem formas não tão eficientes de aumento da auto-estima, pois muitas vezes levam a atitudes de incerteza ou negativismo.

Esta colocação nos alertou para o fato de como estão sendo *estimulados* os jogadores de futebol e levanta, no nosso entender, perguntas bastante significativas que incitam à meditação e reforçamento do nosso tema de pesquisa. Por isto poderíamos perguntar: não será que a excessiva remuneração, cuidados exagerados, tratamento altamente individualizado, situação de quase estrelismo não levarão a sentimentos de incerteza, desamparo e egocentrismo nos jogadores profissionais e mesmo nos amadores de futebol?

Creemos que Coopersmith e Feldman (apud Coop et White, 1974) estão muito certos quando afirmam que o auto-conceito consiste de crenças, hipóteses e presunções que o indivíduo tem acerca de si mesmo. E acrescentam estes autores:

é a visão que a pessoa tem de si mesma, concebida e organizada na sua superioridade interior. Deste modo o auto-conceito inclui as idéias da pessoa, o tipo de pessoa que ela é, as características que ela possui e os traços mais importantes e notáveis.

Claro está que o auto-conceito tem um sentido, já que fornece um quadro referencial para o próprio sujeito, propiciando-lhe uma visão globalizadora da sua própria pessoa.

Mosquera (1974) tem apontado que a natureza da auto-imagem ou auto-conceito reside no conhecimento individual de si mesmo, no desenvolvimento das próprias potencialidades, na percepção dos sentimentos, atitudes e idéias que se referem à própria dinâmica pessoal. Acrescenta este autor que o desenvolvimento do auto-conceito acontece através de um processo contínuo que determina a própria vida individual e que, de certo modo, se estrutura na interação social.

Citando Moustakas, Mosquera et alii diz que o auto-conceito se refere especialmente a situações vivenciadas que levam o indivíduo a ter, cada vez mais, uma experiência através da qual ele pode revelar uma certa e determinada possibilidade de se conhecer.

Coopersmith e Feldman (1974) ainda nos alertam que, para existir um auto-conceito realista e sadio, é necessário ao ser humano ter experiências de sucesso e fracasso e que ele

Esta idéia é importante se levarmos em conta a necessidade que os jogadores de futebol têm de sentirem-se responsáveis pela sua equipe e pelo seu desempenho. Por outro lado, em que medida, nas equipes de futebol, são proporcionados aos desportistas *outros significativos*?

Não podemos esquecer que o auto-conceito de cada um de nós é o reflexo de espelho de como se tem sido visto pelos outros que nos são importantes. Deste modo poderíamos acrescentar que o auto-conceito é formado pela retroalimentação do ambiente social e físico, já que esta retroalimentação fornece chaves que ajudam a pessoa a descrever o tipo de indivíduo que ela é, definindo as fronteiras de seus envolvimento e compromissos que subjacem às presunções que ela faz sobre como deve ser tratada pelos outros e como deve tratar os outros.

Coopersmith e Feldman (1974) ainda nos manifestam que o auto-conceito é um guia que a pessoa mantém à sua frente e que indica o quanto e o que pode fazer e como ela pode ou deveria ser tratada.

Dentro desta dimensão teórica, aferida através da pesquisa científica, chegamos à dimensão auto-estima, que está intimamente unida ao auto-conceito ou auto-imagem. Esta união não é simplesmente quantitativa mas essencialmente qualitativa. Apresenta, no nosso entender, uma dinâmica comportamental que, segundo Mosquera (1982b), afeta a todas as dimensões da personalidade.

Logicamente, por motivos de dimensão conceitual, discriminamos entre auto-conceito e auto-estima.

Coopersmith e Feldman (1974) nos dizem que o nível de auto-estima de uma pessoa representa o seu julgamento do auto-conceito que formou através da sua interpretação da retroalimentação das suas experiências físicas e sociais. Estes autores nos afirmam que a auto-estima é a avaliação da pessoa sobre a possibilidade do seu auto-conceito atingir padrões e

valores. Parece que tais avaliações são muito significativas porque a maneira como as pessoas sentem e atuam as levará a sentirem-se positivas ou negativas, animadas ou depressivas, alegres ou tristes, seguras ou apreensivas.

Evidentemente que a auto-estima, segundo Mosquera (1974), decorre de uma série de atitudes positivas ou negativas perante um objeto particular, este objeto é o si mesmo. Outro elemento fundamental no desenvolvimento da auto-estima consiste na visão cada vez mais realista que a pessoa tem de si mesma, descortinando situações e possibilidades que estão ou poderão vir a estar ao seu alcance. Neste sentido, a auto-estima age como incentivadora de ideais e valores. Assim, uma auto-estima realista parece levar a desempenhos coerentes e eficazes, tornando a pessoa muito mais segura e consciente das suas potencialidades e valores. Este ser humano, coloca Mosquera (1982b), tende a ver o seu entorno muito mais claramente e se sente participando, de forma positiva, na construção social.

A auto-estima positiva não tem um nível fixo ou ideal pois, sendo a criatura humana eminentemente subjetiva, a construção realista de si mesma parece representar uma longa luta e uma meta difícil e por vezes perigosa.

Em termos de saúde psicológica, a auto-estima representa uma das forças mais significativas e constantes, pois ela serve de proteção ante às frustrações e agressões excessivas da vida. *α*

Podemos levantar algumas hipóteses a respeito do processamento da auto-estima. Entre elas temos as colocações so-

bre níveis de competência que, partindo do reconhecimento do próprio corpo que o ser humano desenvolve, abrangem as idéias de tempo e espaço, bem como existencialidade e significado. Mosquera (1981) nos diz que a imagem do corpo humano é entendida como aquela representação que formamos mentalmente do nosso próprio corpo, isto é, a forma como este se nos aparece. A interdependência estabelecida pelo ser humano na sua dialética pessoal radica no conhecimento físico por excelência.

A segunda competência está no conhecimento emocional, bem como na sua dinâmica e expressão. Esta é uma competência difícil que nem todas as pessoas possuem e que, na medida em que ela se amplia, podemos observar um maior domínio sobre a nossa pessoa e o ambiente que nos rodeia. O domínio emocional é difícil e requer uma capacidade progressiva de compreensão dos comportamentos próprios e o das outras pessoas. Neste sentido é muito importante o clima ou ambiente no qual as pessoas estão imersas, pois a qualidade do desenvolvimento emocional está intimamente unida às respostas e estímulos colocados pelos outros significativos. Por ser um terreno eminentemente subjetivo, joga papel preponderante o amadurecimento de sentimentos positivos e realistas. Isto se dá através de modos ou formas educacionais que enfatizam a análise e a crítica reais e levam os indivíduos a reconhecerem as diferentes causas dos comportamentos, que envolvem emoções, sentimentos, valores e atitudes.

A terceira competência é a cognitiva, que se expressa através da dinâmica da compreensão. As pessoas percebem melhor as situações, detectam as causas e prevêm os efeitos.

Deste modo é visto o todo, bem como analisadas as partes. A compreensão é o requisito básico de uma personalidade melhor desenvolvida e cuja característica principal se acha na flexibilidade e na reversibilidade de pensamento.

Esta competência completa as competências anteriormente apontadas e na verdade forma com elas um todo coerente e dinâmico.

As evidências parecem indicar que nem sempre estas competências se dão harmonicamente. O comum é encontrar uma ou outra mais desenvolvida e quando isto acontece as pessoas podem sentir que ainda há muito caminho a percorrer. A própria auto-estima positiva é uma síntese da união destas três competências. Idealmente falando, elas são a expressão viva de uma personalidade em desenvolvimento.

Gostaríamos, ainda, de chamar a atenção que Mosquera (1982b) propõe um novo modo de aferir o nível de auto-imagem, auto-estima através de desempenhos específicos em sala de aula.

Podemos considerar também a auto-estima desde um ponto de vista negativo, este negativismo estaria a nos indicar falhas no desenvolvimento da personalidade, que foram cometidas não raramente por figuras paternas despóticas ou com profunda carência ambiental, emocional e mesmo intelectual.

Mosquera (1982b) denomina a auto-estima negativa de auto-estima irreal. Isto quer dizer fora do conhecimento que o professor deveria ter e que, não raras vezes, sonega aos seus alunos; isto aplicando-se também à área do desporto.

Não se está tratando aqui de ponderar uma Educação montada em aspectos pragmáticos e que não leve em consideração a grande massa de adultos, alguns carentes de modos morais de agir. A auto-estima irrealística ou negativa se caracteriza por julgamentos negativos que a pessoa pode fazer a respeito de si mesma e/ou dos outros.

A auto-imagem negativa e sua conseqüente auto-estima podem muito bem se apresentar sob dois tipos de comportamento, os denominados por excesso ou por carência. Nos primeiros a auto-imagem está distorcida, sempre tendendo a haver uma auto-estima exagerada, quase que ególatra, podendo ser expressa através do desejo de poder, força, prestígio ou necessidade de riqueza e posse e tornando as pessoas muito próximas de um estado de *coisificação*.

Na dimensão de carência o ser humano pode apresentar, em maior ou menor grau, auto-piedade ou auto-desprezo, isto é, se sentir uma vítima ou a mais pobre e infeliz das criaturas.

Por isto é de se questionar qual o real valor do *Desempenho* no Desporto e, principalmente, a quem beneficia; que metas se propõe e de que modo afeta a auto-estima do desportista.

Lima (1981) nos alerta sobre as relações entre a alta competição e o desenvolvimento desportivo. A chamada de atenção nos parece oportuna, pois nem sempre um alto desempenho significa auto-estima positiva e madura dimensão da existência.

Nestes momentos em que se questiona o papel dos desportistas na sociedade de consumo, especialmente dos jogadores de futebol, é de se perguntar onde fica o lado humano do Desporto e não apenas a ganância pelo Desporto como *espetáculo*.

CAPÍTULO 4
ESTUDOS E PESQUISAS RELEVANTES

Analisaremos, neste capítulo, algumas pesquisas e estudos levados a efeito no exterior e em nossa realidade cultural, para tentar mostrar como os trabalhos realizados têm procurado achar significados mais valiosos entre o desenvolvimento da personalidade (especialmente nas faixas da adolescência e adulez jovem), os fatores que constituem a auto-estima e, finalmente, as correlações prováveis entre os fatores e o desempenho.

No nosso caso a preocupação fundamental, ao relatar os estudos e pesquisas que se seguem, foi evidenciar os subsídios com os quais contamos ao desenvolver nossa tarefa. Muito embora não possamos colocar que existam trabalhos específicos, encontramos trabalhos aproximados em sua temática, metodologia, estruturação e resultados. Nosso temário é bastante amplo, pois trata de caracterizar a Adolescência em seus momentos finais, bem como a Adulez Jovem em sua grande parte, também tentando aprofundar o significado de auto-estima através da auto-imagem (o que alguns autores denominam de auto-conceito) e, finalmente, passando pelo tema desempenho dentro do fascinante desafio que é o futebol.

Nos Estados Unidos se têm realizado pesquisas extremamente interessantes a respeito da auto-imagem e da auto-estima. Um dos autores que mais se preocupou com a auto-estima foi Morris Rosenberg. O relatório do seu trabalho, intitulado *A auto-imagem do adolescente e a sociedade (1973)* foi publi-

cado originalmente em 1965. O trabalho deste autor partiu do pressuposto de que a auto-imagem domina a vida subjetiva do indivíduo, determinando, segundo o autor, seus pensamentos, sentimentos e comportamentos, em sua grande parte. Apreocupação, talvez mais importante, da pesquisa, foi a necessidade especial de compreender a natureza e influência interativa do adolescente com o seu ambiente, pois a interação social deve propiciar a imagem de si-mesmo e, conseqüentemente, o auto-apreço. Também a família, classe social, ambiente onde mora, religiosidade, valores e ideais e sua auto-avaliação e o seu desempenho têm papel significativo neste processo de formação da imagem de si-mesmo.

A amostra trabalhada por Rosenberg foi de 5024 estudantes do penúltimo e último anos de dez escolas secundárias do estado de Nova York.

Embora as idades não estejam claramente evidenciadas no seu relatório de pesquisa, o autor deixa entrever que estes jovens estariam entre os 15 e 18 anos de idade, acrescentando que seria neste momento que o indivíduo teria um novo interesse a respeito da sua auto-imagem através de perguntas como: *Quem sou eu? Que qualidades possuo? Que desempenhos poderei ter?*

Outro aspecto assinalado nesta pesquisa é que realmente este momento da vida está claramente marcado pela ambigüidade, pois o adolescente não seria mais criança, muito embora recebesse tal tratamento, e também não é adulto, embora possa ser assim tratado. Esta ambigüidade deverá, ou deveria, ter repercussões sobre a auto-estima com a conseqüente reper-

cussões sobre o comportamento, salienta este autor.

Partindo das idéias de Mosquera (1983) que coloca que a auto-imagem são atitudes para com um objeto particular, o si-mesmo, envolvendo opiniões, valores e orientações a respeito de si mesmo. Isto partiria, segundo a literatura mais atualizada como por exemplo o trabalho de Wegner e Vallacher (1980), da idéia a respeito do *self* na psicologia social, apontando precisamente aspectos como a teoria da auto-consciência e a apresentação do si-mesmo na sociedade. O mérito de Rosenberg é ter apresentado estas idéias a partir de uma pesquisa na qual mostra como a sociedade pode, e de fato o faz, influir decisivamente na dimensão de apreço que os adolescentes têm por si mesmos. Trata-se, pois, de um assunto bastante ambicioso no qual são englobados aspectos como a sociedade, a classe social, a religiosidade e os valores entre os indivíduos. Isto traria, como consequência, uma visão do quanto uma sociedade pode influir nos determinantes culturais do ser humano e também em sua performance.

Mosquera (1983) tem afirmado que a importância da auto-imagem e da auto-estima decorre das possibilidades qualitativas da experiência e da construção de mundos ideológicos que dão sentido à personalidade humana em suas diferentes etapas da vida. Para este autor a auto-imagem e auto-estima são processos bifocais da personalidade, concebidas como interrelações fortemente determinadas pelas estruturas sociais, ideológicas e pelas necessidades pessoais. Acrescenta ainda que são a dialética entre o mundo internalizado e a construção do social.

Vemos que se apresenta uma dinâmica de pesquisa, mostrando realmente o valor do desenvolvimento humano através de sua interação dentro de um ambiente, trazendo consequências para a auto-estima.

Esta auto-estima estaria intimamente ligada à construção social, ponto que Mosquera assinala enfaticamente.

Outro trabalho de Mosquera (1977) salienta a pesquisa de Gerard Lutte, intitulada *O ego ideal do Adolescente*. O trabalho foi realizado em sete países da Europa Ocidental, com uma população de 32.000 jovens.

Segundo Mosquera, os objetivos desta pesquisa foram estudar as diferenças entre os adolescentes, dos 10 aos 17 anos de idade, portanto uma faixa maior na dinâmica deste adolescente. A pesquisa estava focada na imagem ideal que o indivíduo elabora a partir de seu quadro de referências pessoais em interação com a cultura. O segundo objetivo foi examinar as variações acontecidas na formulação do si-mesmo, em referência à condição social, tipo de escolaridade, ambiente cultural e a imagem que o adolescente faz sobre seu mundo próximo.

Este trabalho contou com numerosos pesquisadores, empenhados em detectar estas variações do si-mesmo, em relação também com o sexo, idade, tendo também condições sócio-econômicas e nacionalidade como variáveis. É importante salientar que a amostra significativa de 32.000 estudantes compreendia meninos e meninas dos 10 aos 17 anos em uma proporção equitativa, atendendo às condições sociais privilegiada, média, menos favorecida, não classificados e não indicada. Tinha-se assim, na pesquisa, a tentativa de todos os estratos sociais es-

tarem representados, através de dados como nível de vida, de educação e valores que cada família apresentava. Foi também importante o tipo de escolarização, constatando-se idéias interessantes sobre as escolas públicas e privadas nos diferentes países.

A contextura teórica desta pesquisa partiu dos trabalhos de Sazzo, com fundamento nas idéias de Erikson e o instrumento foi o Método de Composição livre de Havighurst. Fez-se uma análise fatorial tratando de determinar o tipo ideal de si-mesmo, o que levou a aspectos bem interessantes de como o adolescente se identifica com modelos e tipos de personalidade que lhe são de suma importância no desenvolvimento de sua identidade, conseqüentemente na auto-imagem ou auto-conceito, com repercussões profundas em sua auto-estima.

A investigação mostrou a importância da construção do social, dos valores e atitudes do mundo circundante e o tipo de educação recebida e sua influência imediata a respeito do seu próprio desempenho dentro desta sociedade na qual o adolescente vive.

Trabalho extremamente interessante sobre o adolescente e sua auto-estima é narrado por McKinney et alii (1983), quando se referem à obra de Friedenberg (1983) autor que realizou pesquisas e trabalhos como *The vanishing adolescent* (em 1959), *Coming of age in America* (em 1965) e *The dignity of youth and other activism* (em 1965). Ele apresenta a auto-definição do adolescente e o papel das instituições sociais (entre elas a escola) como elementos para facilitar ou dificultar o processo desenvolvimental. A idéia sobre a auto-definição

(ou auto-clarificação) é bastante semelhante às noções de identidade de Erikson, portanto aquele autor nos leva a entender a importância que têm as instituições sobre o jovem adolescente e a possibilidade de se expressar como pessoa jovem.

O mesmo Friedenberg nos chama a atenção que um dos mais importantes valores para o adolescente é sua auto-estima, assinalando que a principal tarefa da escola é testar e avaliar. O autor acha que a auto-avaliação dos estudantes deveria basear-se na direção da apreciação e avaliação externas, levando-os a ter processos de esclarecimento de sua própria experiência, pois são, em geral, extremamente vulneráveis a estas avaliações externas. Ainda os julgamentos do meio-ambiente imediato tornam-se mais importantes do que os são para pessoas mais novas ou mais velhas.

Parece que esta idéia é bastante esclarecedora se notarmos que representa uma tentativa no crescimento da auto-estima e conseqüente auto-imagem, para levar os adolescentes a terem um maior realismo a respeito das suas performances em um ambiente institucionalizado, no caso a escola (podendo também ser um clube desportivo).

Outra pesquisa, em nossa realidade, é de Mosquera (1974), *Reações do adolescente em face do vestibular e sua auto-estima*. O trabalho tratou de mostrar a relação existente entre a adolescência, no caso Adolescência Final, e auto-estima em situação de provação. Foi realizada em Porto Alegre, em uma população de 100 alunos que estavam terminando de cursar o IIº grau e, ao mesmo tempo, realizavam o curso pré-vestibular.

Se aplicou, no segundo semestre de 1973, o questio-

nário utilizado por Morris Rosenberg quando de sua pesquisa já relatada no início deste capítulo, em três momentos diferentes aproximando-se do vestibular. Segundo o autor, a amostra esteve composta, em parte, de estudantes provenientes de uma realidade sócio-econômica-educacional elevada e parte de estudantes provenientes de outras origens sócio-econômico-educacionais diferentes (classe média média e média baixa).

Os resultados evidenciaram uma alteração na auto-estima com a proximidade do vestibular. Entre a primeira e a segunda aplicação não houve alterações significativas, já entre a primeira e a terceira aplicação as alterações foram notórias e comprovaram a postulação do autor: as tensões provocadas pelo concurso vestibular afetam a auto-estima. Houve uma diferença muito interessante entre as duas populações descritas: a de mais alto nível sócio-econômico-educacional manteve uma maior auto-estima e a de nível sócio-econômico-educacional mais baixo diminuiu sua auto-estima.

Esta pesquisa está intimamente ligando aspectos de auto-estima, auto-imagem, situação de provação e o desempenho ante esta situação de prova. O concurso vestibular, no nosso entender, é uma prova que tenta testar o desempenho do candidato que deseja ingressar na universidade. Na pesquisa fica evidenciada uma significativa ligação entre auto-estima e desempenho. Como o autor nos faz notar, este desempenho e auto-estima não dependem, necessariamente, só do aspecto correlacional mas parecem estar intimamente ligados a outros aspectos que não foram estudados neste estudo.

O nível de atendimento dos pais, a própria escolarização em instituições de nível mais elevado, a situação econômica e social não estariam a dar maior nível de segurança na performance? Não terá a performance a haver, estreitamente, com a situação de segurança psicológica que cada sujeito evidencia a partir do tipo de educação e possibilidades de desempenho na sua cultura?

Outro trabalho significativo em nossa realidade é de Ferreira (1978). Esta pesquisa contou com uma amostra final de 100 adolescentes, retirados de 350 que tinham respondido ao instrumento de pesquisa. Foi realizada em Porto Alegre, tomando duas realidades sócio-econômico-educacionais diferenciadas, através de duas realidades escolares: colégios considerados de alto padrão particulares e colégios profissionalizantes governamentais. A preocupação da pesquisadora era detectar a imagem de si e dos outros que os adolescentes têm. Esta imagem de si, segundo a autora, é considerada o mais básico e crucial componente da personalidade individual, afetando profundamente não só o relacionamento consigo mesmo mas o relacionamento com os outros e o mundo. A formação da imagem de si se realiza através da interação do indivíduo com o seu meio. O indivíduo terá consciência de si à medida que introjetar as atitudes dos outros em resposta à sua própria situação.

Por isto a autora ainda nos alerta que a auto-avaliação realista e a justa medida de auto-aceitação e auto-estima são pedras fundamentais em um ajustamento sadio. Mais ainda, a falta de auto-estima leva o indivíduo a desenvolver sentimentos de inferioridade, que o levam à competição ou à necessidade de provar sua superioridade, que são mecanismos de

defesa.

Os resultados da investigação indicaram, surpreendentemente, que não existia significativa diferença entre os dois grupos pesquisados (subdivididos em mais dois, abrangendo rapazes e moças). A autora explica que, provavelmente, isto se deva a que cada adolescente, independente de sua classe social ou realidade educacional, se vê *idealmente*.

Outro dado se referiu a como os rapazes e as moças viam a imagem dos rapazes, a imagem das moças, a imagem dos homens adultos e a imagem das mulheres adultas, não existindo diferenças significativas ao final.

Em outra hipótese, a possível congruência entre a imagem manifesta e a projetada, se notou que o jovem parece se ver nos outros quando se projeta.

Esta pesquisa levanta algumas questões bem interessantes, focalizando-se através do que a autora coloca, uma vez que o adolescente se preocupa imensamente com seu mundo interior e não apresenta discrepância entre a imagem manifesta e a imagem projetada de si. Terá validade uma testagem de forma projetiva? E ainda, não será melhor inquirir diretamente o adolescente a respeito de si-mesmo?

De qualquer modo, parece-nos, há uma significativa valorização no trabalho, independente do tipo de nível sócio-econômico-educacional, e que o adolescente se preocupa realmente pelo seu mundo e assim como se enxerga ele tende a enxergar os outros.

Preocupados em encontrar trabalhos também sobre a-

dultos, tentamos coletar trabalhos relevantes dentro da Vida Adulta.

De saída nos deparamos com a obra de Daniel Levinson (1978), cujo trabalho de estruturação se iniciou em 1966, abrangendo um território, por ele colocado, completamente novo e desafiador. O autor nos mostra as eras no desenvolvimento dos ciclos da vida no homem, começando em uma Pré-adulterez (pelos 17 anos), passando pela transição para a Adulterez Inicial (dos 22 aos 40 anos), segue-se uma adulterez transitória para a Adulterez Média.

A concepção teórica de Levinson, estruturada a partir de dados de investigação, chega a conceituações de que o Adulto Jovem é um ser extremamente dinâmico e cheio de energia, estaria extremamente preocupado em dar sentido à sua vida e desenvolver sua própria identidade. Considera o autor que as considerações mais importantes da Adulterez Jovem são: formar um sonho e dar-lhe um lugar na estrutura de vida, formar relações profundas com um mentor, ter uma ocupação, formar relações de amor, casamento e família.

Neste sentido podemos detectar a importância de ser adulto, em que se corta, segundo Mosquera (1982b), o *cordão umbilical* da família e se passa a ter uma autonomia econômica, física psicológica dos próprios pais. Segundo Mosquera, os aspectos essenciais estariam em deixar a família, aumentando a distância entre o si-mesmo e os pais; ir à luta para formar uma auto-imagem própria e a conseqüente auto-estima.

A afirmação de si-mesmo através de um quadro de valores diferentes do dos pais; o destaque dos aspectos quali-

tativos do relacionamento entre o Adulto Jovem e o Adulto Médio (criando distância emocional entre o adulto jovem e seus pais); ainda mudar de residência, são muito necessários nesta etapa.

Outro aspecto é a entrada no mundo adulto, uma luta contra um ambiente aparente ou realmente cheio de convenções e preconceitos. A idéia de fazer uma opção de vida, ao mesmo tempo há o processo de aprendizagem para viver dentro do mundo do adulto, tenta-se também formar amizades profundas com pessoas da mesma faixa etária, desenvolver relações mais significativas com aquelas denominadas mentores.

Faz parte do trabalho de investigação de Mosquera o desenvolvimento de vínculos sexuais e amorosos, principiando com a dessacralização do sexo, valorizando o amor como algo muito mais rico e significativo. As opções de vida estariam colocadas entre as formas que o indivíduo desejaria obter para sua auto-expressão, encontrando uma tentativa de achar os valores pessoais que o levem a colocar sua geratividade em uma dinâmica de desenvolvimento mais específica.

Mosquera et Folberg (1982) chamam a atenção às fases existenciais da Vida Adulta. Nos colocam que a fase do Adulto Jovem, através dos dados de entrevistas e pesquisa, poderia se dividir em idades aproximativas. Teríamos a Adultez Jovem Inicial (dos 20 a 25 anos); é o final da adolescência, havendo uma precária correspondência à Adultez de transição de Levinson. A Adultez Jovem Plena estaria dos 25 aos 35 anos (também dentro da Adultez Jovem de Levinson). A Adultez Jovem Final (ou Pré-adultez Média) abrangeria dos 35 aos 40 anos de idade, também com cor-

respondência na Adultez Jovem de Levinson.

Dentro destas teorizações poderíamos perguntar quais os significados da auto-imagem e auto-estima nestas pessoas adultas jovens, detectados em pesquisas realizadas sobre este tema. Alguns estudos por nós analisados demonstram uma íntima relação destes temas, embora não especificamente a detecção desta auto-imagem e auto-estima em sujeitos desta faixa etária. As pesquisas se têm muito mais preocupado em relacionar a auto-estima com o desempenho, ou a auto-estima com a competição ou outros fatores personalógicos.

Salienta-se que não encontramos estudos o suficientemente relevantes e específicos sobre Adulto Jovem, auto-estima e desempenho. Por isto precisamos recorrer a uma bibliografia que forneça subsídios interpretativos ante estes construtos que investigaremos e analisaremos.

QUADRO SÍNTESE DA FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

TÓPICOS	ADOLESCENTE E ADULTO JOVEM	DESEMPENHO	AUTO-ESTIMA	AUTORES
I D E A R I O	<p>Adolescência - fase da vida humana que se enquadra na Primeira Idade. É eminentemente psicossociológica. Dimensões corporais são acentuadas. Processo de Identidade como base da auto-estima.</p> <p>Adulto jovem - fase da vida humana que se enquadra na Segunda Idade. É caracterizada por grande energia e ambição, estruturação de formas íntimas e sociais de ação.</p>	<p>Atividade física - é a potencialidade que leva a pessoa a se movimentar, ampliar o ciclo de ação e conhecer o mundo.</p> <p>Desempenho - é um momento ou momentos da atividade física consciente, que é posta em andamento pelas capacidades dos seres humanos que encontram ressonância social.</p>	<p>Auto-estima - é consequente de uma série de atitudes positivas ou negativas perante um objeto particular, o si mesmo.</p> <p>Auto-estima - é a avaliação da pessoa sobre a possibilidade do seu auto-conceito atingir seus padrões e valores.</p>	<p>Stanley COOPERSMITH Bryant CRATTY Georg DIETRICH Erik ERIKSON Ronald FELDMAN Don. HAMACHEK Elizabeth HURLOCK Daniel LEVINSON Theodore LIDZ Juan MOSQUERA Sally OLDS Diane PAPALIA Morris ROSENBERG P.A. RUDIK Francisco SOBRAL Hellmuth WALTER</p>
I M P L I C A Ç Õ E S	<p>A dimensão teórica da adolescência corresponde à nossa realidade, levando em conta os jogadores de futebol amadores. Acham-se na fase de adolescência final, segundo Juan Mosquera.</p> <p>A dimensão teórica da adultez jovem corresponde, em princípio, aos jogadores de futebol profissionais. Cremos que existam algumas diferenças.</p>	<p>Atividade física, tal como é caracterizada, corresponde às manifestações comportamentais, especialmente em situações de treinamento para jogo.</p> <p>O desempenho, como conceito, equivale quase que totalmente ao aferido nas realidades desportivas (especialmente situações de jogo).</p>	<p>Pelas evidências comportamentais observadas parece que as atitudes manifestadas pelos jogadores correspondem à teorização exposta.</p> <p>Através de instrumental adequado os elementos da auto-estima se manifestam.</p>	<p>Inferências de realidade retiradas pelo autor deste trabalho.</p>
OPERACIONALIZAÇÃO	<p>Jogador de futebol amador - adolescência final, entre 16 e 20 anos de idade.</p> <p>Jogador de futebol profissional - adultez jovem, acima dos 20 anos (até os 35 aproximadamente).</p>	<p>Atividade física consciente que evidencia a capacidade, habilidade e ação dos jogadores em determinado momento da competição desportiva, obtido através da observação e tabulação durante situações de jogo.</p>	<p>Respostas proferidas ao questionário de auto-estima que evidenciam julgamentos, auto-julgamentos e sentimentos a respeito de si mesmo (convencionados como positivos ou negativos).</p>	<p>Sujeitos da amostra</p>

PARTE II

PARTE II - DINÂMICA DA INVESTIGAÇÃO

Abordaremos, nesta parte do trabalho, a investigação propriamente realizada. Estrutturamos a mesma em seis capítulos ordenados e seqüenciais, desde o contexto da Investigação, Instrumentação, Mensuração, passando pela Análise de Dados, chegando à Discussão Geral e Conclusões.

A tentativa é um relato fiel da Pesquisa, visando mostrar suas descobertas e possibilidades.

CAPÍTULO 5
CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

* ESCOPO DA INVESTIGAÇÃO

Após termos tentado analisar idéias e pesquisas a respeito do desenvolvimento do Adolescente e do Adulto Jovem, bem como Auto-estima e Desempenho em um quadro específico que é o Desporto, tentaremos agora desenvolver a nossa investigação.

Sabemos que qualquer trabalho de pesquisa emana de uma preocupação que o pesquisador tem e que pode ser provocada no seu trabalho profissional, na lide diária de suas tarefas. Este é o nosso caso.

Bunge (1973) manifesta que o aspecto mais significativo de uma pesquisa decorre do problema e do tratamento que este problema provoca. Acrescenta este autor que a investigação científica não consiste apenas em achar, formular problemas e lutar com eles. A rigor consiste, constantemente, em *tratar* problemas e tentar achar algumas respostas. Isto é, para nós, de grande importância, porque sentimos que muitas vezes os problemas são *evidentes* mas as respostas são *ambíguas* e *confusas*.

Poucas investigações, na nossa realidade, têm sido levadas a efeito no mundo do futebol, especialmente com finalidade educativa. Cremos estar bastante aperfeiçoados no treinamento técnico e tático mas desaparelhados nas dimensões psi-

cológicas e pedagógicas.

A preocupação do nosso trabalho parte de uma vivência pessoal que consiste em avaliar situações de desempenho profissional e amador em uma área do mundo desportivo.

Sidman (1976) nos adverte que uma das grandes capacidades a ser desenvolvida na investigação científica é a tentativa de avaliar argutamente as situações problemáticas que são vividas, muitas vezes sem o necessário conhecimento e sem respostas o suficientemente fidedignas.

Todos estes elementos nos levaram, de maneira consciente e crítica, a formular o seguinte problema:

QUE ALTERAÇÕES SE EVIDENCIAM NO DESEMPENHO E NA AUTO-ESTIMA EM JOGADORES PROFISSIONAIS E AMADORES DE FUTEBOL?

Deste modo formulamos o título desta pesquisa como segue:

DESEMPENHO E AUTO-ESTIMA EM JOGADORES PROFISSIONAIS E AMADORES DE FUTEBOL - Análise de uma realidade e implicações educacionais.

* DEFINIÇÃO DOS TERMOS

Creemos que, para melhor entender esta investigação, torna-se importante a definição de termos que apresentamos a seguir:

ALTERAÇÕES - modificações evidenciadas nos comportamentos dos jogadores de futebol, seja por observação de desempenhos, seja por respostas dadas à questionário de auto-estima.

EVIDENCIAR - comprovar com a maior clareza possível.

DESEMPENHO - atividade física consciente que evidencia a capacidade, habilidade e ação dos jogadores em determinado momento da competição desportiva, obtidos através da tabulação de comportamentos durante o jogo de futebol.

AUTO-ESTIMA - respostas proferidas ao questionário de auto-estima que evidenciam julgamentos, auto-julgamento e sentimentos a respeito de si mesmo, levando-se em conta os aspectos convencionados como positivos e negativos.

JOGADORES DE FUTEBOL PROFISSIONAIS - atletas registrados na Federação Gaúcha de Futebol na categoria profissional, que disputaram partidas do Campeonato Gaúcho de Futebol de 1982 (correspondem à fase de adulto jovem).

JOGADORES DE FUTEBOL AMADORES - atletas registrados na Federação Gaúcha de Futebol na categoria amador, que disputaram partidas do Campeonato Gaúcho de Futebol de 1982 (correspondem à fase de adolescência média e final).

Tendo colocado estas definições, que foram elaboradas levando em conta a literatura científica e a realidade,

podemos dizer que a estruturação metodológica procura obedecer a critérios os mais rigorosos possíveis, atendendo a uma dinâmica que procura levar em conta a configuração pessoal, sem deixar de lado a dinâmica grupal.

* QUESTÕES DE PESQUISA

McGuigan (1976) nos adverte que uma investigação se inicia com a colocação de um problema solucionável. A seguir o pesquisador deve providenciar uma forma de proposição. Esta deve ser testável, isto quer dizer que deve ser possível determinar se ela é provavelmente verdadeira ou falsa.

Levando-se em conta a natureza da nossa investigação e suas peculiaridades, nos decidimos pelas seguintes questões de pesquisa, que tentamos aferir através da instrumentação pertinente.

Há alterações no Desempenho e na Auto-estima de jogadores profissionais de futebol?

Há alterações no Desempenho e na Auto-estima de jogadores amadores de futebol?

Quais as correlações entre o Desempenho e a Auto-estima nos jogadores profissionais e nos jogadores amadores de futebol?

* CAMPO DE AÇÃO

A investigação foi levada a efeito com jogadores de futebol profissionais e amadores de um clube de Porto Alegre, RS, durante o transcorrer do Campeonato Gaúcho de Futebol, no segundo semestre de 1982. Houve intencionalidade, no que se refere a tempo e espaço, no desenvolvimento da pesquisa.

* AMOSTRAGEM

No pensamento de Borkowski et Anderson (1981), qualquer trabalho de pesquisa deve ser um processo controlado de observação que se espera que forneça a base de uma conclusão generalizada. Para estes autores a validade da generalização baseada no resultado de uma experiência, relaciona-se, em parte, com o grau em que os sujeitos representam a população.

Nesta pesquisa trabalhou-se, em princípio, com toda a população, devido ao número reduzido da mesma, bem como as possibilidades existentes de que cada sujeito pudesse participar, em algum momento, de um jogo.

Conseqüentemente tivemos a intenção de abranger todos os sujeitos que, durante os jogos do campeonato, estivessem na condição de titular ou reserva. Como os jogadores podem ser substituídos no jogo por lesão ou esquemas tático-técnicos, convencionou-se que seriam considerados válidos os desempenhos de, pelo mínimo, meio tempo de jogo, tanto no primeiro como no segundo tempo da partida. Por isto, pode-se notar, nas tabelas, que aparecem até doze jogadores em uma par-

tida.

Tentou-se, assim, ver, em *universo limitado*, as alterações no desempenho e na auto-estima, tanto dos jogadores profissionais como dos amadores.

Na realidade a amostra foi sendo reduzida a aqueles jogadores que efetivamente jogaram meio tempo em (no mínimo) um jogo e preencheram o questionário de auto-estima no início e no final do campeonato.

* DELINEAMENTO

A seguir colocamos o delineamento utilizado:

Tempo no Campeonato	Iª fase			Δt	IIª fase - final	
Atividade	FI	AE	n(D)		n(D)	AE
Sujeitos	todos		A B		A B	todos

Onde as siglas têm a seguinte correspondência:

FI - Ficha informativa Pessoal

AE - Questionário de Auto-estima

n - Jogos no campeonato

D - Desempenho - observações dos desempenhos

A - Jogadores profissionais da amostra

B - Jogadores amadores da amostra

Δt - Intervalo de tempo entre a primeira e a segunda fase do

Deste modo a nossa pesquisa ficou dividida em dois momentos de duração temporal a mais aproximada possível. Na Iª fase foram coletados os dados de todos os jogadores profissionais e amadores do plantel, obtidos através da Ficha Informativa Pessoal e por intermédio da primeira aplicação do Questionário de Auto-estima.

Foi feita também uma seleção entre os jogos do campeonato, intencional, em número de cinco (dois na primeira fase e três na segunda), todos realizados em Porto Alegre. O objetivo era obter os dados de uma melhor forma possível, evitando-se problemas em localidades do interior, em especial para os jogos dos amadores.

Antes da observação dos desempenhos, obteve-se os dados sobre a auto-estima através do Questionário distribuído a todos os jogadores dos dois plantéis, bem como dados pessoais através da Ficha informativa.

Entre as observações dos desempenhos houve um espaço temporal de aproximadamente uma semana, pois geralmente havia dois jogos durante a semana, devido ao calendário compacto dos certames.

Logo após o término do campeonato se aplicou novamente o questionário de auto-estima, para todos os jogadores dos dois plantéis.

A seguir se passou à análise dos dados obtidos.

CAPÍTULO 6
INSTRUMENTAÇÃO E MENSURAÇÃO

Tendo em vista que as idéias propostas na fundamentação conceitual deveriam ter uma base científica e que esta poderia ser testada e, se possível, replicada em situações semelhantes, partiu-se para sondar a maneira mais eficaz de obter dados sobre o desempenho e a auto-estima do jogador de futebol. Para tanto utilizou-se os instrumentos que seguem.

FICHA INFORMATIVA

Elaboramos uma ficha informativa para obter dados pessoais dos jogadores. Contém oito questões semi-estruturadas e uma aberta, com o intuito de colher maiores informações.

Esta ficha foi preenchida por todo o plantel junto com o primeiro questionário de auto-estima, encontrando-se no anexo 1. Seus resultados serão discutidos no momento adequado (esquema I e II do capítulo 7).

FICHA DE TABULAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES DE DESEMPENHO

Revisamos grande quantidade de bibliografia e é de nosso conhecimento apenas o trabalho realizado por Carvalhaes (1969) a respeito de uma *tentativa de correlacionar* o estado psico-físico do atleta de futebol antes do jogo e seu desempenho durante o mesmo. O autor utilizou um teste psicocinético para detectar o estado de ansiedade do jogador antes de entrar em campo e uma tabulação de seus comportamentos, descritos como pertencentes a três grupos: positivo, negativo e neu-

tro. Infelizmente não está descrita a maneira de pontuação e aferição desta tabulação. Os resultados indicam que o indivíduo altamente tenso tem um rendimento, na maioria das vezes, inferior ao de alguém menos tenso e mais auto-controlado. Não sabemos até que ponto estes dados são fidedignos por desconhecermos o processamento metodológico empregado.

Alguns pontos, no entanto, estariam de acordo com constatações comportamentais que temos vivenciado ao longo de nossas atividades junto a estes atletas, porém cremos que se trata muito mais de inferências.

Em vista desta dificuldade em detectar um instrumento adequado, nos propusemos a modificar uma ficha de observação de jogo já existente em nosso local de trabalho, elaborada pelos srs. Fernando Zacouteguy e Antonio Costa e profs. Ícaro Rodrigues e Paulo Otacilio de Souza (gentilmente autorizada a publicação pelos autores). Após numerosos debates e informações colhidas com vários profissionais ligados à área desportiva (entre eles preparadores físicos, técnicos, dirigentes, massagistas, roupeiros, médicos e pessoal administrativo), bem como profissionais dos meios de comunicação de massa que realizam cobertura desportiva, obtivemos dados que nos permitiram introduzir as mudanças que julgamos necessárias para tornar, no nosso entender, o instrumento de tabulação de observações de desempenhos o mais válido e fidedigno possível.

Para obter a fidedignidade deste instrumento procedeu-se a uma tentativa de correlacionar os pontos obtidos pelos jogadores com as *notas* obtidas pelos jogadores através da imprensa escrita (publicadas em jornais após cada jogo). Os

resultados aparecem descriminados na Tabela 12. Obtivemos um coeficiente de correlação ordinal de Spearman de 0,391 (considerado significativo a nível de 0,01) e um coeficiente de correlação de Pearson de 0,357 (considerado significativo a nível de 0,01). Estes coeficientes foram obtidos com base em todos os desempenhos. Nas tentativas de correlacionar as *notas* da imprensa com os pontos da tabulação jogo por jogo é mister dizer que não obtivemos a mesma consistência que os resultados globais mostraram. Acreditamos que isto se deva à provável dificuldade em avaliar e às situações de singularidade que se oferece em cada jogo isoladamente.

Novamente lembraríamos que somente consideramos os desempenhos dos jogadores que preencheram os dois questionários de auto-estima, a ficha informativa e que participaram, pelo mínimo, de um tempo em um jogo.

Para esclarecimentos maiores veja-se os anexos 2 e 3, que contém a ficha de tabulação de observações de desempenho (tanto a ficha original como a reformulada).

QUESTIONÁRIO DE AUTO-ESTIMA

Revisando trabalhos já publicados, constatou-se a existência de vários instrumentos que identificavam níveis de auto-compreensão, auto-realização, auto-conceito, auto-imagem e auto-estima. Nos chamaram a atenção, especialmente, os trabalhos de Rosenberg (1973) com adolescentes e de Jersild (Inventário de problemas pessoais) utilizado por Mosquera (1978) com professores de diferentes graus de ensino.

Steglich (1978) elaborou um instrumento a partir das

teorizações de Marques e Mosquera, para detectar as possíveis repercussões na auto-imagem e auto-estima em pessoas idosas em face à aposentadoria. O questionário, na sua versão original, possui 78 questões.

Vendo sua validade e obtendo autorização para seu uso, o reduzimos a 48 ítems, que nos pareceram mais específicos para a nossa investigação. Também alteramos a linguagem dos ítems 4, 6, 9, 24, 42 e 47 e acrescentamos os ítems 1 e 42, ficando nosso questionário em 50 questões, que não fogem da linha utilizada por Steglich, isto é, ser um questionário padronizado com escala somativa ou aditiva. Segundo Nunnally (1973), ela oferece mais adequada graduação da expressão subjetiva de aspectos pessoais. Apesar da redução de ítems, nos mantivemos fiéis à estruturação interna do instrumento, respeitando suas categorizações e dimensões comportamentais.

A fim de constatar a fidedignidade do instrumento reelaborado, realizamos um estudo piloto com dezesseis jogadores juvenis (adolescentes entre 16 e 18 anos incompletos).

Obteve-se uma fidedignidade de 0,6499 através do índice alfa de Cronbach, considerado satisfatório para as finalidades propostas (veja-se anexo 5).

É necessário observar que o instrumento original de Steglich, também no estudo piloto, apresentou uma fidedignidade de 0,89 (teste das metades). Pensamos que o tamanho ou a idade da amostragem possam ter causado o índice final de fidedignidade.

O instrumento foi validado pelos especialistas Dra. Carmem Lins Baia de Solari e Dr. Paulo Schütz, tendo sido apro-

vado para este trabalho.

Se aplicou o questionário após ter sido iniciado o Campeonato Gaúcho de Futebol de 1982, tanto para o plantel de profissionais como o de amadores. Como já salientamos, ele foi respondido por todos os jogadores, havendo esclarecimento de como fazê-lo.

Os questionários preenchidos foram recolhidos e guardados para posterior análise.

Ao término do campeonato foi reaplicado em todos os jogadores. Nestes momentos se iniciou o levantamento de dados, evitando-se possíveis inferências sobre os resultados, durante o andamento dos jogos, e as observações realizadas.

Caberia lembrar que os atletas da amostra final deveriam ter preenchido os dois questionários, a ficha informativa e ter participado, no mínimo, de meio tempo em um jogo.

No anexo 4 encontramos o questionário, e a respectiva grade de apuração de respostas.

TÉCNICAS DE MENSURAÇÃO UTILIZADAS

Empregou-se, para a ficha informativa, uma distribuição percentual nas respostas, inclusive na questão de resposta livre.

O instrumento de tabulação das observações de desempenho teve, inicialmente, a multiplicação do número de desempenhos pela pontuação encontrada no esquema III (capítulo 7), obtendo-se um escore Z individual. Também se calculou a média por jogo. Para o cálculo da fidedignidade se empregou o coe-

ficiente de correlação ordinal de Spearman e o coeficiente de correlação de Pearson.

O questionário de auto-estima, em seu estudo piloto, recebeu o tratamento estatístico de alfa de Cronbach. Também esta técnica foi utilizada nos dois questionários iniciais e nos dois finais (profissionais e amadores).

As correlações entre desempenho e auto-estima foram feitas através do coeficiente de correlação ordinal de Spearman.

Caberia salientar que a significância das correlações foi elaborada levando em conta o nível de significância de 0,01 e 0,05 para cada dado, deste modo eles assim aparecem relatados em cada tabela.

CAPÍTULO 7
ANÁLISE DE DADOS: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS
DAS TABULAÇÕES DAS OBSERVAÇÕES DOS DESEMPENHOS

Neste capítulo, e nos dois seguintes, tentaremos analisar resultados dos dados obtidos através da seguinte sistemática:

- * análise das observações de desempenho através de tabelas, considerando inicialmente os jogadores profissionais e, a seguir, os amadores. São feitos os comentários pertinentes. Chamamos a atenção que consideramos importante analisar a ficha informativa dos dois grupos para ter uma dimensão mais adequada de realidade, que parece estar ligada ao contexto conceitual. Analisamos também a validade do instrumento de observação, que foi por nós levada a efeito.
- * no capítulo 8 discutimos os resultados obtidos nas aplicações do questionário de auto-estima. Novamente teremos os dados fornecidos pelos jogadores profissionais, seguidos pelos dos amadores. Utilizamos tabelas para esta análise.
- * no capítulo 9 apresentamos a discussão dos resultados das correlações entre desempenho e auto-estima.

Optamos por esta ordenação porque nos parece a mais lógica e que, seqüencialmente, seguiu o referencial teórico.

No início da nossa investigação aplicamos, no grupo de jogadores profissionais e amadores, uma ficha informativa que nos forneceu dados a respeito dos sujeitos da pesquisa. Segue-se o esquema número I, que retrata os dados apurados com os profissionais:

ESQUEMA I - dados informativos (profissionais)

IDADE (em anos)

19 - 2	23 - 1	28 - 1
20 - 1	24 - 3	29 - 2
21 - 4	26 - 1	32 - 1
22 - 7	27 - 3	33 - 1

NATURALIDADE

ESTADO (RS) Capital - 2 (7%)	(ESTADO - 55%)
Interior - 13 (48%)	

SANTA CATARINA Capital - 1
Interior - 1

SÃO PAULO - Interior - 2

RIO DE JANEIRO - Capital - 1

GOIÁS - Capital - 1

ESPÍRITO SANTO - Interior - 1	(OUTROS - 45%)
MINAS GERAIS - Capital - 1	

Interior - 3

EXTERIOR - 1

ESTADO CIVIL

Solteiro - 15 (55%)

Casado - 12 (45%)

FILHOS

Sem filhos - 18 (67%)

Com 1 filho - 4 (15%)

Com 2 filhos - 3 (11%)

MORADIA

Com a família -	17 (63%)
Sozinho -	5 (18,5%)
No clube -	5 (18,5%)

RENDA

Até 5 salários mínimos regionais (SMR) -	0
Entre 5 e 10 SMR	- 4
Entre 10 e 15 SMR	- 8
Entre 15 e 20 SMR	- 8
Entre 20 e 25 SMR	- 2
Mais de 25 SMR	- 5

REGISTRO COMO AMADOR

1963 - 1	1970 - 1	1973 - 3	1976 - 8	1979 - 1
1968 - 2	1971 - 1	1974 - 1	1977 - 3	
1969 - 1	1972 - 2	1975 - 2	1978 - 1	

REGISTRO COMO PROFISSIONAL

1965 - 1	1970 - 1	1976 - 2	1979 - 2	1982 - 3
1968 - 1	1974 - 2	1977 - 3	1980 - 5	
1969 - 1	1975 - 1	1978 - 4	1981 - 2	

ASPIRAÇÕES

Ser professor de Educação Física -	8 (30%)
Ser treinador de futebol	- 2 (7,5%)
Cursar outras faculdades	- 4 (15%)
Tratar de assuntos religiosos	- 1 (3,5%)
Empreender negócios próprios	- 9 (33%)
Indecisos	- 3 (11%)

Gostaríamos de comentar alguns dados que nos pareceram relevantes. Do total de vinte e sete jogadores obtivemos uma média de idade de aproximadamente 23 anos, entre uma faixa bastante ampla, compreendida entre os 19 e 33 anos de idade, o que evidencia estarem estes jogadores na Adulterez Jovem Inicial e Plena.

Em termos de naturalidade, notamos que 55% dos jogadores são do estado do Rio Grande do Sul, sendo 48% do interior do estado e 7% naturais da capital. O restante (45%) é de diversos estados do Brasil e um jogador é do exterior.

A respeito do estado civil, filhos e moradia, há uma predominância de jogadores solteiros (55%), sem filhos (67%) e morando com a família (63%).

A renda média dos jogadores se situa entre os dez e vinte salários mínimos regionais, o que, no nosso entender, poderia ser extremamente interessante em uma análise sociológica de desempenho.

É importante assinalar que os jogadores iniciaram como amadores em diversos anos, um deles em 1963, a maioria (8) em 1976 e um em 1979. Já como profissionais remonta um a 1965, a maioria a 1980 (5) e os últimos (3) em 1983. Portanto cremos que este possa ser um dado bastante sugestivo para uma provável pesquisa que tente medir experiência e desempenho.

Outro dado apurado visou as aspirações, quando lhes foi perguntado o que pretendiam fazer se não quizessem ou pudessem mais jogar futebol. As respostas mais significativas foram, em ordem de importância:

- empreender negócios próprios
- ser professor de Educação Física
- cursar outros cursos universitários

A seguir colocamos o esquema II, com os dados referentes aos jogadores amadores.

ESQUEMA II - dados informativos (amadores)

IDADE (em anos)

17 - 5 (15%)

18 - 21 (64%)

19 - 7 (21%)

NATURALIDADE

ESTADO (RS)	- Capital - 13 (39%)	(Estado - 75%)
	Interior - 12 (36%)	
SANTA CATARINA	- Capital - 2	
	Interior - 2	
SÃO PAULO	- Capital - 1	(Outros - 25%)
	Interior - 1	
GOIÁS	- Capital - 1	
ESPÍRITO SANTO	- Capital - 1	

ESTADO CIVIL

Solteiros - 33 (100%)

FILHOS

Sem filhos - 32

Com 1 filho - 1

MORADIA

Com a família	- 13	(39%)
Sozinho	- 1	(3%)
No clube	- 19	(58%)

RENDA

Menos de 5 salários mínimos regionais (SMR) - 33 (100%)

REGISTRO COMO AMADOR

1975 - 1	1978 - 4	1981 - 10
1976 - 1	1979 - 7	1982 - 2
1977 - 1	1980 - 7	

ASPIRAÇÕES

Ser professor de Educação Física	- 12	(36%)
Tirar outras faculdades	- 8	(25%)
Tratar de assuntos religiosos	- 1	(3%)
Indecisos	- 12	(36%)

Podemos observar, pelo esquema, que a ficha foi aplicada em 33 jogadores.

A média aproximada da idade destes corresponde a 18 anos (64%) e a abrangência da faixa cronológica vai de 17 (15%) a 19 anos (21%), portanto os jogadores amadores se situam na Adolescência Final com todas aquelas características já apontadas.

A respeito da naturalidade, podemos observar que 75% dos jogadores amadores são provenientes do estado do Rio Grande do Sul, sendo 39% da capital e 36% do interior. Os 25% restantes são de outros estados.

O estado civil tem 100% de solteiros, sendo um deles pai solteiro e o mais significativo é que 58% mora no clube.

A renda média de todos os sujeitos foi de menos de cinco salários mínimos regionais.

O registro como jogador amador aparece, com 1 sujeito, em 1975 e vai até 1982 com 2 sujeitos, ocorrendo a maior incidência de registro (10 sujeitos) em 1981.

Nas aspirações pudemos detectar doze sujeitos desejando ser professor de Educação Física, doze manifestaram indecisão e oito em fazer outros cursos universitários.

Estes dados, parece-nos, propiciam alguns indicadores sobre os jogadores de futebol, especialmente em referência à sua personalidade, que cremos, de algum modo, influencia no seu desempenho e auto-estima.

A seguir passamos a analisar os desempenhos dos jogadores profissionais e posteriormente dos amadores. A narrativa que vamos fazer se fundamenta em um plano metódico que procuramos levar a efeito dentro dos controles mais objetivos e acurados.

Deste modo, como já foi comentado, passamos a utilizar um instrumento de observação de desempenho, que foi por nós reformulado e validado. A respeito dos jogos observados, podemos dizer que, em princípio, tentamos utilizar a ficha através de um preenchimento direto, mas logo percebemos que este procedimento se tornava muito difícil e com possibilidades de desvio de informações. Assim optamos por gravar em fita o jogo observado, comentando seus diversos lances e quem os co-

metera, separando os dois tempos do jogo. Posteriormente estes dados eram transferidos para a ficha, na medida em que se ouvia a gravação (estas fitas estão todas conservadas como documentos hábeis). No anexo 3 temos um exemplo de ficha preenchida em um jogo (dois tempos).

Colocamos a seguir:

ESQUEMA III - pontuação utilizada para obter o escore Z de desempenho.

- 10 - gol
- 9,5 - pênalti defendido
- 9 - pênalti a favor
- 8,5 - defesa bem feita
- 8 - chute ou cabeçada a gol
- 7,5 - passe bem dado
- 7 - defesa parcial bem feita
- 6,5 - antecipação ou recuperação
- 6 - reposição bem feita
- 5,5 - falta a favor
- 5 - escanteio ou lateral a favor
- 4,5 - passe mal dado
- 4 - defesa parcial mal feita ou reposição mal feita
- 3,5 - perda de bola ou defesa mal feita
- 3 - escanteio ou lateral contra
- 2,5 - chute ou cabeçada para fora
- 2 - falta contra
- 1,5 - pênalti contra ou cartão amarelo
- 1 - pênalti perdido ou cartão vermelho

Como pudemos observar, nos servimos de uma pontuação valorativa em uma escala decimal, cuja pontuação máxima indica o gol feito e a mínima o gol tomado. Adverte-se que esta pontuação foi convencionada e seus fundamentos estão explicados no capítulo 6.

Chamamos a atenção sobre as categorias deste instrumento, por nós ordenadas de 1 a 13, que aparecem a seguir. Para toda a equipe há estas treze categorias diferenciadas, incluindo-se o goleiro com seus comportamentos peculiares, que figuram entre parênteses.

- 1 - passe bem dado (defesa bem feita)
- 2 - passe mal dado (defesa mal feita)
- 3 - chute ou cabeçada a gol (defesa parcial bem feita)
- 4 - chute ou cabeçada para fora (defesa parcial mal feita)
- 5 - antecipação ou recuperação (reposição bem feita)
- 6 - perda da bola (reposição mal feita)
- 7 - escanteio ou lateral a favor
- 8 - escanteio ou lateral contra
- 9 - faltas a favor
- 10 - faltas contra
- 11 - cartão amarelo ou vermelho
- 12 - pênalti a favor ou contra
- 13 - gol cometido (sofrido)

Para melhor clareza, expomos o seguinte exemplo: o jogador W realizou, durante todo o jogo, vinte e três passes bem dados. Neste caso recebe $23 \times 7,5$ pontos pela Categoria 1.

Em seguida analisamos os dados obtidos através deste procedimento de pontuação, contidos nas tabelas 1 até 10.

As *tabelas 1* até *5* contêm os desempenhos dos jogadores profissionais e as *tabelas 6* até *10* dos amadores.

Utilizamos como código, para cada jogador, uma letra, que permaneceu a mesma durante toda a pesquisa, a fim de respeitar o sigilo ético.

Para melhor compreender as tabelas, gostaríamos de explicar sua sistemática:

- na primeira coluna temos o *código*, que se refere ao jogador;

- as outras colunas (1 a 13) são as *categorias* com suas respectivas pontuações de desempenhos no jogo observado (resultado do número de comportamentos observados já multiplicados pela pontuação apresentada no esquema III);

- a penúltima coluna (índice Z) corresponde à soma das categorias 1 a 13 (indicando o escore total obtido por cada jogador no jogo);

- a última coluna (*nota*) contém a transformação do escore Z em nota decimal.

Gostaríamos de chamar a atenção que a *nota* só aparece nos jogos dos profissionais, pois foi utilizada para o cálculo da fidedignidade do instrumento (vide tabela 11).

TABELA 1

DESEMPENHO NO JOGO 1 - PROFISSIONAIS
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													Z	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
B	292,5	40,5	-	2,5	156	14	30	15	5,5	12	-	-	-	568	9,1
C	150	27	-	-	65	3,5	-	6	-	2	1,5	-	-	255	4,1
D	210	31,5	-	-	52	10,5	5	-	5,5	4	1,5	-	-	320	5,2
F	52,5	13,5	-	-	3,5	58,5	-	3	22	2	-	-	-	155	2,2
H	34	7	-	-	108	16	-	-	5,5	-	-	-	1	171,5	2,4
I	210	27	8	2,5	78	31,5	-	3	11	2	-	-	-	373	6
J	172,5	31,5	8	-	97,5	17,5	25	3	5,5	6	1,5	-	10	368	6
N	202,5	31,5	8	-	156	7	5	3	11	2	1,5	-	-	427,5	7
P	142,5	22,5	-	-	71,5	31,5	5	3	11	2	-	-	10	299	4,8
Q	60	9	-	-	78	45,5	40	3	33	12	-	-	-	284,5	4,6
R	90	13,5	16	-	58,5	-	15	-	5,5	2	-	-	-	200,5	3,3
S	127,5	36	32	2,5	19,5	21	25	6	5,5	-	-	-	-	275	4,5

Examinando esta tabela, podemos perceber que o jogador B obteve o índice mais elevado de desempenho. O desempenho menor coube ao jogador F. A diferença entre os dois é substancial.

Os jogadores que tiveram desempenhos elevados foram: N, I, J e D. Os seus índices estiveram perto do jogador B.

No total foram cinco os jogadores mais bem sucedidos. A média de desempenhos aferidos nesta partida foi de 308,08333 pontos e o escore do jogo foi um empate em 2 x 2.

Como complemento narraríamos que as condições do campo foram ótimas, a temperatura ambiente de 25°C e o horário de início foi 17 horas.

TABELA 2

DESEMPENHO NO JOGO 2 - PROFISSIONAIS
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													Z	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
A	180	18	-	-	26	-	-	12	-	8	-	-	-	244	3
B	225	18	-	5	117	17,5	35	12	-	6	-	-	-	435,5	5,4
C	232,5	22,5	-	-	130	21	20	15	11	2	-	-	-	454	5,6
D	375	40,5	24	-	58,5	31,5	10	3	27,5	4	-	-	20	594	7,4
F	172,5	18	-	-	97,5	35	-	3	22	4	-	-	-	352	4,4
H	42,5	-	7	-	169	32	-	-	-	-	-	-	-	250,5	3,1
I	285	36	16	2,5	97,5	21	5	9	16,5	4	-	-	-	493	6,1
J	232,5	18	-	-	123,5	21	-	9	11	2	-	-	10	417	5,2
N	247,5	13,5	-	5	91	21	-	-	11	-	-	-	-	389	4,9
P	195	18	24	5	19,5	28	10	3	22	2	-	-	-	326,5	4
Q	135	36	48	2,5	19,5	38,5	25	6	55	4	-	-	-	369,5	4,6
R	210	40,5	8	-	182	21	10	9	-	6	-	-	-	486,5	6

Analisando esta tabela, notamos que o jogador D teve o maior desempenho e o jogador A obteve o mais baixo. Os jogadores I, R, C, B e J obtiveram bons desempenhos. A média deste jogo foi 400,95833 pontos, somando-se em seis desempenhos acima da média.

O resultado final do jogo foi uma vitória de 3 x 0, em um campo com ótimas condições, uma temperatura aproximada de 10°C e o horário de início foi 21 horas.

TABELA 3

DESEMPENHO NO JOGO 3 - PROFISSIONAIS
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													Z	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
B	262,5	40,5	16	-	195	14	20	24	22	4	-	-	-	598	7,6
D	135	36	48	5	32,5	17,5	15	3	17,5	6	-	-	-	315,5	4,1
E	202,5	40,5	8	2,5	91	10,5	10	-	5,5	-	-	-	-	370,5	4,8
F	90	18	8	-	19,5	3,5	5	6	33	-	-	-	-	183	2,4
H	42,5	-	-	-	144	8	-	3	-	4	1,5	-	-	202,5	2,8
J	217,5	36	8	-	110,5	21	15	3	22	2	-	-	-	435	5,8
M	300	13,5	-	-	91	10,5	15	9	5,5	2	-	-	-	446,5	6
N	435	85,5	-	-	221	7	10	27	27,5	4	1,5	-	-	818,5	10
O	52,5	31,5	8	-	3,5	26	10	3	16,5	-	-	-	-	151	2
P	82,5	18	16	5	19,5	42	25	-	-	6	-	-	-	214	2,9
Q	142,5	45	16	2,5	32,5	49	35	6	27,5	2	-	-	-	358	4,9
R	240	27	7	2,5	182	14	10	6	5,5	8	1,5	-	-	503,5	6,5

A partir da tabela concluímos que o jogador N obteve o maior desempenho e o jogador O obteve o menor. Para uma média do jogo de 383 pontos, houve cinco jogadores com desempenhos acima desta média (N, B, R, M e J). O resultado final, empate em 0 x 0, foi obtido em um campo com ótimas condições, temperatura aproximada de 22°C e início da partida às 21 horas.

TABELA 4

DESEMPENHO NO JOGO 4 - PROFISSIONAIS
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS; MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													Z	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
B	195	54	-	-	123,5	14	20	6	27,5	14	1,5	-	-	455,5	7,5
D	210	22,5	-	2,5	39	17,5	5	3	16,5	4	-	-	-	320	5,3
E	195	27	-	-	58,5	28	10	-	5,5	8	1	-	-	333	5,4
H	42,5	10,5	-	-	138	24	-	-	5,5	-	-	-	1,5	222	3,3
J	52,5	13,5	-	-	39	21	10	3	11	2	-	-	-	152	2,5
L	97,5	18	-	-	188,5	-	10	9	-	8	-	-	-	331	5,4
M	262,5	40,5	-	2,5	143	3,5	20	9	-	2	-	-	-	483	8
O	52,5	36	8	-	32,5	7	10	-	16,5	8	-	-	-	170,5	2,7
P	45	4,5	-	5	13	24,5	5	3	5,5	10	1	-	-	116,5	1,9
Q	112,5	40,5	-	-	65	42	55	3	22	10	1,5	-	-	351,5	5,8
R	150	85,5	8	2,5	143	-	5	-	11	2	-	-	10	417	6,8

Pela tabela podemos notar que o jogador M obteve o maior desempenho no jogo, enquanto que o jogador P obteve o menor.

Para uma média de 304,72727 pontos, houve sete jogadores acima desta média (M,B,R,Q,E,L e D). A partida terminou em derrota de 1 x 3, em um campo de ótimas condições, temperatura de aproximadamente 28°C e horário de início às 16 horas.

TABELA 5

DESEMPENHO NO JOGO 5 - PROFISSIONAIS
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													Z	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
A	142,5	31,5	8	5	39	42	15	12	11	6	1,5	1	-	314,5	3,8
B	352,5	54	8	-	136,5	31,5	20	21	27,5	6	1,5	-	-	658,5	7,9
D	172,5	49,5	-	2,5	52	31,5	10	3	27,5	8	-	9	-	365,5	4,4
G	67,5	22,5	8	-	6,5	24,5	-	-	11	4	-	-	10	154	1,4
H	42,5	-	7	8	162	20	-	5	-	-	-	-	-	244,5	3
I	195	31,5	-	7,5	91	24,5	-	9	22	2	-	-	-	382,5	4,6
J	300	49,5	-	8	234	28	5	-	-	4	-	-	-	628,5	7,6
L	135	31,5	-	-	188,5	14	5	6	-	8	1,5	-	-	389,5	4,6
M	262,5	58,5	-	-	188,5	7	5	12	-	4	-	-	-	537,5	6,5
N	277,5	54	-	-	182	2,5	10	24	11	2	-	-	-	563	7
Q	90	31,5	-	-	52	56	45	6	33	12	1,5	-	-	327	4

Esta última tabela dos jogos dos profissionais nos revela que o jogador B obteve o desempenho mais alto e o G o mais baixo, para uma média de 415 pontos. Os jogadores B, J, N e M se desempenharam acima da média. O escore final foi uma vitória por 1 x 0, em um campo de ótimas condições, temperatura aproximada de 15°C e início da partida às 21 horas.

TABELA 6

DESEMPENHO NO JOGO 1 - AMADORES
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES; INDIVIDUAIS (Z) MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													INDIVIDUAL	NOTA
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13		
C	195	9	16	-	13	14	5	3	10,5	8	-	-	-	273,5	
G	90	31,5	-	-	52	21	10	15	-	-	-	-	-	219,5	
H	60	58,5	16	2,5	71,5	38,5	15	9	-	4	-	-	-	275	
I	262,5	63	-	2,5	123,5	38,5	10	6	22	2	-	-	-	530	
L	60	9	24	-	13	7	10	-	11	2	-	-	-	136	
M	337,5	22,5	16	-	84,5	14	25	-	27,5	8	-	-	-	535	
N	255	36	-	-	130	10,5	10	-	11	8	1,5	-	-	462	
Q	270	72	16	2,5	136,5	28	10	-	10,5	4	-	-	-	549,5	
R	360	58,5	32	-	188,5	24,5	20	15	22	10	-	1,5	-	732	
S	85	7	14	-	132	12	5	6	5,5	-	-	-	1	267,5	
T	75	4,5	16	5	-	21	5	6	27,5	2	-	-	-	162	
U	382,5	63	16	-	156	17,5	20	3	5,5	-	-	-	-	663,5	

O jogador de maior desempenho foi R e o de menor L. A média ficou em 400,45833 pontos, destacando-se os jogadores R,U,Q,M,I e N. O escore final da partida foi um empate em 2 x 2, em um campo com ótimas condições, temperatura aproximada de 25°C e horário de início às 15 horas.

TABELA 7

DESEMPENHO NO JOGO 2 - AMADORES
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIANO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													INDIVIDUAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Z
A	135	9	-	-	26	24,5	15	3	16,5	2	-	9	10	250,5
E	142,5	9	-	-	39	7	-	-	-	10	1,5	-	-	209
F	67,5	18	16	-	39	14	-	-	44	8	-	-	-	206,5
I	142,5	13,5	16	-	45,5	31,5	15	-	5,5	4	-	-	10	283,5
J	165	22,5	24	5	110,5	21	10	9	16,5	-	-	-	-	383,5
L	105	-	16	10	26	31,5	15	-	16,5	6	-	-	10	236
M	247,5	9	-	-	91	14	5	9	22	22	1,5	-	-	421
Q	165	9	24	-	52	14	-	6	11	-	-	-	10	291
S	51	3,5	-	-	120	4	-	-	-	-	-	9,5	0,5	188,5
U	315	63	8	-	117	10,5	10	9	11	6	-	1,5	-	551

Notamos, na tabela, que o jogador U teve a maior pontuação e o jogador S teve a menor. Para a média do jogo de 302,05 pontos houve 3 jogadores acima desta média (U,M,J).

O escore final foi uma vitória por 5 x 1, em ótimas condições de campo, uma temperatura aproximada de 13°C, iniciando-se o jogo às 19 horas.

TABELA 8

DESEMPENHO NO JOGO 3 - MADORES
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													INDIVIDUAL Z
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	
A	45	18	24	2	39	17,5	55	6	16,5	2	-	-	-	225
D	42,5	4	-	8	114	16	-	4	-	-	-	-	0,5	189
E	140	45	-	-	78	-	-	3	-	2	-	-	-	268
F	112,5	13,5	-	-	45,5	21	25	9	16,5	2	-	-	-	225
H	112,5	13,5	8	-	78	16	-	6	5,5	4	-	-	-	243,5
I	217,5	45	8	5	91	35	-	-	22	-	-	-	-	423,5
J	140	40,5	-	5	104	24,5	10	9	-	4	-	-	-	337
L	90	9	-	2	26	21	15	3	5,5	4	-	-	-	175,5
M	270	22,5	8	-	123,5	14	5	9	22	10	-	-	-	484
Q	270	45	-	-	208	16	20	6	22	2	-	-	-	589
R	165	49,5	24	5	188,5	17,5	20	6	-	-	-	-	-	475,5
U	330	63	-	-	175,5	14	25	9	-	6	1,5	-	-	624

A tabela nos indica que o jogador de melhor desempenho foi U, o de menor desempenho foi L, ficando U,Q,M,R e I acima da média (356,75 pontos).

O jogo terminou com uma derrota por 0 x 1, em um ótimo campo, uma temperatura de aproximadamente 20°C, tendo iniciado às 19 horas.

TABELA 9

DESEMPENHO NO JOGO 4 - AMADORES

TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													INDIVIDUAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Z
B	142,5	40,5	16	2,5	52	28	20	3	5,5	4	-	-	-	314
E	67,5	18	-	-	65	-	5	6	11	4	1,5	-	-	293,5
H	90	36	8	-	58,5	24	15	3	5,5	4	-	-	-	244
I	90	13,5	24	5	52	21	10	3	16,5	2	-	-	-	237
M	217,5	36	8	-	110,5	14	-	12	-	10	1,5	-	-	409,5
O	30	18	8	2,5	19,5	24,5	-	3	16,5	6	-	-	-	128
P	135	31,5	32	5	58,5	7	20	-	11	10	1,5	-	10	321,5
Q	82,5	45	-	-	71,5	-	20	12	-	4	-	-	-	235
R	120	36	-	-	104	-	20	6	5,5	2	-	-	-	293,5
S	42,5	-	7	4	120	16	-	-	11	-	-	-	-	200,5
U	195	63	16	-	78	3,5	35	6	5,5	2	1,5	-	-	405,5

Nesta tabela percebemos que o jogador M teve o maior desempenho, ficando o jogador O com o menor. A média foi de 269,68181 pontos, ficando 6 jogadores (M,U,P,B,E e R) acima deste índice.

O jogo foi disputado em um campo quase completamente alagado, com chuva intensa, em uma temperatura aproximada de 8°C, iniciando-se às 21 horas. O resultado final foi uma vitória por 2 x 0.

TABELA 10

DESEMPENHO NO JOGO 5 - AMADORES
 TABULAÇÃO DAS PONTUAÇÕES POR CATEGORIAS; ESCORES INDIVIDUAIS (Z); MÉDIA NO JOGO

CÓDIGO	C a t e g o r i a s													INDIVIDUAL
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	Z
B	90	22,5	8	2,5	52	7	10	12	5,5	6	-	-	-	215,5
C	202,5	45	24	5	65	17,5	20	3	16,5	14	-	-	10	422,5
E	97,5	27	-	-	91	3,5	5	3	-	8	1,5	-	-	236,5
I	165	58,5	32	2,5	78	10,5	25	3	5,5	10	-	-	-	390
L	90	40,5	24	2,5	39	10,5	20	3	-	14	1,5	-	-	244,5
M	172,5	54	-	-	227,5	14	15	9	5,5	12	1,5	-	-	511
P	135	13,5	-	2,5	32,5	7	10	9	5,5	12	-	-	-	227
Q	180	63	-	-	162,5	10,5	10	21	5,5	10	-	-	-	462,5
R	105	31,5	8	2,5	130	3,5	-	15	-	10	-	-	-	305,5
S	51	-	7	-	120	12	-	-	-	-	-	-	-	190
T	30	13,5	-	-	6,5	7	10	-	-	9	-	-	-	76
U	247,5	54	-	2,5	162,5	3,5	10	12	11	4	-	-	-	506,5

A tabela nos indica que o jogador M teve o maior desempenho e o jogador T o menor. A média foi de 315,625 pontos, destacando-se os jogadores M,U,Q,C, e I.

O escore final foi vitória por 1 x 0, em um campo molhado por uma leve chuva, em uma temperatura aproximada de 20°C, iniciado às 19 horas.

TABELA 11

RESUMO DAS TABELAS DE DESEMPENHO

Resumiríamos os dados principais das tabelas da seguinte forma:

Profissionais - média de pontos por jogo	Amadores - média de pontos por jogo
Jogo 1 - 308,08333 (resultado 2x2)	Jogo 1 - 400,45833 (resultado 2x2)
Jogo 2 - 400,95833 (resultado 3x0)	Jogo 2 - 302,05 (resultado 5x1)
Jogo 3 - 383 (resultado 0x0)	Jogo 3 - 356,75 (resultado 0x1)
Jogo 4 - 304,72727 (resultado 1x3)	Jogo 4 - 269,68181 (resultado 2x0)
Jogo 5 - 415 (resultado 1x0)	Jogo 5 - 315,625 (resultado 1x0)
média dos 5 jogos = 362,35376	média dos 5 jogos = 328,91302

Também poderíamos alertar para outra informação obtida no presente resumo. Os jogos dos profissionais têm a duração de 90 minutos (dois tempos de 45 minutos), enquanto que dos amadores têm a duração de 80 minutos (dois tempos de 40 minutos). Seria de se esperar que os profissionais tivessem uma média maior, por disporem de mais tempo para jogar. Acontece que a diferença de 11,11% no tempo (dez minutos a mais) estaria a colocar que a média esperada (se se considerasse o desempenho igual) para os amadores seria de 322,09625 pontos (362,35376 menos 11,11%). Como a média dos amadores foi maior em 6,81677 pontos, estes tiveram um percentual de desempenho real de 2,116377% maior.

A seguir passaremos a analisar a fidedignidade do instrumento de tabulação das observações de desempenho, a partir da tabela 12.

TABELA 12

CORRELAÇÕES DAS NOTAS OBTIDAS ATRAVÉS DA TABULAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES DO DESEMPENHO COM AS NOTAS DADAS PELA IMPRENSA

	JOGO 1		JOGO 2		JOGO 3		JOGO 4		JOGO 5
B	9,1 - 7	A	3 - 6	B	7,6 - 6	B	7,5 - 6	A	3,8 - 6
C	4,1 - 5	B	5,4 - 6	D	4,1 - 6	D	5,3 - 4	B	7,9 - 6
D	5,2 - 5	C	5,6 - 6	E	4,8 - 6	E	5,4 - 6	D	4,4 - 2
F	2,2 - 5	D	7,4 - 8	F	2,4 - 6	H	3,3 - 7	G	1,4 - 7
H	2,4 - 7	F	4,4 - 5	H	2,8 - 8	J	2,5 - 4	H	3 - 8
I	6 - 6	H	3,1 - 7	J	5,8 - 6	L	5,4 - 5	I	4,6 - 6
J	6 - 6	I	6,1 - 7	M	6 - 6	M	8 - 7	J	7,6 - 8
N	7 - 9	J	5,2 - 7	N	10 - 8	O	2,7 - 4	L	4,6 - 6
P	4,8 - 7	N	4,9 - 8	O	2 - 4	P	1,9 - 2	M	6,5 - 7
Q	4,6 - 6	P	4 - 6	P	2,9 - 7	Q	5,8 - 8	N	7 - 9
R	3,3 - 7	Q	4,6 - 7	Q	4,9 - 8	R	6,8 - 6	Q	4 - 7
S	4,5 - 6	R	6 - 7	R	6,5 - 6				
	R=0,837*		R=0,757*		R=0,293		R=0,648**		R=0,179
	r=0,242		r=0,456		r=0,294		r=0,718**		r=0,105
	n=12		n=12		n=12		n=11		n=11

Para testar a fidedignidade do instrumento de tabulação das observações, se procedeu da seguinte maneira:

- os jogadores tiveram seus desempenhos computados na forma observada nas tabelas anteriores
- destes desempenhos se retirou a nota decimal correspondente à pontuação de cada jogador em relação à média de cada jogo
- comparou-se cada nota obtida com as notas atribuídas pelos meios de comunicação de massa (notas nos jornais)
- correlacionou-se as notas jogo por jogo, através do coeficiente de correlação de Pearson (R) e do coeficiente de correlação ordinal de Spearman (r).

No primeiro jogo obtivemos um coeficiente de correlação de Pearson de 0,837, considerado significativo a nível de 0,01 (*). Veja-se explicação ao final do capítulo 6.

No segundo jogo obtivemos um coeficiente de correlação de Pearson de 0,757, considerado significativo a nível de 0,01 (*).

No terceiro jogo, como se pode constatar na tabela, não houve resultados significativos.

No quarto jogo obtivemos um coeficiente de correlação de Pearson de 0,648, considerado significativo a nível de 0,05 e um coeficiente de correlação ordinal de Spearman de 0,718, considerado significativo a nível de 0,05 (**).

No quinto jogo verificou-se que os resultados não foram significativos.

Realizada a apuração jogo por jogo, procedeu-se à correlação de todas as notas, obtendo-se um coeficiente de correlação de Pearson de 0,357 (considerado significativo a nível de 0,01) e coeficiente de correlação ordinal de Spearman de 0,391 (considerado significativo a nível de 0,01). Conseqüentemente ficou provado que o instrumento é fidedigno e serve para os fins propostos (segundo Young e Veldman, 1978).

Finalmente diríamos que a análise destas notas só foi possível de ser efetuada com os jogadores profissionais, visto que aos amadores não é atribuída uma nota porque seus jogos não são especificamente observados pelos profissionais dos meios de comunicação de massa.

Este capítulo se encerra com o comentário da vali-

dade das observações realizadas, que são, no nosso entender, muito elucidativas para o conhecimento pessoal e técnico-profissional dos jogadores, tanto profissionais quanto amadores. Cremos que estes dados podem revelar níveis de persistência e consistência de desempenho e, desde logo, servir como indicadores para um preparo psico-pedagógico mais objetivo e promissor.

* Questão nº 16 - quando questionados sobre terem planos para o futuro, 2 sujeitos confirmaram *sim* na primeira aplicação e nenhum o fez na segunda. Um sujeito confirmou *quase sempre* na primeira e nenhum o fez na segunda aplicação. *Algumas vezes* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira aplicação e 3 na segunda, enquanto que *quase nunca* não foi confirmado. O item *não* obteve 15 confirmações na primeira e 17 na segunda aplicação.

* Questão nº 28 -- *tenho boas relações com as pessoas mais íntimas?* mostrou que nenhum sujeito confirmou os itens *sim*, *quase sempre* e *algumas vezes*. Um sujeito na primeira e 2 na segunda confirmaram *quase nunca*, enquanto que 19 na primeira e 18 na segunda confirmaram o item *não*.

* Questão nº 30 - *relaciono-me bem com meus parentes?* obteve confirmação *sim* por 2 sujeitos em cada aplicação e nenhum confirmou, nas duas aplicações, o item *quase sempre*. Já o item *algumas vezes* foi confirmado por 3 sujeitos na primeira aplicação e 1 na segunda; para um número de 2 sujeitos, em cada aplicação, que confirmaram o item *quase nunca*. Não foi confirmado por 13 sujeitos na primeira e 15 na segunda aplicação.

* Questão nº 33 -- sobre ser dependente dos outros nas próprias necessidades econômicas, houve, na alternativa *sim*, 3 confirmações na primeira aplicação e 4 na segunda. A alternativa *quase sempre* foi confirmada por 3 sujeitos na primeira e 2 na segunda aplicação. *Algumas vezes* obteve 3 confirmações na primeira aplicação e 5 na segunda, enquanto que *quase nunca* foi confirmado por 1 sujeito na primeira e 2 na segunda aplicação. Não foi confirmado por 10 sujeitos na 1ª e 7 na 2ª

Nos aspectos sociais analisados, podemos detectar que a grande maioria gostaria de saber jogar melhor o futebol, o que também está intimamente unido à necessidade de ter maior êxito profissional, embora, curiosamente, a maior parte dos sujeitos se considere profissionalmente realizado e não admitta sentir-se inferior aos seus colegas de equipe.

Sobre a situação financeira, a maior parte dos sujeitos não a considera satisfatória, apresentando evidente preocupação com a mesma.

O que nos chamou mais atenção foi que não representaram ter planos para o futuro, embora sejam adolescentes que, cremos, sejam ambiciosos e competitivos.

Sobre o relacionamento com outras pessoas, consideradas mais íntimas, e com os parentes, a grande maioria confirmou não ser bom, o que, de certa maneira, nos deixa bastante interessados pois não sabemos até que ponto este relacionamento possa vir a influir no desempenho presente ou futuro.

Sobre dependência, as respostas foram muito diluídas, o que, evidentemente, torna difícil um comentário mais objetivo.

Passaremos a analisar os aspectos intelectuais.

* Questão nº 6 - *gostaria de estudar mais?* foi confirmada com *sim* por 14 sujeitos na primeira aplicação e 13 na segunda. Nenhum sujeito, na primeira aplicação, confirmou *quase sempre* mas 1 o fez na segunda aplicação. Quatro sujeitos confirmaram *algumas vezes* na aplicação primeira e 2 o

fizeram na segunda. *Quase nunca* não foi confirmado na primeira aplicação mas o foi por 2 sujeitos na segunda. *Não* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 1 na segunda aplicação.

* Questão nº 10 - sobre gostarem de aprender, não houve confirmações nas alternativas *sim* e *quase sempre* das duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado por 1 sujeito na primeira e 2 na segunda aplicação. *Quase nunca* não foi confirmado na primeira mas foi confirmado por 1 sujeito na segunda aplicação. A alternativa *não* obteve 19 confirmações na primeira aplicação e 17 na segunda.

* Questão nº 11 - *se é encontrar soluções para os problemas que aparecem?* foi confirmado com *sim* por 1 sujeito em cada aplicação, enquanto que ninguém confirmou com *quase sempre*. Houve, no item *algumas vezes*, 5 confirmações na primeira e 4 na segunda aplicação. Na alternativa *quase nunca*, nas duas aplicações, houve 8 confirmações e, na alternativa *não*, houve 6 confirmações na primeira e 7 na segunda aplicação.

* Questão nº 12 - já analisada, envolve alguns aspectos orgânicos e também alguns intelectuais.

* Questão nº 13 - *tenho facilidade de criar idéias?* foi confirmada com a alternativa *sim* por 1 sujeito em cada aplicação. A alternativa *quase sempre* não obteve confirmação nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado por 9 sujeitos na primeira e 8 na segunda aplicação. Três sujeitos confirmaram *quase nunca* na primeira aplicação e 4 o fizeram na segunda. Sete sujeitos confirmaram *não* em cada aplicação.

* Questão nº 15 - ao serem indagados sobre terem curiosidade

em conhecer coisas novas, não houve confirmações nas alternativas *sim* ou *quase sempre*, enquanto que 5 sujeitos, em cada aplicação, confirmaram *algumas vezes*. *Quase sempre* foi confirmado por 1 sujeito na primeira e 3 na segunda aplicação. Foi confirmada a alternativa *não* por 14 sujeitos na primeira e 12 na segunda aplicação.

* Questão nº 19 - também já foi analisada nos aspectos orgânicos, se bem que tenha importantes implicações de variáveis educacionais, dentro do aspecto de sucesso profissional.

* Questão nº 24 - *consegui, até agora, realizar o que queria na vida?* foi confirmado com o item *sim* por 3 sujeitos, na primeira aplicação, e por 4 sujeitos na segunda, não sendo confirmado o item *quase sempre* nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado por 4 sujeitos na primeira e 2 na segunda aplicação, enquanto que 4 sujeitos, em cada aplicação, confirmaram o item *quase nunca*. O item *não* obteve 9 confirmações na primeira aplicação e 10 na segunda.

* Questão nº 31 - *parece-me que os outros têm vida melhor que a minha ?* obteve confirmação na alternativa *sim*, na primeira aplicação, através de 2 sujeitos e, na segunda, através de 1 sujeito. *Quase sempre* não foi confirmado nas duas aplicações, enquanto que *algumas vezes* foi confirmado por 5 sujeitos na primeira aplicação e 2 na segunda. *Quase nunca* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 3 na segunda aplicação. A alternativa *não* foi confirmada por 11 sujeitos na primeira aplicação e 14 na segunda.

Finalmente, tratamos de analisar os aspectos consi-

por 8 sujeitos, na primeira, e 3 na segunda aplicação. *Quase sempre* não foi confirmado na primeira aplicação, mas o foi por 12 sujeitos na segunda. *Algumas vezes* foi confirmado por 9 sujeitos na primeira e 12 na segunda aplicação. Três sujeitos confirmaram o item *quase nunca* na primeira e 1 na segunda aplicação. Nenhum sujeito confirmou *não* na primeira mas 2 confirmaram este item na segunda aplicação.

* Questão nº 22 - *o meu passado deveria ter sido diferente?*

teve as mesmas confirmações em todas as alternativas, nas duas aplicações: *sim* com 3 sujeitos; *quase sempre* com nenhuma confirmação; *algumas vezes* com 1 confirmação; *quase nunca* sem confirmações e *não* com 16 confirmações.

* Questão nº 25 - ao serem inquiridos sobre preocupar-se muito consigo mesmo, o item *sim* foi confirmado

por 12 sujeitos na primeira aplicação e 13 na segunda. *Quase sempre* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira aplicação e 3 na segunda. Quatro sujeitos confirmaram *algumas vezes* na primeira aplicação e 3 na segunda. Nenhum sujeito confirmou *quase nunca* nas duas aplicações e 2 sujeitos confirmaram *não* na primeira aplicação, ficando 1 sujeito confirmando na segunda aplicação.

* Questão nº 26 - *interesse-me pelos outros?* não foi confirmado

na primeira aplicação no item *sim* mas foi confirmado por 1 na segunda. *Quase sempre* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 1 na segunda aplicação. Cinco sujeitos confirmaram *algumas vezes* na primeira e 4 na segunda aplicação. Houve 4 sujeitos que confirmaram *quase nunca* na primeira e 5 na segunda aplicação, enquanto que 9 sujeitos

* Questão nº 27 - sobre aceitar a sua vida como é, houve 1 confirmação no item *sim* em cada aplicação e nenhuma *quase sempre* também nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado por 3 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação. *Quase nunca* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira aplicação e 3 na segunda. O item *não* foi confirmado por 14 sujeitos na primeira e 12 na segunda aplicação.

* Questão nº 29 - *penso que os outros não têm consideração comigo?* foi confirmado, através do item *sim*, por 1 sujeito na primeira aplicação e não foi confirmado na segunda. O item *quase sempre* não foi confirmado nas duas aplicações. Seis sujeitos, na primeira aplicação, confirmaram o item *algumas vezes* na primeira aplicação e 7 o fizeram na segunda. Um sujeito confirmou *quase nunca* em cada aplicação e 12 sujeitos confirmaram o item *não* nas duas aplicações.

* Questão nº 32 - *sinto-me abandonado pelos meus amigos?* não foi confirmado através das alternativas *sim* e *quase sempre*, nas duas aplicações, enquanto que 4 sujeitos confirmaram *algumas vezes* na primeira e ninguém o fez na segunda. Nenhum sujeito, na primeira aplicação, confirmou a alternativa *quase nunca* mas 3 o fizeram na segunda. Dezesesseis sujeitos confirmaram a alternativa *não* na primeira e 17 o fizeram na segunda aplicação.

* Questão nº 34 - *sinto segurança em minhas atitudes?* obteve os mesmos índices de confirmações, nas duas aplicações: nenhuma na alternativa *sim*, *quase sempre* e *algumas vezes*; 8 na alternativa *quase nunca* e 12 confirmações na alternativa *não*.

- * Questão nº 35 - ao serem questionados sobre considerar-se pessoa tolerante, houve confirmação do item *sim* através de 9 sujeitos na primeira e 10 na segunda aplicação. Quatro sujeitos confirmaram o item *quase sempre* na primeira aplicação e 2 na segunda, enquanto que o item *algumas vezes* foi confirmado por 4 sujeitos na primeira e 7 na segunda aplicação. No item *quase nunca* houve 1 confirmação na primeira aplicação e nenhuma na segunda. Dois sujeitos confirmaram o item *não* na primeira e 1 na segunda aplicação.
- * Questão nº 36 - sobre ter senso de humor, houve, no item *sim*, 2 confirmações na primeira e 1 na segunda aplicação, enquanto que *quase sempre* não foi confirmado nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmados por 4 sujeitos na primeira e 3 na segunda aplicação. Houve 2 confirmações na primeira e 4 na segunda aplicação na alternativa *quase nunca*, para 12 sujeitos em cada aplicação na alternativa *não*.
- * Questão nº 37 - *tenho dúvidas sobre que atitudes tomar?* recebeu confirmação *sim* através de 2 sujeitos na primeira e 3 na segunda aplicação, enquanto que *quase sempre* não foi confirmado nas aplicações. Houve 12 confirmações *algumas vezes* na primeira e 8 na segunda aplicação. *Quase nunca* foi confirmado através de 4 sujeitos na primeira e 5 na segunda aplicação. O item *não* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação.
- * Questão nº 39 - ao serem questionados sobre serem pessoas pessoas tristes, 1 sujeito confirmou *sim* na primeira aplicação e ninguém o fez na segunda. *Quase sempre*

firmado por 6 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação. *Quase nunca* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação. *Não* obteve 11 confirmações na primeira e 12 na segunda aplicação.

* Questão nº 40 - *acuso outros de erros que eu cometo?* foi confirmado através de 1 sujeito na primeira e 2 na segunda aplicação, no item *sim*. *Quase sempre* não teve confirmações nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado através de 5 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação. *Quase nunca* foi confirmado através de 3 sujeitos na primeira e 4 na segunda aplicação. *Não* obteve 11 confirmações na primeira e 10 na segunda aplicação.

* Questão nº 41 - *sinto-me magoado quando os outros me criticam?* obteve 3 confirmações *sim* na primeira aplicação e 4 na segunda, enquanto que a alternativa *quase sempre* obteve 2 confirmações na primeira e nenhuma na segunda. A alternativa *algumas vezes* obteve 11 confirmações em cada aplicação. *Quase nunca* obteve 3 confirmações na primeira e 1 na segunda aplicação e a alternativa *não* obteve 1 confirmação na primeira e 4 na segunda aplicação.

* Questão nº 42 - sobre ser uma pessoa medrosa, houve uma confirmação *sim* na primeira aplicação mas não na segunda, enquanto que *quase sempre* não foi confirmado nas duas aplicações. Na alternativa *algumas vezes* houve 3 confirmações em cada aplicação. *Quase nunca* foi confirmado por 4 sujeitos na primeira aplicação e 2 na segunda, enquanto que a alternativa *não* foi confirmada por 12 sujeitos na primeira aplicação e 15 na segunda.

* Questão nº 43 - *as opiniões dos outros têm influência sobre mim?*, foi confirmado *sim* por 2 sujeitos em cada aplicação, enquanto que *quase sempre* foi confirmado por 1 sujeito na primeira aplicação e não foi confirmado na segunda. Houve 9 sujeitos na primeira aplicação e 10 sujeitos na segunda que confirmaram o item *algumas vezes*, enquanto que *quase nunca* e *não* foram confirmados por 4 sujeitos em cada aplicação e cada alternativa.

* Questão nº 44 - sobre ter certeza sobre o que está certo ou errado, não houve confirmação da alternativa *sim* nas duas aplicações e uma confirmação, em cada aplicação, na alternativa *quase sempre*. *Algumas vezes* foi confirmado por 5 sujeitos na primeira aplicação e 4 na segunda. *Quase nunca* foi confirmado por 6 sujeitos em cada aplicação, enquanto que a alternativa *não* foi confirmada por 8 sujeitos na primeira e 9 na segunda aplicação.

* Questão nº 45 - *sou uma pessoa submissa?* foi confirmado, através da alternativa *sim*, por 1 sujeito na primeira aplicação e 2 na segunda, não sendo confirmado pela alternativa *quase sempre* das duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado por 1 sujeito na primeira e não foi confirmado na segunda aplicação. Dois sujeitos confirmaram *quase nunca* na primeira aplicação e 1 o fez na segunda, enquanto que a alternativa *não* foi confirmada por 16 sujeitos na primeira e 17 na segunda aplicação.

* Questão nº 46 - inquiridos sobre se as convenções sociais os afetam, 2 sujeitos, em cada aplicação, confirmaram *sim* e nenhum confirmou *quase sempre* nas duas aplicações. Também 2 sujeitos confirmaram *algumas vezes* em cada

aplicação. *Quase nunca* foi confirmado por 3 sujeitos na primeira e 5 na segunda aplicação. Houve 13 sujeitos que confirmaram *não* na primeira aplicação e 11 o fizeram na segunda.

* Questão nº 47 - *sinto que os outros me evitam?* 2 confirmações *sim* na primeira aplicação e 1 na segunda, enquanto que *quase sempre não* foi confirmado nas aplicações. *Algumas vezes* obteve 3 confirmações em cada aplicação. *Quase nunca* foi confirmado por quatro sujeitos na primeira aplicação e não foi confirmado na segunda. Houve 11 sujeitos que confirmaram *não* na primeira e 16 o fizeram na segunda aplicação.

* Questão nº 48 - *tenho medo da morte?* obteve confirmação *sim* através de 3 sujeitos na primeira aplicação e 6 na segunda, enquanto que *quase sempre não* foi confirmado nas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado 4 vezes na primeira aplicação e 2 na segunda. *Quase nunca* foi confirmado por 2 sujeitos na primeira e 3 na segunda aplicação, ficando o item *não* confirmado por 11 sujeitos na primeira e 9 na segunda aplicação.

* Questão nº 49 - sobre se considerar uma pessoa satisfeita, houve 2 confirmações no item *sim* da primeira aplicação e não foi confirmado este item na segunda aplicação. O item *quase sempre não* foi confirmado na primeira aplicação mas o foi por 1 sujeito na segunda. O item *quase nunca* foi confirmado 2 vezes na primeira e 3 vezes na segunda aplicação. *Não* foi confirmado por 9 sujeitos na primeira e 11 sujeitos na segunda aplicação.

* Questão nº 50 - *se pudesse começar tudo de novo, gostaria de*

ções na alternativa *sim* na primeira aplicação e 2 na segunda, enquanto que a alternativa *quase sempre* não foi confirmada nas duas aplicações. *Algumas vezes* foi confirmado 3 vezes na primeira e 2 vezes na segunda aplicação. *Quase nunca* não foi confirmado na primeira mas 1 sujeito confirmou esta alternativa na segunda aplicação. A alternativa *não* foi confirmada por 13 sujeitos na primeira aplicação e 15 na segunda.

Parece-nos que poderíamos resumir os dados obtidos através destas questões que, em sua maior parte, os jogadores amadores não se consideram pessoas felizes, apesar de, em geral, não terem problemas interiores. Acham, quase todos, estarem realizados na vida, no entanto não aceitam a vida como ela é, acreditam que os outros não têm consideração para com eles, apesar de não se sentirem abandonados pelos amigos. Também têm preocupação para consigo mesmos apesar de, na maioria das vezes, não se interessarem pelos outros e não se considerarem pessoas tristes.

Muitos destes jogadores acreditam ser pessoas tolerantes, apesar de não terem bom humor. Algumas vezes têm dúvidas sobre que atitudes tomar, apesar de não possuírem segurança nas atitudes que tomam. Também ficam tensos e preocupados quando encontram problemas, não acusam os outros dos erros que cometem, na maioria das vezes, e ficam magoados, algumas vezes, quando os outros os criticam.

Não se acham medrosos, acreditam que as opiniões dos outros os influenciam algumas vezes. Não consideram que tenham certeza sobre o certo e o errado, julgam que as convenções sociais não os afetam, na maioria das vezes.

Quase todos os sujeitos acham que os outros não os evitam ou que sejam pessoas submissas, bem como não têm medo da morte.

A grande maioria não se considera satisfeita pelo que fez na vida, entretanto não gostaria de ter uma vida diferente se pudessem reiniciá-la.

Ao chegar ao final destas colocações sobre os jogadores amadores, nos parece viável expor, com uma relativa objetividade, que a maioria evidencia um certo grau de segurança, apesar de insatisfação para consigo mesmo, mais talvez por preocupações de caráter financeiro e profissional do que propriamente sócio-emocional.

Parece haver também um certo grau de conformismo, o que nos enseja a crer que, apesar de se tratar de pessoas que são adolescentes ainda, já estariam tornando suas metas e aspirações muito limitadas, já com um certo grau de acomodação.

Caberia levantar, aqui, um importante questionamento, talvez bastante difícil de ser comprovado: de que modo estes jovens adolescentes são influenciados por todo um *sistema* que seria o futebol e que tipo de modelo seriam os jogadores profissionais para estes *iniciantes*, afetando-lhes, de alguma maneira, o desempenho?

CAPÍTULO 9
ANÁLISE DE DADOS: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS
DAS CORRELAÇÕES ENTRE DESEMPENHO E AUTO-ESTIMA

No presente capítulo discutiremos os resultados obtidos entre as correlações de Desempenho e Auto-estima dos jogadores de futebol pesquisados.

Como nos capítulos anteriores, abordaremos os jogadores profissionais e amadores em separado.

Caberia, nestes momentos, explicar que todos os dados que serão analisados neste capítulo estão sob forma de postos. Isto se deve, principalmente, a que o número de sujeitos é reduzido em cada jogo analisado e, em se tratando de escores obtidos em tipos diferentes de tabulação (um questionário e uma ficha de observação), parece ser mais adequado este tipo de tratamento estatístico. As correlações foram obtidas através do índice de correlação ordinal de Spearman (indicado pela letra r). Outra advertência estaria no sentido de enfatizar que, mesmo não sendo estatisticamente tão significativo a níveis de 0,01 ou 0,05, se evidenciam correlações entre os dados, quer positivos ou negativos.

A tabela 17, que trata de analisar os resultados obtidos pelos jogadores profissionais, demonstra o seguinte.

No jogo nº 1, em que atuaram 11 jogadores, se obteve uma correlação negativa baixa ($r = -0,143$) entre o posto da Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Já entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Desempenho a correlação foi positiva e alta ($r = 0,656$), sig-

nificativa estatisticamente a nível de 0,05. Cabe ressaltar que o escore final do jogo em questão foi empate em 2 x 2.

No jogo nº 2, em que atuaram 12 jogadores, se obteve uma correlação positiva baixa ($r = 0,073$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Já entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Desempenho a correlação foi positiva e alta ($r = 0,427$), entretanto não tão significativa estatisticamente. O escore final deste jogo foi vitória por 3 x 0 e a média de desempenho foi bastante alta (veja-se capítulo 7).

No jogo nº 3, em que atuaram 12 jogadores, se obteve uma correlação positiva muito fraca, quase nula ($r = 0,003$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

A correlação entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho foi positiva e alta ($r = 0,545$) praticamente atingindo o nível de significância de 0,05 (que é de 0,591, segundo Young et Veldman, 1975).

O resultado final do jogo foi empate sem golos.

No jogo nº 4, em que atuaram 11 jogadores, se obteve uma correlação negativa baixa ($r = -0,066$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho a correlação foi positiva baixa ($r = 0,209$).

Note-se que o resultado do jogo foi uma derrota (escore de 1 x 3).

TABELA 17

Profissionais: postos de AEI, AEF, dif AE e D nos cinco jogos observados e suas correlações

	JOGO 1			JOGO 2			JOGO 3			JOGO 4			JOGO 5		
II I)	dif AE	D	AEI	dif AE	D	AEI	dif AE	D	AEF	dif AE	D	AEF	dif AE	D	AEF
				1	1	10							1	3	9
	1	12	11	2	8	11	1	11	11	1	10	5	2	11	10
	2	4	10	3	9	9									
	3	8	12	4	12	12	2	5	12	2	5	11	3	5	11
							3,5	7	2	3	7	1			
	4	1	1	5	4	1	3,5	2	1						
													4,5	1	2
	5	2	2,5	6	2	2	5	3	3	4	4	2	4,5	2	1
	6,5	9	9	7,5	11	8							6,5	6	8
	6,5	10	5	7,5	7	4	6	8	6	5	2	5	6,5	10	3,5
										6	6	9	8	7	7
							7	9	10	7	11	8	9	9	6
	8	11	8	9	6	7	8	12	9				10	8	5
							9	1	4	8	3	3			
	9,5	7	7	10,5	3	6	10,5	4	8	9,5	1	7			
	9,5	6	5	10,5	5	4	10,5	6	6	9,5	8	5	11	4	3,5
	11	3	5	12	10	4	12	10	6	11	9	10			
	12	5	2,5												
II A)	r=-0,143	r=0,656*	r=0,073	r=0,427	r=0,003	r=0,545	r=-0,066	r=0,209	r=0,209	r=0,209	r=0,366				

Correlação ordinal de Spearman - Significativo a nível de 0,05
(segundo Young et Veldman, 1975)

No jogo nº 5, em que atuaram 11 jogadores, se obteve uma correlação positiva baixa ($r = 0,207$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho a correlação foi um pouco mais alta ($r = 0,366$), porém não tão significativa estatisticamente.

O resultado do jogo foi uma vitória por 1 a 0 e a média de desempenho foi a mais alta dos cinco jogos analisados (veja-se capítulo 7).

A tabela 18 trata de analisar os resultados obtidos nos jogos dos atletas amadores.

No jogo nº 1, onde atuaram 12 jogadores, se obteve uma correlação positiva moderada ($r = 0,329$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Desempenho a correlação foi negativa baixa ($r = -0,140$).

O escore final do jogo foi empate em 2 golos e a média do Desempenho foi a mais alta dos cinco jogos analisados (veja-se capítulo 7).

No jogo nº 2, onde atuaram 10 jogadores, se obteve uma correlação positiva alta ($r = 0,433$), porém não tão significativa estatisticamente, entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Desempenho a correlação foi negativa baixa ($r = -0,091$).

TABELA 18

Amadores: postos de AEI, AEF, dif. AE e D nos cinco jogos observados e suas correlações

CÓDIGO	JOGO 1			JOGO 2			JOGO 3			JOGO 4			JOGO 5		
CÓDIGO	dif. AE	D	AEI	dif. AE	D	AEI	dif. AE	D	AEF	dif. AE	D	AEF	dif. AE	D	AEF
A				1	5	10	1	3	11						
B										1	8	5	1	3	6
C	1	5	8										2	9	5
D							2	2	2						
E				2	3	1	3	6	1	2	2	1	3	5	1
F				3	2	8	4	5	9						
G	2,5	3	11												
H	2,5	6	4				5	4	4	3,5	6	2			
I	4,5	8	10	4,5	6	7	7	8	8	3,5	5	6	4,5	8	7,5
J				6	8	5	7	7	7						
L	4,5	1	3	4,5	4	2	7	1	3				4,5	6	2
M	6,5	9	5	7	9	3	9	10	6	5	11	4	6	12	4
N	6,5	7	2												
O										6	1	7			
P										7	9	10	7	4	11
Q	8,5	10	12	8	7	9	10,5	11	12	8,5	4	11	8,5	10	12
R	8,5	12	1				10,5	9	5	8,5	7	3	8,5	7	3
S	10	4	9	9	1	6				10	3	9	10	2	10
T	11	2	7										11	1	7,5
U	12	11	6	10	10	4	12	12	10	11	10	8	12	11	9
OR- ELA AO	r = 0,329	r = -0,140	r = 0,433	r = -0,091	r = 0,806*	r = 0,490	r = 0,114	r = 0,009	r = 0	r = 0	r = 0	r = 0	r = 0	r = 0	r = 0

Correlação ordinal de Spearman - significativo a nível de 0,01

(segundo Young et Veldman, 1975)

O escore final deste jogo foi vitória de 5 a 1.

No jogo nº 3, onde atuaram 12 jogadores, se obteve uma correlação positiva alta ($r = 0,806$), significativa estatisticamente a nível de 0,01, entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho a correlação, apesar de positiva forte ($r = 0,490$), não chegou a ser estatisticamente significativa.

O resultado do jogo foi uma derrota, com escore de 0 a 1, apesar de a média de Desempenho no jogo ter sido relativamente alta (veja-se capítulo 7).

No jogo nº 4, onde atuaram 11 jogadores, se obteve uma correlação positiva baixa ($r = 0,114$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

Entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho a correlação foi positiva muito baixa ($r = 0,009$).

O resultado final do jogo foi uma vitória de 2 a 0.

No jogo nº 5, onde atuaram 12 jogadores, se obteve uma correlação nula ($r = 0$) entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Desempenho.

A correlação entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Desempenho foi negativa muito baixa ($r = -0,051$).

Observa-se que as correlações obtidas entre a Diferença de Auto-estima, Auto-estima Inicial ou Final e Desempenho foram bastante contrastantes, variando desde negativas baixas ($r = -0,143$) até positivas altas e significativas ($r = 0,656$).

com os jogadores profissionais, não sendo, em tese, diferentes daquelas obtidas pelos amadores, que variaram também entre negativas baixas ($r = -0,140$) e positivas altas e significativas ($r = 0,806$).

Parece-nos oportuno salientar, novamente, que estes dados são obtidos através de tratamentos estatísticos, não se tratando, evidentemente, de uma análise qualitativa, além de o número de sujeitos das correlações ser muito baixo (ficando entre 10 e 12 sujeitos por jogo).

Em se tratando de uma série de jogos de futebol, dentro de um campeonato, devemos nos lembrar que existem (veja-se capítulo 7, tabelas 1 a 10) grandes diferenças nos desempenhos individuais dos jogadores ao longo dos jogos e nos desempenhos das equipes como um todo (tanto através das médias de jogo como dos escores finais obtidos) ao longo do campeonato.

Passaremos, agora, a analisar as tabelas 19 e 20, referentes aos resultados obtidos na Auto-estima Inicial e Final, Diferença de Auto-estima, Desempenho e Diferença de Desempenho.

A tabela 19 trata dos dados gerais dos jogadores profissionais (18 sujeitos no total).

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Auto-estima Final houve uma correlação positiva forte ($r = 0,422$), porém não significativa (que estaria em 0,475 para o nível de significância 0,05, segundo Young et Veldman, 1975). Estes dados já foram detidamente analisados no capítulo 8.

TABELA 19
Profissionais: escores, postos correspondentes
e correlações - Resumo

CÓDIGO	AEI	posto	AEF	posto	dif. AE	posto	Média D	posto	dif. D	posto	novo posto dif.AE
A	199	16	186	6	-13	1	279,3	7	70,5	9	1
B	201	17	191	10	-10	2	571,1	18	69	8	2
C	196	15	189	7	-7	3	354,5	10			
D	211	18	206	18	-5	4	383	12	-123,3	2	3
E	175	2	171	2	-4	5,5	351,8	9			
F	169	1	165	1	-4	5,5	230	4	-70,5	3	4
G	179	5	176	4	-3	7,5	154	1			
H	178	3,5	175	3	-3	7,5	218,2	3	12	5	5
I	193	14	191	10	-2	9,5	416	15	-50,3	4	6,5
J	184	8	182	5	-2	9,5	400,1	13	12,7	6	6,5
L	189	13	190	8	1	11	360,3	11			
M	188	12	192	12	4	12	489	16			
N	187	11	193	13	6	13	549,5	17	282,2	11	8
O	183	6	191	10	8	14	160,8	2			
P	186	10	199	16	13	15,5	239	5	-147,5	1	9,5
Q	184	8	197	15	13	15,5	338,1	8	18,5	7	9,5
R	184	8	200	17	16	17	401,9	14	116,8	10	11
S	178	3,5	195	14	17	18	276	6			

Resultados obtidos: coeficiente de correlação ordinal de Spearman

posto AEI com posto AEF $r = 0,422$

posto AEI com posto dif.AE $r = -0,359$

posto AEF com posto dif.AE $r = 0,558$ **

posto AEI com posto média D $r = 0,605$ **

posto AEF com posto média D $r = 0,366$

posto dif.AE com posto média D $r = -0,053$

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Diferença de Auto-estima houve uma correlação negativa moderada ($r = -0,359$) e entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Diferença de Auto-estima a correlação foi positiva forte, sendo significativa a nível de 0,05 ($r = 0,558$). Como podemos observar, a alteração registrada na Auto-estima fica patentizada pela significância do resultado, mostrando inclusive as prováveis flutuações que podem existir entre os diferentes espaços de tempo e, possivelmente, nos desempenhos diferenciados.

Entre o posto de Auto-estima Inicial e a Média de Desempenho de todos os jogos se obteve uma correlação positiva alta e significativa a nível de 0,05 ($r = 0,605$) e entre o posto de Auto-estima Final e a Média de Desempenho de todos os jogos a correlação foi positiva moderada ($r = 0,366$).

Através destes dados podemos inferir que, inicialmente, há correlação significativa entre Auto-estima e Desempenho, o que torna viável este tipo de pesquisa. Entretanto, cabe assinalar que nem sempre é possível a existência da manutenção desta correlação, talvez porque existam variáveis intervenientes não o suficientemente detectadas e que seriam motivo de ênfase em novas áreas de pesquisa entre Auto-estima e Desempenho.

Entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto da Média de Desempenho de todos os jogos a correlação obtida foi negativa baixa ($r = -0,053$).

Estamos ante um curioso resultado, o que nos evidencia que, provavelmente, as diferenças de Auto-estima, aparen-

temente, não correspondem quantitativamente às Médias de Desempenho, tendo que contemplar novas possibilidades de análise (em especial a qualitativa) ou desenvolver exaustivamente uma análise quantitativa sujeito a sujeito, jogo a jogo durante todo o Campeonato, o que já foi tentado por nós, mas dado ao reduzido número de sujeitos, estatisticamente, apesar deste artifício, foi numericamente não significativo, daí porque a ênfase na totalidade dos resultados ser expressa através de postos.

Entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto de Diferença de Desempenho, com os dados recalculados porque esta análise só foi possível de ser realizada com 11 sujeitos (que participaram em um dos dois primeiros jogos e um dos três últimos jogos), a correlação foi positiva baixa ($r = 0,105$).

Este dado é bastante interessante, pois parece-nos provar, mais uma vez, as possibilidades de correlação entre a Auto-estima e o Desempenho. Também nos leva a questionar sobre as inúmeras variantes que se poderiam estabelecer em um tipo de tarefa como a presente.

É importante chamar a atenção que a equipe de jogadores profissionais não conseguiu ganhar o Campeonato de Futebol do qual participou.

A tabela 20 trata dos dados gerais obtidos com os jogadores amadores (20 sujeitos no total).

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto de Auto-estima Final se obteve uma correlação positiva alta e significativa a nível de 0,01, segundo Young et Veldman (1975)

TABELA 20
Amadores: escores, postos correspondentes
e correlações - Resumo

CÓDIGO	AEI	posto	AEF	posto	dif. AE	posto	média D	posto	dif.D	posto	novo posto dif.AE
A	217	20	206	19	-11	1	237,8	9	-25,5	8	1
B	196	17,5	187	10	-9	2	264,8	11			
C	184	11	180	8	-4	3,5	348	14	149	14	2
D	164	7	160	2	-4	3,5	189	3			
E	146	1	146	1	0	5	222,9	7	18,5	11	3
F	195	16	196	14	1	6	226,8	8	40,5	13	4
G	196	17,5	198	15	2	7,5	219,5	6			
H	161	5	163	5	2	7,5	254,5	10	-31,2	7	5
I	190	14	194	11,5	4	10	372,8	15	-56,6	4	7
J	177	10	181	9	4	10	360,3	13	-46,6	5	7
L	158	4	162	3,5	4	10	198	4	24	12	7
M	162	6	169	7	7	12,5	472,1	19	-9,8	9	9
N	155	3	162	3,5	7	12,5	462	18			
O	186	12	195	13	9	14	128	2			
P	194	15	205	18	11	15	274,3	12			
Q	206	19	219	20	13	16,5	425,4	16	7,6	10	10,5
R	152	2	165	6	13	16,5	451,6	17	-373,5	1	10,5
S	187	13	204	17	17	18	211,6	5	-32,8	6	12
T	173	9	194	11,5	21	19	119	1	-86	3	13
U	172	8	199	16	27	20	550,1	20	-95,3	2	14

Resultados obtidos: coeficiente de correlação ordinal de Spearman

posto AEI com posto AEF = 0,832*

posto AEI com posto dif.AE $r = -0,177$

posto AEF com posto dif.AE $r = 0,312$

posto AEI com posto média D $r = -0,101$

posto AEF com posto média D $r = 0,050$

capítulo 8.

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto da Diferença de Auto-estima obteve-se uma correlação negativa baixa ($r = -0,177$) e entre o posto de Auto-estima Final e o posto de Diferença de Auto-estima a correlação foi positiva moderada ($r = 0,312$).

Estes dados aferidos nos demonstram a significância das alterações da Auto-estima, que entretanto, seguiu uma trajetória menos fortemente diferenciada do que a dos profissionais, pois podemos constatar que entre a Auto-estima Inicial e a Diferença de Auto-estima a correlação foi negativa baixa; já entre a Auto-estima Final e a Diferença de Auto-estima a correlação foi um pouco mais forte, o que pode nos provar que, de algum modo, a dinâmica psicológica da Auto-estima não segue a mesma dinâmica entre adolescentes e adultos jovens.

Entre o posto de Auto-estima Inicial e o posto da Média de Desempenho em todos os jogos se obteve uma correlação negativa baixa ($r = -0,101$) e entre o posto de Auto-estima Final e o posto da Média de Desempenho de todos os jogos a correlação obtida foi positiva baixa ($r = 0,050$).

Estes dados obtidos com os jogadores amadores, diversamente daqueles dos profissionais, não demonstram uma significância tão alta, abrindo uma perspectiva de maior necessidade de pesquisas neste campo, evidenciando outras variáveis intervenientes que possivelmente ocasionaram a obtenção destes dados.

Entre o posto de Diferença de Auto-estima e o posto da Média de Desempenho em todos os jogos se obteve uma corre-

lação positiva baixa ($r = 0,202$).

Este dado poderia ser, como aconteceu com os profissionais, também analisado às luzes de uma metodologia que levasse em conta a abordagem qualitativa, cobrindo os aspectos de sujeito a sujeito, jogo a jogo durante todo o Campeonato, a fim de se obter, possivelmente, um grande número de dados para análise.

Entre o posto da Diferença de Auto-estima (aqui recalculado devido à diminuição do grupo de sujeitos nesta análise) e a Diferença de Desempenho (obtido somente com aqueles jogadores que participaram em um dos dois primeiros jogos e em um dos três últimos jogos) a correlação encontrada foi negativa forte ($r = -0,659$), sendo significativa a nível de 0,01, segundo Young e Veldman (1975) (o total de sujeitos da correlação foi 14).

O dado obtido pareceu-nos, a princípio, um pouco contraditório. Como poderia o jogador (e a equipe como um todo) demonstrar uma diminuição tão nítida de desempenho (a nível significativo até estatisticamente), se os jogos foram disputados em seqüência até o final do campeonato (que, ao final, foi ganho por esta equipe)?

Uma resposta encontrada embasa-se nos seguintes fatos. Esta equipe (conseqüentemente os jogadores) encontrava-se em um segundo lugar, no momento dos jogos que foram observados e só venceu o campeonato no último jogo. Talvez aí o porque de, ao longo do campeonato, a análise dos dados demonstrar uma correlação negativa, isto é, jogavam cada vez menos em relação às observações iniciais realizadas e venceram o

Aqui temos, possivelmente, uma explicação de porque a Auto-estima sofrer tantas influências e isto talvez se deva a que os jogadores amadores são adolescentes e apresentam as características peculiares a esta etapa da vida.

CAPÍTULO 10
DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES

* DISCUSSÃO GERAL

Harris (1976) diz que muitos psicólogos sugeriram que a competição desportiva é um fator de compensação da participação do *si mesmo*. Por conseguinte, o conhecimento dos resultados e certo sentido do êxito são essenciais para uma participação continuada.

Embora esta afirmativa seja bastante real, não temos conhecimentos suficientes para saber, com segurança, o que motiva a participação nas atividades desportivas, bem como é bastante difícil prever a interinfluência entre a auto-imagem, e sua conseqüente auto-estima, e o desempenho propriamente dito. Harris cita Jersild, que afirma que o *si mesmo* está composto das próprias características diferenciadas, das habilidades e únicos recursos, além do mais de atitudes, sentimentos e valores que cada pessoa tem sobre si mesma. Deste modo, o *si mesmo* está formado por tudo aquilo que uma pessoa tem sido e serve para contribuir à qualidade e forma de todas as experiências próprias. Esta conceituação é muito interessante mas pode ser ampliada com o que Gergen (citado por Harris) sugere, pois este autor afirma que é provável que o ser humano apresente vários conceitos sobre si mesmo, que conviveriam juntos sob a forma de *máscaras sociais*.

Esta idéia é bastante desafiadora, embora possa questionar um núcleo central da personalidade, porque se pergun-

taria: onde estaria a personalidade unificada? Em que medida estas múltiplas formas personalógicas influenciariam nos desempenhos?

Nossa definição de auto-estima se fez no sentido operacional de respostas, o que não quer dizer que não se aceite como provável a dimensão da unificação da personalidade, bem como as modificações teóricas existentes sobre a auto-imagem (ou auto-conceito) e a conseqüente auto-estima.

Como forma de discussão poderíamos dizer que a auto-imagem, mais atualmente, parece que não é uma representação unitária, senão que consiste nas representações simbólicas que uma pessoa forma das suas diferentes características, isto é, físicas, biológicas, psicológicas, éticas e sociais.

Por outro lado, segundo Johnson (1972), isto parece provocar novas idéias de identificação com as coisas; tipos novos de ações, produções, vinculações e posses, o que nos levaria a pressupor, segundo este autor, que muitas pessoas assumem diferentes atitudes para consigo mesmas, especialmente no que se refere a rendimento (que tomamos como desempenho).

Isto quer dizer que, na verdade, o *relacionamento* auto-imagem e auto-estima com o próprio desempenho é extremamente complexo e começa a ser hoje muito questionado.

Deste modo, se a auto-imagem (que influencia decisivamente na auto-estima) consiste em um conjunto complexo de elementos organizados em relações sistemáticas, este conjunto deverá se caracterizar, provavelmente, por *uma organização e auto-congruência*.

Johnson (1972) novamente nos alerta que a persecução da consistência ou congruência nas atitudes da pessoa consigo própria implica em que ela se esforçará em comportar-se de um modo compatível com suas atitudes.

Na nossa pesquisa acreditamos ter existido uma certa coerência entre a auto-estima expressa e o próprio desempenho. Dizemos *certa* porque, em muitos momentos, ficou evidenciado o descompasso entre as respostas aferidas e os níveis atitudinais que os sujeitos da pesquisa demonstraram.

Uma provável explicação pode ser encontrada não apenas no próprio sujeito mas na imagem que a equipe elaborou sobre si mesma. Deste modo cabe questionar o como foi realizado o histórico da equipe, bem como que níveis de relações interpessoais existem entre os membros da mesma. Se parece verdadeiro que a auto-imagem que uma pessoa tem de si mesma influencia no seu desempenho (existem pesquisas bastante alentadas sobre o assunto, entre as quais podemos citar as de Bodwin (1957), Shaw (1961) e Shaw et Alves (1963), Bledsoe (1964), Combs (1964) e Passow et Goldberg (1962), é verdadeiro também que o grupo pode influir decisivamente para o êxito ou fracasso individual. Pesquisa neste sentido foi realizada por Brookover et Thomas (1964), que tentaram investigar a correlação entre a auto-imagem, o rendimento escolar em geral e o rendimento escolar em disciplinas específicas. Nesta pesquisa a maior correlação aconteceu no grupo de meninos (0,42) e a menor coube para as meninas (0,39). Os grupos de elevado rendimento tinham também um conceito médio de sua capacidade significativamente mais alto que os grupos de rendimento baixo, embora com pontagens de inteligência similares.

Outro ponto que pode ser levantado nesta discussão geral é o quanto as expectativas, as orientações e o *clima* de preparo podem influir sobre o desempenho e a auto-estima.

Estas variáveis não foram estudadas diretamente nesta pesquisa mas podemos, de algum modo, torná-las presentes no sentido de cobrir um espaço entre aquilo que as pessoas acreditam e aquilo que as pessoas realizam.

É importante também ponderar a relevância do ganhar ou perder, pois, tal como sejam colocadas estas metas, poderia se levantar a probabilidade do sucesso ser considerado significativo para o desenvolvimento da personalidade como um todo ou simplesmente, no caso analisado, ser sinônimo de retribuição econômica.

No perder poderíamos perguntar que elementos estão em jogo e se esta perda é sentida como algo próprio ou simplesmente é um mero acontecimento dentro de um trabalho que se realiza como qualquer outro.

Estas questões são relevantes porque é muito diferente uma auto-estima proveniente de um autêntico envolvimento com uma tarefa que consideramos de vital importância, de aquela proveniente de um trabalho rotineiro e comum.

Na presente pesquisa ficou evidenciado que os desempenhos sofrem alterações quantitativas e qualitativas, apesar de que não se tenham aferido estas últimas de maneira sistemática e com instrumentação adequada. Os desempenhos são, de certo modo, formas atitudinais expressas pelos indivíduos, cujas conseqüências se fazem sentir em termos individuais e de

Caberia questionar se as alterações dos desempenhos não estariam unidas a uma percepção da tarefa, bem como ao significado e valor que esta tem para cada indivíduo em particular e para o grupo em especial.

Na auto-estima poder-se-ia discutir as respostas fornecidas como indicadores sutis de conhecimento personalógico e de situação existencial, que já tivemos oportunidade de aprofundar no capítulo 8.

A discussão mais significativa poderia-se estabelecer entre o quanto os sujeitos foram conscientes das suas respostas e a qualidade dos seus desempenhos. Nos inclinamos a pensar que a aparente disparidade pode nos apontar outras variáveis intervenientes que deverão ser descobertas e pesquisadas.

Devemos levar em conta, nesta discussão geral que os jogadores profissionais, por caracterização e por constatação, diferiram dos jogadores amadores, embora estes últimos mostrassem uma grande proximidade e similaridade comportamental, tanto no que diz respeito ao desempenho quanto à auto-estima.

* CONCLUSÕES

As conclusões que apresentaremos se fundamentam, inicialmente, nas questões de pesquisa que emanaram da fundamentação conceitual. Também incluímos outras conclusões que pretendem ser sugestões para futuros trabalhos de investigação.

- a questão de pesquisa: há alterações no Desempe-

nho e na Auto-estima de jogadores profissionais de futebol? pode ser respondida afirmativamente. Houve realmente alterações nos Desempenhos individuais e de equipe, nos jogos observados. Isto pode ser verificado com maiores detalhes no capítulo 7.

No que diz respeito à Auto-estima, os jogadores profissionais registraram uma diferença entre a primeira e a segunda aplicação do instrumento, que não foi estatisticamente significativa (veja-se capítulo 8).

- a questão de pesquisa: há alterações no Desempenho e na Auto-estima de jogadores amadores de futebol? também pode ser respondida afirmativamente. Registramos alterações nos Desempenhos individuais e de equipe, naqueles jogos observados (ver capítulo 7).

Na Auto-estima, os jogadores amadores evidenciaram uma diferença estatisticamente significativa entre a primeira e a segunda aplicação do instrumento (ver capítulo 8).

- a questão de pesquisa: quais as correlações evidenciadas entre o Desempenho e a Auto-estima nos jogadores profissionais e nos jogadores amadores? merece os seguintes comentários sintéticos.

Foram evidenciadas correlações significativas entre os aspectos de Desempenho (quer seja direto, quer seja através de média ou diferença de desempenho) e os aspectos de Auto-estima (auto-estima inicial, final e diferença de auto-estima), nos dois grupos de jogadores.

No grupo de jogadores profissionais se demonstrou

uma correlação significativa a nível de 0,05, entre a Auto-estima Inicial e o Desempenho ($r = 0,656$), quando da análise jogo por jogo. As outras correlações variaram entre $r = -0,143$ e $r = 0,545$.

Na análise global se evidenciou duas correlações significativas a nível de 0,05: entre a Auto-estima Final e a Diferença de Auto-estima ($r = 0,558$) e a Auto-estima Inicial e a Média de Desempenhos ($r = 0,605$). As outras correlações variaram de $r = -0,359$ a $r = 0,422$.

No grupo de jogadores amadores se obteve uma correlação significativa a nível de 0,01 ($r = 0,806$) entre a Diferença de Auto-estima e o Desempenho, quando se analisou jogo por jogo. As demais correlações variaram entre $r = -0,140$ e $r = 0,490$.

Na análise global se evidenciou duas correlações significativas a nível de 0,01: entre a Auto-estima Inicial e a Auto-estima Final ($r = 0,832$) e entre a Diferença de Auto-estima e a Diferença de Desempenho ($r = -0,659$).

Levando em conta todos estes dados, se nota que houve resultados significativos, desde correlações negativas ($r = -0,659$) até correlações positivas ($r = 0,832$), demonstrando-se a possibilidade deste tipo de análise vir a ser viável e interessante.

Pudemos constatar que os jogadores profissionais perderam o Campeonato de futebol, o que não impediu que sua Auto-estima sofresse alterações, embora não significativas estatisticamente. Isto nos leva a sugerir a possibilidade de pesqui-

mudanças de Auto-estima.

Visto que as correlações existentes entre Desempenho e Auto-estima tiveram uma grande amplitude de variação, poder-se-ia sugerir o estudo mais aprofundado da atribuição de causalidade (Rodrigues, 1979 e Dela Coleta, 1982), já que esta seria uma interessante possibilidade para entender porque, mesmo que os indivíduos percam nos jogos, continuem mantendo aparente elevada auto-estima.

Outra sugestão, emanada da realidade analisada, seria a descrição dos fenômenos de treinamento, relacionamento e educação dos atletas nas organizações das quais fazem parte, para, através desta análise situacional, propor formas mais eficientes e eficazes de ensino-aprendizagem com repercussões em todos os sujeitos envolvidos.

Ao concluir este trabalho, e antes de passarmos às proposições educacionais, gostaríamos de salientar o valor humano do desporto, bem como suas repercussões na vida social e cultural dos povos, pois o desporto é uma das atividades mais ricas e completas e de auto-crescimento, para a qual não se necessita apenas ter condições físicas, mas possuir, especialmente, vontade, coragem e sentido ético. Por isto é necessário criarmos ambientes que favoreçam a ação desportiva do homem, não só no sentido recreativo mas, em especial, o de uma auto-realização pessoal que, cremos, influencia decisivamente na auto-realização de equipes e grupos de trabalho.

QUADRO II - PROPOSIÇÕES EDUCACIONAIS

ENUNCIADO	* PARA UM JOGADOR DE FUTEBOL MELHOR	* PARA UMA EQUIPE DE FUTEBOL MELHOR	* PARA UM AMBIENTE DE FUTEBOL MELHOR
OPERACIONALIZAÇÃO DO DESEMPENHO	* Instrumentação de observação de desempenho a fim de detectar grande número de comportamentos específicos e gerais em jogadores de futebol, em trabalhos físicos, técnico-táticos, aprontos coletivos e, especialmente, diversificação das situações de jogo.	* Instrumentação de observação de desempenho com o propósito de apreender os comportamentos mais adequados a cada posição e situação dentro do campo, levantando dados sobre disputas nas equipes profissionais e amadoras, nos jogos amistosos e de oficiais (treinamento em serviço)	* Esclarecimento de toda uma estrutura legislativa e organizativa acerca dos comportamentos considerados corretos, dos não tão aceitáveis, visando uma compreensão dos direitos e infrações. Também um maior conhecimento, seriedade e honestidade na análise e crítica tanto interna como externamente ao sistema organizativo do futebol (especialmente meios de comunicação)
OPERACIONALIZAÇÃO DA AUTO-ESTIMA	* Instrumentação de levantamento de níveis de auto-estima, intervalados ou não, para apurar a consistência entre internalização/externalização dos comportamentos. Conscientização do indivíduo para uma análise pessoal continuada a fim de capacitá-lo a auto-análise reflexiva realista.	* Instrumentação de levantamento de níveis de auto-estima em termos de grande grupo, atentando às interinfluências existentes nesta equipe, em especial fortalecendo comportamentos considerados realistas (positivos) em termos de exemplo, de liderança, de energia pessoal e capacitação para análises situacionais	* Instrumentação de levantamento de níveis de auto-estima nos diversos segmentos da organização desportiva interna e externamente, necessários ao trabalho em grupo inter e multidisciplinar, alertando e levando a uma maior conscientização em termos de comportamentos pessoais e para com os outros (ressaltando o auto-controle crítico-analítico)
RESULTADOS PREVISTOS	* Conscientização individual, de modo a se sentir consistente, coerente, o mais realista possível, a fim de evitar estereótipos, tendo capacidade de análise crítica e auxílio aos colegas e outras pessoas.	* Apuração, fortalecimento e divulgação de elementos considerados construtivos (positivos) para um desenvolvimento de comportamentos mais aceitáveis em termos de treinamento de equipe, concentrações e disputas propriamente ditas.	* Possibilitar um entrosamento melhor em termos de análise e crítica sobre acontecimentos na área desportiva, sabendo ressaltar pontos positivos e negativos que levem ao fortalecimento de comportamentos consideráveis como exemplos, reforçando o sentido de pessoa, grupo, organização e público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANASTASI, Anne. Heredity, environment and the question "How?"
The Psychological Review, 65:197-207, 1958.
- BLEDSON, J.C. Self-concepts of children and their intelligences, achievement, interests and anxiety. *Journal of Individual Psychology*, 20:55-58, 1964.
- BODWIN, F.B. *The relationship between immature self-concept and certain school disabilities*. Michigan State University, tese de doutorado, 1957.
- BORKOWSKI, John G. et ANDERSON, D. Chris. *Psicologia Experimental*. São Paulo, Cultrix, 1981.
- BROOKOVER, W.B. et THOMAS, S. Self-concept of ability and school achievement. *Sociology of Education*, 37:271-278, 1964.
- BUNGE, Mario. *La investigación científica*. Barcelona, Ariel, 1973.
- BURNSIDE, Irene M. et alii. *Psychosocial caring throughout the life span*. New York, McGraw-Hill, 1979.
- CAGIGAL, José M. *Cultura intelectual y cultura física*. Buenos Aires, Kapelusz, 1979.
- CAGIGAL, José M. *¡Oh Deporte! Anatomía de un gigante*. Valladolid, Miñón, 1981.

- CARVALHAES, João. Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol e conseqüente prognóstico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 21(3):82-88, jul.-set. 1969.
- COMBS, C.F. Perception of self and schoolastic underachievement in the academically capable. *Personnel and Guidance Journal*, 43:47-51, 1964.
- COOPERSMITH, Stanley et FELDMAN, Ronald. Fostering a positive self-concept and high self-esteem in the classroom In COOP, Richard et WHITE, Kinnard. *Psychological concepts in the classroom*. New York, Harper and Row, 1974.
- CRATTY, Bryant. *Movement behavior and Motor Learning*. Philadelphia, Lea & Febiger, 1973.
- DELA COLETA, José A. *Atribuição de causalidade: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1982.
- DIETRICH, Georg et WALTER, Hellmuth. *Vocabulário fundamental de Psicologia*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- DRĂGAN, Ioan. *Recuperação no trabalho pelo desporto*. Lisboa, Horizonte, 1981.
- ERIKSON, Erik. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
- ESTADELLA, Antonio F. *Esporte e sociedade*. Rio de Janeiro, Salvat do Brasil, 1979.
- FERREIRA, Berta W. *Adolescência. Teoria e pesquisa*. Porto Alegre, Sulina, 1978.
- FRIEDENBERG, E.Z. In MCKINNEY, John P. et alii. *Psicologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- HAMACHEK, Don E. *Encontros com o self*. Rio de Janeiro, Interamericana, 1979.
- HARGREAVES, David. *Las relaciones interpersonales en la Educación*. Madrid, Narcea, 1977.

- HARRIS, Dorothy. *¿Por qué practicamos deporte?* Barcelona, Editorial JIMS, 1976.
- HURLOCK, Elizabeth. *Desenvolvimento do adolescente.* São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- HURLOCK, Elizabeth. *Developmental Psychology. A life span approach.* New York, McGraw-Hill, 1980.
- JAROV, K.P. *A vitória desportiva e a educação da vontade.* Lisboa, Horizonte, 1982.
- JOHNSON, David. *Psicologia Social de la Educación.* Buenos Aires, Kapelusz, 1972.
- LEVINSON, Daniel J. *The seasons of a man's life.* New York, Alfred Knopf, 1978.
- LIDZ, Theodore. *A pessoa.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- LIMA, Teotônio. *Alta competição - desporto de dimensões humanas?* Lisboa, Horizonte, 1981.
- LÜSCHEN, Günther et WEIS, Kurt. *Sociologia del deporte.* Valladolid, Miñón, 1979.
- MATVÉIEV, L. *O processo do treino desportivo.* Lisboa, Horizonte, 1981.
- MCGUIGAN, Frank J. *Psicologia experimental.* São Paulo, EPU/EDUSP, 1976.
- MCKINNEY, John P. et alii. *Psicologia do Desenvolvimento.* Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Reações do adolescente em face do vestibular e sua auto-estima.* Porto Alegre, Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1974.

- MOSQUERA, Juan J.M. *Adolescência e provação*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina, 1977.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Professor como Pessoa*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina, 1978.
- MOSQUERA, Juan J.M. *O papel educativo da atividade física e do desporto*. Porto Alegre, palestra proferida na Iª Jornada Internacional de Psicologia da Atividade Física e da Recreação, 12 de outubro de 1981.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Vida Adulta. Visão existencial e subsídios de teorização*. *Educação*, PUCRS, 5, 1982a.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Desenvolvimento da Personalidade*. Porto Alegre, Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (aulas ministradas), 1982b.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Os novos papéis dos professores de Educação Física*. *Educação Física e Desportos - Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul*, 2, dez. 1982c.
- MOSQUERA, Juan J.M. *Vida Adulta*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina, 1983.
- MOSQUERA, Juan J.M. et alii. *Personalidade e Ciência Social*. Porto Alegre, Sulina, 1974.
- MOSQUERA, Juan J.M. et FOLBERG, Maria N. *A auto-realização do adulto*. Porto Alegre, Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (pesquisa de âmbito nacional), 1982.
- MOSQUERA, Juan J.M. et STOBBAUS, Claus D. *Educação para a Saúde*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1983.
- MOSQUERA, Juan J.M. et STOBBAUS, Claus D. *Psicologia do Despor-*

- NADLER, David A.; HACKMAN, Richard J. et LAWLER III, Edward E. *Comportamento Organizacional*. Rio de Janeiro, Campus, 1983.
- NUNNALLY, Jum C. *Introducción a la medición psicológica*. Buenos Aires, Paidós, 1973.
- PAPALIA, Diane et OLDS, Sally W. *Human Development*. 2ª ed. New York, McGraw-Hill, 1981.
- PARTISANS. *Deporte, cultura y represión*. Barcelona, Gustavo Gili, 1978.
- PASSOW, H. et GOLDBERG, M. The talented youth project: a progress report. *Exceptional Children*, 28:228-229, 1962.
- PIKUNAS, Justin. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.
- RODRIGUES, Aroldo. *Estados em Psicologia social*. Petrópolis, Vozes, 1979.
- ROSENBERG, Morris. *La autoimagen del adolescente y la sociedad*. Buenos Aires, Paidós, 1973.
- RUDI, P.A. *Psicología de la Educación Física y del Deporte*. Buenos Aires, Stadium, 1976.
- SIDMAN, Murray. *Táticas da Pesquisa Científica*. São Paulo, Brasiliense, 1976.
- SINGER, Robert N. *Motor learning and Human performance*. New York, MacMillan, 1975.
- SINGER, Robert N. *Psicologia dos esportes - mito e verdades*.

- SHAW, M.C. Definition and identification of academic underachievers. *Guidance for the underachiever with Superior Ability*, 8:15-30, 1961.
- SHAW, M.C. et ALVES, G.J. The self-concept of bright academic under-achivers. *Personnel and Guidance Journal*, 42:401-403, 1963.
- STEGLICH, Luiz A. *Terceira idade, aposentadoria, auto-imagem e auto-estima*. Porto Alegre, Curso de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1978.
- STONE, Irving. *A origem. Romance biográfico de Charles Darwin*. Rio de Janeiro, Record, 1981.
- SOBRAL, Francisco. *Introdução à Educação Física*. Lisboa, Horizonte, 1980.
- WEGNER, Daniel et VALLACHER, Robin. *The self in social psychology*. New York, Oxford University, 1980.
- YOUNG, Robert K. et VELDMAN, Donald J. *Introducción a la estadística aplicada a las ciencias de la conducta*. México, Trillas, 1975.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABREU, Maria C.T.A. de. *O papel do professor das disciplinas comuns do ciclo de Ciências Humanas e Educação da PUCSP, na concepção deles*. São Paulo, PUCSP, Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional, 1975.
- ALLEN, D.J. Self-concept and the female participate. *Woman and Sport? A National Research Conference*, The Pennsylvania State University, 1973.
- ANDERSON, Camila M. The self-image: a theory of the dynamics of behavior. *Mental Hygiene*, 36:227-244, 1962.
- ARNAU GRAS, Jaime. *Psicología experimental - un enfoque metodológico*. México, Trillas, 1979.
- ARNOLD, Peter. *Education, Physical Education and Personality development*. London, Heinemann Educational Books, 1972.
- AUSUBEL, David et SULLIVAN, Edmund V. *Theory and problems of child development*. 2ª ed. New York, Grune and Stratton, 1970.
- BARROW, Harold M. et MCGEE, Rosemary. *A practical approach to measurement in Physical Education*. Philadelphia, Lea & Febiger, 1964.
- BEIBENOIT, R. *O desporto na escola*. Lisboa, Estampa, 1974.

- BERNSTEIN, Robert M. The development of the self-esteem during adolescence. *Journal of Genetic Psychology*, 136(2):231-245, jun. 1980.
- BORSARI, José R. et FACCA, Flavio B. (coord.) *Manual de Educação Física*. São Paulo, EPU, 1978.
- BRADY, Peter et alii. Predicting student self-concept, anxiety and responsibility from self-evaluation and self-praise. *Psychology in the Schools*, 15(3):434-438, jul. 1978.
- BRUANT, Gérard. The role of emotional attitudes in the development of sensory-motor skills. *Enfance*, 2(3):123-142, abr.-set. 1978.
- BUIAC, Dumitru. *Andar + Correr = Saúde*. Lisboa, Horizonte, 1980.
- BUMBEL, Otto Pedro. *La logística del Fútbol actual*. Madrid, Esteban Sanz Martínez, 1982.
- BUSCH, Wilhelm. *Fútbol en la escuela*. Buenos Aires, Kapelusz, 1976.
- CALHOUM, George et MORSE, William. Self-concept and self-esteem - another perspective. *Psychology in the Schools*, 14(3):318-322, jul. 1977.
- CARVALHAES, João. Sociometria e experimentação de dinâmica de grupo no futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(1):73-98, jan.-mar. 1971.
- CARVALHAES, João. Inteligência do Atleta de Futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(2):97-101, abr.-jun.

- CARVALHAES, João. Duas experiências de descondicionamento numa equipe de futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 24(4):49-54, out.-dez. 1972.
- CAZELATTI, Sonia et alii. Auto-conceito e participação em atividades físicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 2(1):32-34, 1980.
- COMUNICAÇÕES DO Iº CLINIC A.N.T.B. *Seleccionar, dirigir, preparar - tarefas do treinador*. Lisboa, Compendium, 1980.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL - CBF. *Regras oficiais de futebol*. Rio de Janeiro, Palestra, s.d.
- CONSEIL INTERNATIONALE D'EDUCATION PHYSICHE ET SPORT - CIEPS. *Manifesto do Desporto*, 1965.
- CRATTY, Bryant J. *Psychology and physical activity*. Englewood Cliffs - New Jersey, Prentice-Hall, 1968.
- CRATTY, Bryant J. *Motricidad y psiquismo - en la educación y el deporte*. Valladolid, Miñon, 1979.
- EDGEMON, Connie et CLOPTON, James R. The relationship between physical attractiveness, physical effectiveness and self-concept. *Psychological Rehabilitation Journal*, 2(3):21-25, 1978.
- ENGEL, Mary. The stability of the self-concept in adolescence. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 58:211-215, 1959.
- FRIDAY, Nancy. *O homem e o amor*. São Paulo, DIFEL, 1981.
- FROST, Reuben. *Psychological concepts applied to Physical education and coaching*. Reading-Massachussets, Addison-

- GALLUZZI, Edward G. et ZUCKER, Karl B. Level of adjustment and the self- and others-concepts. *Psychology in the Schools*, 14(3):165-169, jul. 1977.
- GERMAIN, Robert B. Self-concept and self-esteem reexamined. *Psychology in the Schools*, 15(3):359-363, jul. 1978.
- HAVIGHURST, R.J. et TABA, Hilda. *Adolescent character and personality*. New York, Wiley, 1949.
- HAYDEN, Brian. The self and possibilities for change. *Journal of Personality*, 47(3):546-556, set. 1979.
- HEAPS, Richard A. Relating physical and psychological fitness: a psychological point of view. *Journal of Sports Medicine*, 18(4):399-408, dez. 1978.
- HEDDERGOTT, Karl-Heinz. *Fútbol - del aprendizaje a la competencia*. Buenos Aires, Kapelusz, 1978.
- HEGEDÜS, Jorge de. *Teoría general y especial del entrenamiento deportivo*. Buenos Aires, Stadium, 1981.
- HELLBRUN, Alfred. The measurement of identification. *Child Development*, 1:111-124, 1965.
- HESKETH, José L. Perfil psicológico do atleta. *Revista Brasileira de Psicologia Aplicada*, 28(4):127-144, out.-dez. 1976.
- HORROCKS, John E. Actitudes y metas del adolescente. In: SHERIF, Muzafer et SHERIF, Carolyn. *Problemas de la juventud*. México, Trillas, 1970.
- JERSILD, Arthur T. *Psicologia da adolescência*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

- JOHNSGARD, Keith. Personality and performance: a psychological study of amateur sports car race drivers. *Journal of Sports Medicine*, 17(1):97-104, mar. 1977.
- JOHNSGARD, Keith; OGILVIE, Bruce et MERRITT, Kenneth. The stress seekers: a psychological study of sports parachutists, racing drivers and football players. *Journal of Sports Medicine*, 15(2):158-169, jun. 1975.
- JORGERSON, Christabel et JORGERSON, David E. Effects of running on perceptions of self and others. *Perceptual and Motor Skills*, 48(1): 242-248, fev. 1979.
- JOURARD, Sidney M. *Self-disclosure: an experimental analysis of the transparent self*. New York, John Wiley and Sons, 1971.
- JOURARD, Sidney M. *Healthy personality*. New York, MacMillan, 1974.
- KERLINGER, F.N. *Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, EPU, 1980.
- KLEINMAN, S. The significance of human movement: a phenomenological approach In GERBER, E.W. *Sport and the body*. Philadelphia, Lea & Febiger, 1972.
- KNAPP, Barbara. *Desporto e motricidade*. Lisboa, Compendium, s.d.
- KNAUTH, Maristela R. *Aconselhamento: maturidade e auto-conhecimento*. Porto Alegre, PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1979.
- KOURY, Michael A. Crisis: identity. *Adolescence*, 22:228-234, 1971.

- LABENNE, Wallace D. et GREENE, Bert I. *Educational implications of self-concept theory*. Pacific Palisades - California, Goodyear Publishing Company, 1969.
- LANGLADE, Alberto. *Fútbol - entrenamiento para la alta competición*. Buenos Aires, Stadium, 1981.
- LAWTHER, John. *Psicologia desportiva*. Rio de Janeiro, Forum, 1973.
- LISBOA, Lúcio O.M. Aplicação da reflexologia na atividade desportiva. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(2): 59-64, abr.-jun. 1971.
- LISTELLO, Anguste. *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*. São Paulo, EPU, 1979.
- LUNDGREN, David C. Public esteem, self-esteem and interpersonal stress. *Psychology Quartier*, 4(1):69-73, mar. 1978.
- LUTTE, Gerard. *La moi idéal de l'adolescent*. Bruxelles, Charles Dessart, 1971.
- MARCIA, James E. Development and validation of ego identify status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3:551-558, 1966.
- MATOS, Marques de. *As leis do futebol ao alcance de todos*. Lisboa, Compendium, 1980.
- McGLYNN, George et alii. The effect of increasing levels of exercise on mental performance. *Ergonomics*, 22(4):407-414, abr. 1979.
- MEAD, George H. *Mind, self and society*. Chicago, The

- MILLER, Charles J. *A construção de um questionário de auto-satisfação*. Rio de Janeiro, Departamento de Educação da PUCRJ, Dissertação de Mestrado, 1974.
- MOUSTAKAS, Clark E. *The self explorations in Personal Growth*. New York, Harper and Row, 1956.
- PEZER, Vera et BROWN, Marvin. Will to win and athletic performance. *International Journal of Sport Psychology*, 11(2):121-131, 1980.
- RAMOS, Edith. Liderança e relações humanas no contexto de um estudo sociométrico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(2):73-95, abr.-jun. 1971.
- READ, D.A. *The influence of competitive and noncompetitive programs of physical education on body-image and self-concept*. Boston, Boston University, Tese de Doutorado, 1968.
- RIOUX, Georges et CHAPPUIS, Raymond. *Elementos de psicopedagogia deportiva*. Valladolid, Miñón, 1978.
- RIOUX, Georges et CHAPPUIS, Raymond. *Cohesión del equipo*. Valladolid, Miñón, 1979.
- RÓKUSFALVY, Pál. *Sport psychology*. Leipzig, Limpert, 1980.
- ROTHFARB, H.I. *A study of the psychological needs and self-esteem of college men who exercise regularly*. Boston, Boston College, Tese de doutorado, 1970.
- RODRIGUES, Aroldo. *A pesquisa experimental em Psicologia e Educação*. Petrópolis, Vozes, 1975.

- RUBIN, Rosalyn A. Stability of self-esteem ratings and their relation to academic achievement: a longitudinal study. *Psychology in the Schools*, 15(3):351-359, jul. 1978.
- RYAN, Allan et ALLMANN, Fred. *Sports Medicine*. New York, Academic Press, 1979.
- SAGE, George H. Humanistic Psychology and coaching In STAUB, William F. *Sport Psychology and analysis of athlete behavior*. New York, Monvement, 1978.
- SCALCAN, Tara K. et PASSER, Michael W. Factors related to competitive stress among male youth sport participants. *Medicine and Science in Sports*, 10(2):103-108, 1978.
- SEIDEL, Beverly et RESICK, Matthew. *Physical Education: an overview*. Reading - Massachusetts, Addison - Wesley, 1972.
- SELLTIZ, C. et alii. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo, Herder, 1977.
- SHEEHY, Gail. *Passagens. Crises previsíveis da vida adulta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.
- SCHILDER, Paul. *Imagen y apariencia del cuerpo humano*. Buenos Aires, Paidós, 1977.
- SCHNEIDERS, Alexander. *Adolescents and the challenge of maturity*. Milwaukee, Bruce, 1965.
- SCHUBERT, Frank. *Psychologie-zwischen Start und Ziel*. Leipzig, Sportverlag Berlin, 1981.
- SIEGEL, Sidney. *Nonparametric statistics for the behavioral sciences*. New York, McGraw-Hill, 1956.

- SIMON, William E. et SIMON, Marylin G. Self-esteem, intelligence and standartized academic achievement. *Psychology in the Schools*, 12(2):97-100, abr. 1975.
- SMITH, Ronald E. et SMOLL, Frank L. *Psychological perspectives in Youth Sports*. Washington, Hemisphere, 1978.
- SEURIN, Pierre. A educação física e desporto: cooperação ou conflito. *Revista Brasileira de Educação Física*, 3, 1973.
- SOBRAL, Francisco. *Para uma teoria da Educação Física*. Lisboa, Diabril, 1976.
- SONSTROEM, Robert J. The validity of self-perception regarding physical and athletic ability. *Medicine and Science in Sports*, 8(2):126-132, 1976.
- SONSTROEM, Robert J. Physical estimation and attraction scales: rationale and research. *Medicine and Science in Sports*, 10(2):97-102, 1978.
- SOSSAI, J.A. *Auto-conceito: um estudo com adolescentes da cidade de São Paulo*. São Paulo, USP - Instituto de Psicologia, Dissertação de Mestrado, 1975.
- STOBAUS, Claus D. et alii. *O adulto e a Saúde, Atividade física desportiva e a Ciência*. Porto Alegre, Curso de Pós-graduação em Educação da UFRGS, trabalho monográfico inédito, 1982.
- STRANG, Ruth. Self-concept of gifted adolescents. *The High School Journal*, 2:102-106, 1964.

- STAMM, Julian L. The meaning of humiliation and its relationship to fluctuation in self-esteem. *International Review of Psycho-analysis*, 5(4):425-433, 1978.
- TRINIDAD, Milton. *Fútbol, ¿sólo habilidad?* 2ª ed. Barcelona, Hispano Europea, 1975.
- VANCE, John J. et RICHMOND, Bert D. Cooperative and competitive behavior as a function of self-esteem. *Psychology in the Schools*, 12:225-229, abr. 1975.
- VANDERZWAAG, Harold. J. *Toward a philosophy of Sport*. Reading-Massachusetts, Addison - Wesley, 1972.
- WASNA, María. *La motivación, la inteligencia y el éxito en el aprendizaje*. Buenos Aires, Kapelusz, 1974.
- WYLIE, Ruth C. *The self-concept*. Lincoln, University of Nebraska Press, 1974.
- WUKMIR, V.J. *El hombre ante sí mismo*. Barcelona, Luiz Miracle, 1964.
- ZOLADZ, Rosza. Aspectos psicopedagógicos do futebol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23(1):39-63, jan.-mar. 1971.

A N E X O S

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO

O presente questionário é de caráter individual e sigiloso. Gostaríamos de que seus dados fossem preenchidos o mais precisamente possível. Marque com um x a alternativa que você considera mais correta. Obrigado.

s	q	s	a	v	q	n	n
i	u	e	l	e	u	u	ã
m	a	m	g	z	a	n	o
	s	p	u	e	s	c	
	e	r	m	s	e	a	
	e	a					
		s					

1. Gostaria de saber jogar futebol melhor?

--	--	--	--	--
2. Tenho problemas de saúde?

--	--	--	--	--
3. Considero satisfatória minha situação financeira?

--	--	--	--	--
4. Gostaria de ter maior êxito profissional?

--	--	--	--	--
5. Gostaria de ter saúde diferente?

--	--	--	--	--
6. Gostaria de estudar mais?

--	--	--	--	--
7. Preocupo-me com minha situação financeira?

--	--	--	--	--
8. Considero-me profissionalmente realizado?

--	--	--	--	--
9. Sinto-me, profissionalmente, inferior aos meus colegas?

--	--	--	--	--
10. Gosto de aprender?

--	--	--	--	--
11. Sei encontrar soluções para os problemas que aparecem?

--	--	--	--	--
12. Tenho boa memória?

--	--	--	--	--
13. Tenho facilidade de criar idéias?

--	--	--	--	--
14. Considero-me uma pessoa feliz?

--	--	--	--	--
15. Tenho curiosidades em conhecer coisas

--	--	--	--	--

s	q	s	a	v	q	n	n
i	u	e	l	e	u	u	ã
m	a	m	g	z	a	n	o
	s	p	u	e	s	c	
	e	r	m	s	e	a	
	e	a					
		s					

- 16. Tenho planos para o futuro?
- 17. Sinto conflitos interiores?
- 18. Considero-me uma pessoa realizada na vida?
- 19. Gostaria de ser mais inteligente?
- 20. Fico tenso e preocupado quando encontro problemas?
- 21. Gostaria de ter memória melhor?
- 22. O meu passado deveria ter sido diferente?
- 23. Canso-me facilmente?
- 24. Consegui, até agora, realizar o que pretendia na vida?
- 25. Preocupo-me muito comigo mesmo?
- 26. Interesse-me pelos outros?
- 27. Aceito a minha vida como ela é?
- 28. Tenho boas relações com as pessoas mais íntimas?
- 29. Penso que os outros não têm consideração comigo?
- 30. Relaciono-me bem com meus parentes?
- 31. Parece-me que os outros têm vida melhor que a minha?
- 32. Sinto-me abandonado pelos meus amigos?
- 33. Sou dependente dos outros nas minhas necessidades econômicas?
- 34. Sinto segurança em minhas atitudes?
- 35. Considero-me uma pessoa tolerante?

s	q	s	a	v	q	n	n
i	u	e	l	e	u	u	ã
m	a	m	u	z	a	n	o
	s	p	m	e	s	c	
	e	r	a	s	e	a	
		e	s				

- 36. Tenho senso de humor?
- 37. Tenho dúvidas sobre a que atitude tomar?
- 38. Aceito opiniões diferentes da minha?
- 39. Sou uma pessoa triste?
- 40. Acuso outros de erros que eu cometo?
- 41. Sinto-me magoado quando os outros me criticam?
- 42. Sou uma pessoa medrosa?
- 43. As opiniões dos outros têm influência sobre mim?
- 44. Tenho certeza sobre o que está certo ou errado?
- 45. Sou uma pessoa submissa?
- 46. As convenções sociais me afetam?
- 47. Sinto que os outros me evitam?
- 48. Tenho medo da morte?
- 49. Considero-me uma pessoa satisfeita?
- 50. Se pudesse começar tudo de novo, gostaria de ter uma vida diferente?

* COMPLEMENTO DO ANEXO 4

GRADE DE APURAÇÃO DE RESPOSTAS

Perguntas referentes à auto-imagem e sua contagem de pontos
(p - progressivo, r - regressivo):

1(p), 2(p), 3(r), 8(r), 10(r), 11(r), 13(r), 14(r), 15(r),
16(r), 18(r), 19(p), 21(p), 23(r), 24(r), 26(r), 28(r),
30(r), 33(p), 35(p), 36(r), 38(r), 40(p), 41(p), 44(r),
45(p), 49(r).

Perguntas referentes à auto-estima e sua contagem de pontos:

4(p), 5(p), 6(p), 7(p), 9(p), 12(r), 17(p), 20(p), 22(p),
25(p), 27(r), 29(p), 31(p), 32(p), 34(r), 37(p), 39(p),
42(p), 43(p), 46(p), 47(p), 48(p), 50(p).

A contagem de pontos será feita levando-se em conta estas
duas seqüências. Exemplo:

* pergunta nº 1 (progressivamente)

Se o atleta marcou na primeira coluna (sim) obtém 1 ponto.

* pergunta nº 8 (regressivamente)

Se o atleta marcou na primeira coluna (sim) obtém 5 pontos.

